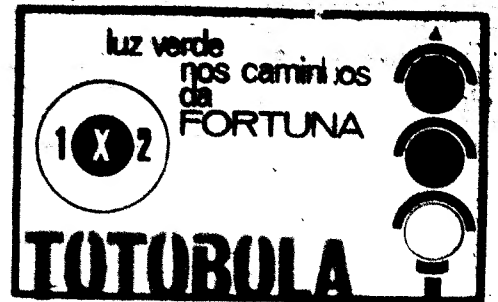


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 8 DE MAIO DE 1960 N.º 16 660 ANO 49.º UM ESCUDO



SEGUNDO O SEMANÁRIO «DER SPIEGEL»

Israel já tem a bomba "A"



Alain Krivine, um dos candidatos à presidência, Krivine conta com o apoio de Cohn-Bendit. (Ler na página 17)

MONTREAL, 8 — (R.) — A «Montreal Gazette» afirma hoje que Israel fabricara já cinco bombas nucleares e tinha quase terminada uma sexta.

Num artigo publicado na primeira página, da autoria de Peter Lust, o perito do jornal sobre assuntos alemães, aquele jornal diz que a existência das bombas fora descoberta por um grupo de jornalistas do semanário alemão ocidental «Der Spiegel», onde a reportagem seria inserida ainda esta semana.

«Sem realizar qualquer explosão experimental, Israel tornou-se a sexta potência nuclear do Mundo», escreve a «Montreal Gazette».

«Cinco bombas de 20 quilómetros — semelhantes o tipo daquelas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki — estão terminadas. Uma sexta está quase pronta.»

«As bombas foram colocadas no centro de ensaios nucleares de Israel, no deserto de Negev, a 18 quilómetros da colónia pioneira de Dimona, a meio caminho entre Beersheba e a extremidade meridional do Mar Morto.»

Segundo o jornal, logo que as bombas ali foram colocadas, seguiram com urgência para destino desconhecido, «cuja localização exacta é o segredo militar mais bem guardado de Israel.»

«Em Janeiro ultimo, a N. B. C. (National Broadcasting Company) transmitiu um programa alegando que a primeira bomba nuclear de Israel estava quase pronta. Israel publicou imediatamente um desmentido. Parece, porém, que a N. B. C. falhou a data exacta apenas por 18

se o presidente interino Alain Pöher concorrer contra ele.

Contudo, uma sondagem

(Continua na 17.ª página)

(Continua na 17.ª página)

A maioria dos franceses acredita na vitória de Georges Pompidou

PARIS, 8 — (R.) — A maioria dos franceses acredita que o candidato socialista Georges Pompidou ganhará a eleição presidencial em França mesmo



Palavras de aplauso ao «Diário de Lisboa» a propósito da local sobre exibição de filmes

Nos meios relacionados com a exibição de filmes em Portugal, foi recebido com júbilo o comentário que ontem publicámos na secção «De vez em quando». Foram diversas as pessoas que nos felicitaram, nomeadamente exibidores de Lisboa a quem o problema diz mais directamente respeito.

Por sua vez, a União de Grémios dos Espectáculos enviou ao «Diário de Lisboa», assinado pelo seu presidente, sr. dr. Manuel Teles, o seguinte telegrama:

«A U. G. E. agradece e aplaude a justiça e a oportunidade da local ontem publicada — secção «De vez em quando» — referente ao problema da classificação de fil-

mes. Bem haja, sr. director, pelo valioso contributo mais uma vez dado por esse jornal.

(Continua na última página)

O desfile de uma secção dos serviços femininos das Forças Armadas da Tanzânia, durante as celebrações, em Dar-es-Salaam, do quinto aniversário da união entre a Tanzânia e a ilha de Zanzibar. O primeiro desses dois territórios tem mais de dez milhões de habitantes, enquanto a população do segundo não chega a meio milhão

UMA VOZ E UM VIOLÃO



«Nasci em Eindhoven (Holanda) há dezanove anos. Lá aprendi a tocar viola...» disse-nos a capçonetista Lenny Kuhr, vencedora do recente Festival da Eurovisão. E fez mais revelações, que reproduzimos na 4.ª página.

COMEÇOU O INQUÉRITO AOS ESTUDANTES SUSPENSOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COIMBRA, 8. — Começou já o inquérito mandado levantar pelo ministro da Educação Nacional aos oito dirigentes universitários suspensos na sequência dos acontecimentos de 17 de Abril.

Os inquiridores, dr. Manuel António Lopes Rocha, adjunto do Procurador da República, e inspector José Manuel Azambuja, da Po-

licia Judiciária, ouviram os estudantes suspensos, alguns professores e o reitor e vice-reitor da Universidade, respectivamente, profs. Andrade Gouveia e Miranda Barbosa.

O problema dos exames A reitoria da Universidade de Coimbra tornou pública a seguinte nota:

«Tendo-se propalado que não se realizarão exames na época de Junho-Julho, a reitoria da Universidade de Coimbra esclarece que se não prevê qualquer adiamento de actos.»

ULTIMATO A WILSON

(Ler na pág. 17)

HOJE 36 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

A ABERTURA DO 3.º CONGRESSO DE FUNDIÇÃO

É tão importante a qualidade do produto como a eficiência no rendimento do trabalho

— afirmou o Secretário de Estado da Indústria

PORTO, 8 — Com a presença do sr. eng. Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria, foi hoje de manhã inaugurado no Serviço de Fomento Mineiro, o 3.º Congresso Nacional de Fundição, organizado pela Associação Portuguesa de Fundição.

A sessão inaugural foi presidida por aquele membro do Governo, que se encontrava ladeado pelos srs. dr. Carlos Graça, governador substituto, eng. Magalhães Ramalho, director do I. N. I. E., eng. Jorge Ferrelinha, presidente da Associação Portuguesa de Fundição, conselheiro da Grã-Bretanha, em representação do embaixador, eng. Soares Carneiro, director-geral dos Serviços Geológicos e de Minas, e eng. Chagas Roquete, presidente da assembleia geral da Associação de Fundição.

Abriu a sessão o eng. Jorge Ferrelinha afirmou ser um grato prazer o que lhe dá a oportunidade de estar aqui, e depois, cumprimentou o sr. Henton Morrogh, director da British Cast Iron Research Association, uma das maiores sociedades em todo o mundo no sector da metalurgia dos ferros fundidos. Teve, depois, palavras de agradecimento para outras entidades, para a seguir, chegar a um apelo ao Governo, já que a indústria de fundição pode vir a ser uma das mais importantes actividades industriais do País e uma das suas maiores fontes de divisas. A Europa, disse, é um imenso comprador de peças fundidas, com as suas gigantescas indústrias de automóveis, electrodomésticos, máquinas ferramentas, construção civil, etc., que consomem num dia o que Portugal produz num ano em ferro fundido e aço vazado, não falando já nas ligas não ferrosas. Todavia, a Europa tem dificuldades crescentes de abastecimento, já que as suas fundições,

principalmente por falta de mão-de-obra, não estão a acompanhar o aumento de consumo. Das grandes possibilidades já comprovadas por algumas fundições portuguesas que concorrem em preço e qualidade nos exigentes mercados da Grã-Bretanha, Suécia, Alemanha e Suíça, entre outros, contribuindo com mais de 100 mil contos por ano nas exportações da indústria metalomecânica nacional.

Continuando, o sr. eng. Jorge Ferrelinha disse que a A. P. F. deve deixar de ser um clube exclusivo da elite da fundição portuguesa e referiu-se a vários problemas com que esta indústria luta, entre os quais, um dos maiores é o da formação profissional.

A terminar, afirmou que a A. P. F. esperava da esclarecida visão do secretário da Indústria, como o intérprete dos industriais dentro do Governo, a resolução daqueles problemas, uma vez que dela depende a projecção europeia de uma indústria base.

Falou, depois, o secretário de Estado da Indústria, sr. eng. Rogério Martins, que disse:

«Quem me ouviu anteriormente na Associação Industrial Portuguesa não pode ter dúvidas quanto ao interesse que concede a uma Associação como esta da Fundição, e como por isso me honro com o poder participar ao menos no início dos trabalhos do seu terceiro Congresso.

O primeiro, em Novembro de 65, foi sob o signo da «colaboração», a grande aventura que rasgava novas horizontes para um sector minúsculo até aí na luta estéril e que através desta «dieta-gula» sentia com entusiasmo ter vencido a fase da desesperança.

O segundo, em Abril de 67, centrou-se na «qualida-

de», entendida sobretudo como precisão tecnológica e fiabilidade produtiva; era a fase naturalmente subsequente, o aprofundar das implicações e aplicações da técnica científica que, ultrapassando o pragmatismo incerto desse nível industrial ao conjunto do sector que em largas zonas ainda não merecia em rigor o epíteto, no sentido em que modernamente se entende.

Mas tendo tomado o gosto a cooperar associados, e dominada a batalha da tecnologia produtiva era logicamente decorrente que os industriais fundidores se descobrissem empresários com a problemática da economia fabril. Por isso se centra este terceiro Congresso no tema «produtividade»; dos meios, financeiros e humanos, ao dispor de cada unidade deve poder tirar-se a máxima eficiência, e isso é no fundo o único modo de os valorizar seu modo exige.

Bem sabem os senhores como é fundamental a análise nesta perspectiva para a correcção da situação em que a vossa indústria se encontra. Como sabem, a vossa produtividade por operário é globalmente não mais de um terço a um meio da corrente no resto da Europa; aliás, conhecem um excelente estudo do I. N. I. E. feito com a colaboração da vossa associação e editado no ano findo que exaustivamente se aplicou a medir directamente a produtividade da vossa indústria e espero tenham fructuosamente meditado e utilizado para medidas correctivas a que ele tão claramente incita.

E para a indústria fundidora portuguesa é tão indissociável ter completo domínio da qualidade do produto como é ser altamente eficiente quanto a rendimentos de trabalho: só assim poderá devesas competir nos mercados externos, e é vital para a indústria conquistados e neles se consolidar. As nossas capitulações de fundidos são ainda baixíssimas, da ordem de um décimo a um quinto das que se encontram nos países europeus; ora a fundição é uma indústria mais arrastada que arrastante no nosso processo de desenvolvimento económico, e para que o seu mercado interno aumente depende ela essencialmente dos impulsos de arranque das químicas, cimentarias, siderúrgicas ou metalomecânicas; precisa de exportar, e exportar seriamente, para encontrar vazão às suas possibilidades de progresso.

É claro que terá no processo de se reestruturar, porque não é com a centena e meia de unidades, na fundição de ferrosos, cujo número médio de pessoal activo é metade a um terço das médias europeias, que encontrará condições para o tal domínio da qualidade e o tal incremento da produtividade que se sabem indispensáveis. Ora é ainda aqui que creio poder tirar-se uma lição de actividade e dignificar como cada um a tarefa dos empresários mais esclarecidos do sector, válida nacionalmente para além dele.

Com efeito, é um segredo

felizmente mais guardado que levaram a cabo a preparação de um projecto de regulação do exercício da indústria, que seguirá os seus trâmites processuais espero que suficientemente depressa para em breve eu ter de sobre ele despaçar, mas que desde já, pelo que simboliza, não posso deixar de publicamente saudar. É que no fundo, o verdadeiro condicionamento das actividades industriais é deste modo que resulta eficaz pela autodisciplina sectorial, sob a pressão conscientemente sentida pelos industriais das duras leis da sobrevivência económica e num esforço centrado na melhoria do seu grau de resistência competitiva aos grandes ventos do mundo e não na obtenção como prebenda de um lucro especulativo ou preguiçoso num cantinho feudalmente defendido.

Ao serem os próprios industriais a propor a regulamentação da sua indústria; ao incluírem nela coisas tão decididamente progressivas como a fixação como mínimo para se ter direito de cidade, de uma produção que ronda duas vezes ou duas vezes e meia a produção média das unidades actuais, e cito este pormenor «en passant» porque o creio elucidativo do espírito exemplar que animou o trabalho ao mostrarem-se tão corajosamente lúcidos, não há, senhores industriais fundidores portugueses, senão que vos dar parabéns para vos incitar a progredir.

E nestes termos creio estar-mos entendidos: que seja digno da obra por vós até hoje tentada o trabalho do congresso que ora se inaugura.

No final, foi inaugurada, num pavilhão anexo, a II Exposição Internacional de Fundição, tendo depois começado as sessões técnicas, com a apresentação da conferência inaugural pelo sr. H. Morrogh.

A publicidade portuguesa é das mais progressivas e válidas da Europa

—opinião dos membros do júri do Prémio Rizzoli

—No consenso geral, o nível da produção publicitária nacional em 1964, agora apreciada em Itália, situa-se muito acima da média — afirma o sr. Benjamim de Mello, adjunto da Direcção-Geral da Belarte, à sua chegada de Roma, onde participou nos trabalhos do júri do VII Prémio Europeu Rizzoli.

Segundo este técnico, alguns dos anúncios portugueses concorrem ao importante certame justificaram comentários muito honrosos, tendo havido até quem defendesse a candidatura de um deles para o Primeiro Prémio Europeu. E o sr. Benjamim de Mello acrescentou:

— Quando há tempos, em mais uma feliz iniciativa do autêntico pioneiro que é o sr. António Coelho, director-gerente da Belarte, veio a Portugal a exposição dos Prémios Rizzoli, uma alta individualidade italiana, o dr. Ernesto Padova, acentuou que os trabalhos portugueses de especialidade eram cotados entre os mais progressivos e válidos da Europa.

No certame deste ano, anúncios das agências Exito, Latina, Marca, Forma e Promo, entre outros, foram lustamente distinguidos pelos técnicos presentes. Para o adjunto da Direcção-Geral da Belarte nota-se crescente melhoria na produção portuguesa, e isso deve-se ao maior contacto internacional, implicando o intercâmbio e aperfeiçoamento de profissionais e até maior proximidade dos empresários portugueses face aos problemas da publicidade, e ao desenvolvimento económico do País que trouxe consigo, naturalmente, a

criação de agências à escala internacional e impôs adequado apetrechamento das mais antigas empresas do sector que pretendiam subsistir.

Última revelação do sr. Benjamim de Mello: está em marcha a ideia de o júri do Prémio Rizzoli passar a reunir, em cada ano, num dos países que actualmente concorrem ao certame, e são muitas as probabilidades de Portugal ser a primeira nação escolhida para esse efeito.

ROTARY CLUB DE LISBOA OESTE

No decorrer de um jantar que se realiza no próximo sábado, às 21 e 30, na F. L. L., será entregue ao Rotary Club de Lisboa Oeste a carta constitucional.

ALMADA NA RÁDIO

Onde arte — programa radiofónico do concelho de Almada, transmite logo, na sua emissão das 19 e 30 horas, através dos Emissores Associados de Lisboa, uma entrevista de grande interesse regional e nacional com o sr. dr. Alexandre Freire, sobre o Centro Turístico Internacional da Costa da Caparica.

Publica-se a seguir o horário das emissões diárias do Ondearte: aos domingos, após a transmissão dos relatos do futebol; às segundas-feiras, pelas 19 e 30 horas; terças, às 19 horas; quartas, às 13 e 30 horas; quintas, às 19 e 30 horas; sextas, 20 e 30 horas; e aos sábados, às 20 e 30 horas.

DE ONTEM PARA HOJE

COMÉRCIO LUSO-ALEMÃO

O comércio luso-alemão e a promoção de exportações portuguesas para a Alemanha e os investimentos directos dos alemães em Portugal foi o tema de palestras proferidas ontem no banquete da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã. Duas centenas de associados estiveram presentes e alguns convidados. O dr. Pedro Pinto Leite Oliveira disse: «O «deficite» da balança de pagamentos entre os dois países continua, pois, claramente desmiolado em desfavor de Portugal. Embora a balança de pagamentos apresente números mais equilibrados, devido, sobretudo, à entrada de divisas dos turistas alemães que nos visitam, e às transferências enviadas pelos emigrantes portugueses trabalhando na Alemanha, e certo é que se deve continuar a trabalhar para modificar tal situação. Mas não com medidas restritivas que por qualquer forma dificultassem a entrada dos produtos alemães no mercado nacional, e que seria contrária, não só à desejável expansão do comércio luso-alemão mas, também, pernicioso para o normal desenvolvimento industrial português, se atentarmos que cerca de 35 por cento das importações se referem a bens de equipamento de alto valor técnico, tais como máquinas e instalações mecânicas e eléctricas. Depois o dr. Alvaro Ramos Pereira preferiu uma palestra sobre «Mercados de dinheiro e relações económicas internacionais — O crédito e a segurança do crédito à exportação».

GOVERNADOR DA BAIA

O dr. Luís Viana Filho, governador da Baía, que se encontra entre nós, foi ontem recebido pelo sr. Presidente do Conselho, prof. dr. Marcello Caetano. Visitou ainda as instalações do Laboratório Nacional de

Engenharia Civil e do Laboratório de Física e Energia Nuclear, em Sacavém. À noite esteve no jantar oferecido pela Academia Internacional de Cultura Portuguesa, de que foi eleito académico correspondente.

PALÁCIO DE BELEM

O sr. Presidente da República recebeu os srs. brigadeiro Pereira do Nascimento, secretário de Estado da Aeronáutica; prof. José Garrido Torres, vice-reitor da Universidade Católica do Rio de Janeiro; António de Medeiros e Al-

meida, presidente da comissão organizadora da Fundação Salazar; eng. Luís de Azevedo Coutinho; António de Sousa Lora; e eng. Fernando Mota Gaião; e ainda os corpos directivos do Clube de Vela do Atlântico.

Cofres de aluguer
Av. Republica, 3
BANCO DO ALENTEJO

Lanza
BOUTIQUE

INAUGURA DEPOIS DE AMANHÃ AS SUAS INSTALAÇÕES ONDE

apresenta a «nova linha» de sapatos e modas dos melhores modelistas franceses e italianos
RUA JOSÉ FALCÃO, 68-A TELEF. 47994

MERCEDES

Vende empresa, corrinha usada, 190 D, 4 portas, 3 bancos, 1965, motivo uniformização de frota. Para ver, telef. 370432.

A actividade diplomática de Saigão com vista ao período pós-guerra

SAIGÃO — O Vietnam do Sul está a fazer um esforço concertado, com a aprovação discreta dos Estados Unidos, para restabelecer as relações diplomáticas com os seus vizinhos do Sudeste Asiático, cuja amizade poderia ser preciosa após uma solução de conflito vietnamita.

O presidente Thieu resolveu a semana passada aos jornalistas encontrar-se com o restabelecer relações amistosas com o Camboja, e restar relações diplomáticas com a França, trocando novamente embaixadores. Como é sabido a França foi durante muito tempo a nação colonizadora no Vietnam.

E o ministro dos Negócios Estrangeiros de Saigão, Tran Chan Thanh, enviou emissários à Indonésia, sugerindo a este país a normalização das relações diplomáticas interrompidas em 1962.

As razões do Governo de Saigão — e as de Washington — são fáceis de compreender, em particular no referente ao Camboja. O próprio presidente Nixon encontra-se ansioso por restabelecer as relações diplomáticas com o príncipe Sihanuk.

A importância do restabelecimento de contactos directos com aquele que exerce poder absoluto no Camboja deve-se à necessidade de obter a sua cooperação no policiamento de uma retirada eventual das tropas norte-vietnamitas ao mesmo tempo que a das forças americanas — se isto se tornar uma das condições de uma solução em Paris.

O príncipe Sihanuk reconheceu que as forças norte-vietnamitas utilizam — sem sua autorização — como santuário, as províncias orientais do Camboja, depois de se baterem no Vietnam.

Pensa-se em Saigão que as recentes conversações de Gaulle-Nixon (quando da viagem à Europa do presidente dos Estados Unidos) contribuíram para diminuir a hostilidade do príncipe Sihanuk em relação aos Estados Unidos e ao Vietnam do Sul. O príncipe Sihanuk é admirador do General de Gaulle, ainda que o seu país, como o Vietnam, tenha feito parte

neutralista, e recentemente mostra cada vez mais a sua preocupação pela ocupação, mais ou menos permanente, de partes longínquas do seu país por forças sul-vietnamitas que passam as fronteiras, por demarcar, do seu país a fim de perseguir os comunistas.

Integridade do Camboja

O presidente Nixon tomou a iniciativa de dar a saber ao príncipe Sihanuk, por intermédio do embaixador da Austrália em Phnom Penh, que os Estados Unidos estão prontos a reconhecer a integridade territorial do Camboja... no interior das suas actuais fronteiras.

O Príncipe Sihanuk mos-

o Camboja e o Vietnam do Sul seguir-se-ia provavelmente a das relações diplomáticas entre Washington e Phnom Penh. A ruptura das relações entre o Camboja e o Vietnam do Sul, em 1962, foi provocada por diversos incidentes fronteiriços, e pelas reivindicações do Camboja sobre uma parte do palácio dos Altos Comissários franceses em Saigão — pela qual o Governo do Camboja pede compensações.

A importância de questões deste género não é de subestimar na Ásia.

Aproximação com a França

A aproximação com a França empreendida pelo presidente Thieu talvez tenha por objectivo desenvolver o prestígio de Saigão em Paris, para contrabalançar os esforços dos norte-vietnamitas e da Frente de Libertação Nacional. O objectivo desta batalha é representado pelos cerca de 70 mil vietnamitas que vivem em Paris.

Os esforços de Saigão em direcção à Indonésia só estão no início, tendo sido enviado a Jacarta, com credenciais do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Saigão, um antigo jornalista desta cidade, em teoria para ali reabrir o gabinete de Imprensa do seu Governo. Acaba de obter o visto, após dois meses de espera em Singapura.

Parece ter chegado o mo-

(Continua na página seguinte)

por JACK FOISIE

Exclusivo «The Los Angeles Times» - «Diário de Lisboa»

do império francês, até há uns quinze anos.

As relações diplomáticas entre o Camboja e os Estados Unidos foram interrompidas em 1955 devido às condições impossíveis, segundo o príncipe Sihanuk, do auxílio americano ao Camboja.

Sihanuk pode desencadear a sua eloquência contra os chineses e os norte-vietnamitas, tanto mais quanto isso convém à sua política

trou-se satisfeito com esta declaração, e a ausência de protesto do Governo de Saigão indica que este está pronto a esquecer a sua contenda fronteiriça com Phnom Penh. Há doze pontos da fronteira comum do Camboja com o Vietnam do Sul em disputa, designadamente algumas ilhas ao largo das costas da Península.

O restabelecimento das relações diplomáticas entre

RECTÂNGULOS DA VIDA

UMA RUA...

Que bom seria se pudéssemos escother o país, a cidade, a rua, a casa dos nossos sonhos, onde desejáramos passar o resto da vida. Quantas vezes, ao passearmos numa cidade estranha, deparamos com a rua, com a casa. À frente um pequeno largo, uma árvore frondosa, e depois, uma tranquilidade... Mas a cidade em si? O país? E não, vendo bem, pensando melhor, não nos agradavam. Só a rua. Só a casa.

Aqui estamos quase sempre a viver numa rua que não nos diz nada de nada, numa casa-gaiola demasiado pequena, ou então grande mas velha, com tectos a estacelarem-se e vizinhos ruidosos e um grande edifício

novo, sempre ali especado, entre nós e o sol.

Há uma rua em Lisboa, não digo qual para não ofender as outras ruas e em especial a minha — é bom termos bem a rua onde moramos,

por MARIA JUDITE DE CARVALHO



não vá ela amuar e vingar-se um destes dias. Há pois uma rua sem nome, e sempre que por lá passo dou comigo a reflectir: «Era aqui». Fica perto do Chiado e é uma rua larga, branca, tranquila. Residencial? Porque não? Residencial. Carros, só os que vão para ali mesmo, porque não é rua que facilite a vida a carros. E lá ao fundo, por entre as duas últimas esquinas, avista-se decerto o rio. Era pois ali. Nesta cidade, naquela rua, numa casa qualquer, embora, claro está, preferisse um dos andares mais altos por causa da vista. Porque a vista era indispensável ao meu sonho. Um pedaço de rio Tejo para lavar à tarde os olhos cansados, para mergulhar de longe, nos dias quentes, para brincar um pouco com os barcos de passagem, quando estivesse cansada E para depois ficar ali, tranquila ou intranquilamente, à espera do passar do tempo.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxe protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

FRIGORÍFICOS
EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

Nota do dia

O HOJE E O AMANHÃ

O JORNAL É OU DEVE SER a imagem da vida que ele próprio reflecte. Que imagem? A do espelho? Talvez a resposta afirmativa possa ser a mais pronta, a mais fácil, a mais cómoda, também a menos controversa. E todavia, todavia talvez seja pouco ser só o espelho. Queremos dizer que a realidade vista ao espelho nem sempre será agradável, o que poderia ser o menos. Mas, pior do que isso, nem sempre é justa. E então, que fazer? Havemos de esconder a realidade, subtilizá-la, fugir dela ou fugir com ela para mais ninguém a ter? Por certo, não é disso que se trata, mas de não fazer dela o simples estendal das suas mazelas, antes procurarmos daí, dessa exibição tanta vez indesejável, a lição que lhe possa valer como correctivo.

É um terreno perigoso e difícil, reconheça-se, o de tal discussão. Perigoso, principalmente, pelos riscos que tem consigo de nos levar até donde pretendíamos fugir. Mas é uma questão de ética, um problema de código próprio, que nos deverá conduzir em consciência a distinguir entre o possível e o impossível, a ver bem o até onde, sem que com isso se possa correr, no entanto, o risco de cair no pólo oposto que de nós fizesse simples mercados de ilusões. Mas entre um e outro limite, há-de haver, não só o que se chama o conto de peso e medida, mas também a avaliação das responsabilidades.

Que significa a frequência de notícias de rapazes e raparigas que desaparecem da casa paterna a partir dos treze anos? É mais alguma coisa que a aventura dos vinte, a aventura fácil, o tentar vida nisto ou naquilo, aqui ou acolá, o fugir disto ou daquilo. É mais que isso, profundamente mais, sem que, no entanto, alguma coisa esteja apurada sobre o verdadeiro sentido desses estranhos e complexos movimentos, que talvez não tenham valor estatístico mas que têm evidentemente um significado social de que não nos podemos alhear mesmo antes de sermos capazes de lhe fixar a interpretação.

A situação está a repetir-se com uma insistência que não pode deixar de fazer alarme e atrair a atenção dos responsáveis. E quando falamos em responsáveis, não vamos a sacudir a água do capote de cada um com a comodidade de pensar que os responsáveis são os governantes, pois havemos de ser capazes de sentir que responsabilidade todos a têm, necessariamente a têm todos os que se julgam capazes de pensar, os educadores, pais de família e professores, sociólogos, escritores públicos, todos os que são capazes de ter um bocadinho da sua própria opinião e contribuir com ela para formar a opinião comum.

Que fazer pelo mínimo? Porventura, antes de sermos capazes de saber o que havemos de fazer, talvez possamos começar por saber o que havemos de não fazer. O fenómeno em si não é isolado, mas um caso social, produzido no meio e consequente dele. O meio somos nós. Logo, temos uma parte de culpa, por actos ou omissões. Os meios de expressão têm hoje uma capacidade tal de penetração que não podem isentar-se de um esforço veemente para controlar a força de que dispõem, não vão, como o aprendiz de feiticeiro, desencadear as forças com que brincam. O filme da aventura barata, inconsequente, onde se mostram «heróis» de qualquer massa, quantas culpas tem no cartório?

Até onde é justo exhibir publicamente os pormenores de certos dramas? Em França, por exemplo, a delinquência dos jovens, a que não se evita certa publicidade necessária mas discreta, fica sempre no anonimato. Condenado que seja, o delinquente juvenil não é identificado publicamente, mas indicado apenas por uma inicial, pela idade, pelo tipo de estrato social donde provém. Entende-se que no termo do prazo de internamento que lhe tenha sido fixado em tribunal, o jovem cresceu e apareceu, supõe-se que recuperado para a vida, sem a marca infamante da condenação.

Os problemas da juventude, que sempre foram considerados do maior melindre, assumem no nosso tempo uma tal complexidade e características tão inesperadas que temos obrigação de pensar neles de toda a maneira e em todos os instantes. Pelo que fizemos hoje, certamente havemos de ser julgados amanhã. Mas não é o risco da condenação o que mais nos deve preocupar, pois que sempre as gerações se julgaram umas às outras e raras vezes com benevolência. Poderemos intervir, isso sim, na formação dos juizes que nos hão-de julgar. Eles serão como nós fomos capazes de os fazer.

Para o seu FIM DE SEMANA ou para as suas FÉRIAS,

TCP

TOURING CLUB DE PORTUGAL espera-o no

VALE DO SOL

ESTORIL • TEL. 26 33 85

APARTAMENTOS * RESTAURANTE * BABY SITTING * HIPISMO

LENNY KUHR (DE 19 ANOS CANÇONETISTA) HOLANDESA

NÃO REVELA QUANTO VEM GANHAR EMBORA SE CONSIDERE BEM PAGA...

A pequena holandesa chegou. Fez boa viagem — pois claro. Vela como é: rodada de carnes, macla de feições, simples de gestos, tímida de atitudes. Vedeta (mas não muito) ainda hesita quando fala e lhe podem afirmações... Pois é.

Lenny Kuhr chegou. Com a sua secretária (uma francesa que escolheu marido na Holanda) e o seu violista (o folro Peter Bauer, que só tem olhos azuis para a pequena holandesa, mas isso é lá com eles) ainda passaram pelo hotel. Só deixou as malas e, logo a seguir desaguou no

— Nasci em Eindhoven. (Você conhece: é a cidade da Philips!). Até aos 17 (dos 12 aos 17) interessei-me por música popular. A partir dos 17, passei-me para o «folk-song». Hoje, porém, o meu anseio é compor. Cantar as minhas próprias canções. De algumas faço a música e a letra. Mas a letra, bem vê, é mais difícil. Então faço só a música.

Mas, voltando à origem: — Nasci em Eindhoven. Lá aprendi a tocar viola. Não sou — digamos — muito teórica. Gosto de inventar a música das minhas

E, parecendo esquecer-se que nasceu em Eindhoven, Lenny Kuhr acrescentou:

— Recebi canções polacas e israelitas. Vou começar a estudá-las. São muito bonitas. Estranhas. Assim como o Fado da Amália.

E, sem hesitações, voltou ao tema inicial:

— Nasci em Eindhoven. Mas, já lá era «fana» da Amália. Gostava de cantar fado como ela, ou, então, spirituals como Mahalia Jackson e Nina Simone. Também gostava de interpretar canções francesas como o Gilbert Bécaud ou Jean Ferrat. Sabe, é que eu não tenho um estilo ou uma preferência; uns dias gosto de umas coisas: outros dias de outras.

Eis tudo. Estava feita a entrevista.

Mas, espere lá, só mais uma pergunta:

— Quanto vem ganhar á Emissora?

— Não sei. Isto é: sei, mas não gostava de o revelar, embora, na verdade, me considere bem paga. Com efeito, bem paga.

E partiu para o ensaio. Apenas o agente artístico da vedeta que nasceu em Eindhoven, o Artur Pereira, veio, surrivelmente, trazer-lhe, ao ouvido, uma novidadezinha:

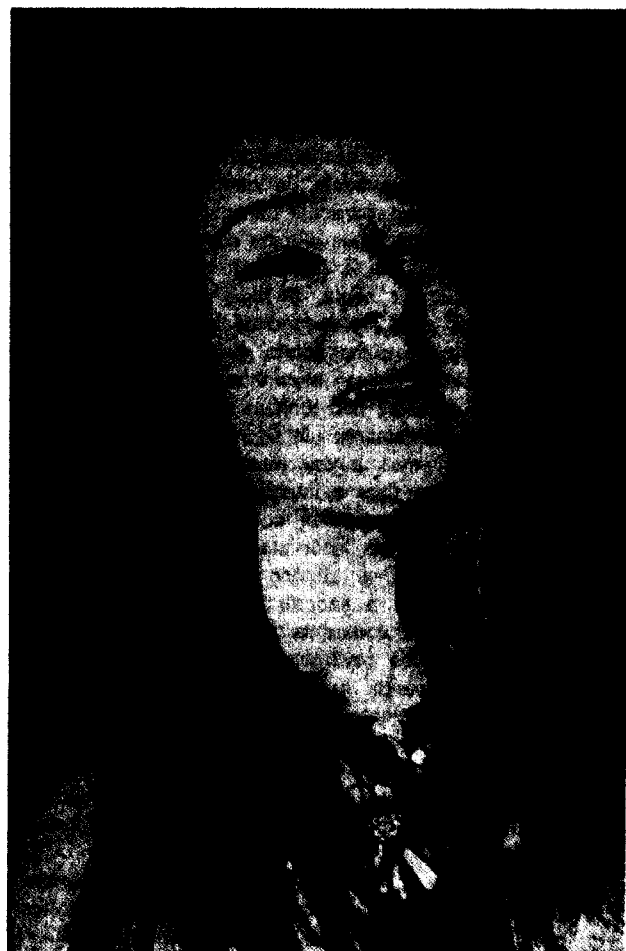
— Lenny vem, canta e volta á Holanda, mas, em breve, regressa a Portugal.

— Ah! sim?

— É verdade. Na primeira semana do mês de Julho, actua na Figueira da Foz.

— Ah! sim?

— É certo. Esta parte do diálogo foi quase sumida, é que tinha, deveras, começado a ensaiar, no estúdio A, a pequena Lenny, que nasceu em Eindhoven (já sabem, a cidade da Philips!).



Lenny Kuhr: «De Troubadour» em Lisboa

Estúdio A, da Emissora Nacional. Ali, ao Quellas.

A pequena holandesa é, verdadeiramente profissional. É natural. Embora com 19 anos apenas, canta já há 7. E isso: desde os 12. Ela própria conta, como foi.

— Nasci em Eindhoven. A cidade da Philips. Tenho um contrato com esta marca. Só gravo para a Philips.

Mas, voltando atrás: — Nasci em Eindhoven. Quando era miúda cantava, mas o meu gosto era tocar viola. Aos 10 anos, os meus pais deram-me uma. Estud. Aprendi e hoje toco e canto.

Mas, voltando ao principal:

canções. Mas tenho composto muito pouco, desde a Eurovisão. Não tenho quase nenhum tempo para mim.

E a pequena que nasceu em Eindhoven contou como há semanas foi cantar a França, como vem actuar em Portugal, como ainda este mês parte para a América do Sul.

— Nasci em Eindhoven. (Já lhe disse que é a cidade da Philips!). Estou lá radicada, mas procuro desvendar o Mundo. Faço um grande esforço. Estudo. Já posso cantar em inglês, francês, espanhol, alemão. Tenho pouco tempo para mim. (Isto já lhe disse? Não disse?). Mas gosto de trabalhar.



Alguns dos convidados no «cocktail»

ora diga-nos...

Já viste teatro infantil?

O teatro infantil é, por definição, teatro concebido para as crianças. Não é, infelizmente, e pelo menos entre nós, feito pelas crianças. Será visto pelas crianças?



● O pequeno Luis Filipe Casanova Ferreira disse-nos que...

— Já. No «Paseatempo Infantil», na televisão, e nos «robustos», na rua.

— E gostas?

— É uma maneira de a gente se divertir...

— E teatro num teatro, nunca viste?

— Já. Ainda há uns dois meses, vi o «Gondalim», no Teatro do Gerifalito. Foi com uns colegas da escola.

● Outro miúdo, outro depoimento, José

Carlos Gonçalves Rodrigues.

— Muitas vezes. No Gerifalito, aí umas 20 vezes.

— E qual foi a primeira vez?

— Tinha eu sete anos e foi no Trindade. A peça chamava-se «O gato das botas».

— Percebeste alguma coisa?

— Percebi. Algumas coisas pelos menos. O resto, fazia de conta...

— Preferes cinema ou teatro?

— Cinema! No cinema há mais acção, mais «peras». No teatro é sempre a mesma coisa.



● O último interrogado era o mais jovem, pois não contava mais de nove anos. Chamava-se Francisco José Marcelo Ramos.

— Não, nunca vi. — E gostavas? — Gostava. Porquê? Para ver bonecos.

— Já pediste aos teus pais para ir?

— Já. Eles disseram-me que algum dia havia de ir.

— E ao cinema, tens ido?

— Não. Também nunca fui. Mas hei-de ir!

OS 42 ANOS DA VARIG FESTEJADOS NUM «COCKTAIL»

A Varig fez, ontem, 42 anos. Para uma companhia de aviação, é idade madura. Vejamos: a Varig nasceu, pode dizer-se, com o advento da aviação comercial no Mundo.

O facto mereceu as honras efémeras de um «cocktail» nas instalações da

companhia em Portugal, na Praça Marquês de Pombal. Foi ao fim da tarde que ali se juntaram algumas dezenas de pessoas, entre as quais o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista e os directores de vários jornais, gente conhecida que, entre dois «whiskys» (ou «gins», ou, mais simplesmente, sumos de laranja), apreciava a nova decoração da casa e mantinha dois dedos de conversa com o dr. Amílcar Pinheiro, director da Varig em Portugal.

Não houve saudações nem discursos — o que merece ser referido. Mas falou-se muito, em grupinhos, das vistosas «toilettes» das senhoras brasileiras presentes — entre as quais Lúcia Bloch («Ela é a Manchete» — dizia o dr. Amílcar Pinheiro) — e do chapéu enorme, da nossa colega Vera Lagoa (que, confidencialmente, nos informou ser emprestado).

E já era noite toda, quando os convidados começaram a sair. Traziam na memória a promessa do dr. Amílcar Pinheiro: «Qualquer dia convide todos para uma feijoada à brasileira. Mas não para notícias».

ACTIVIDADE DIPLOMÁTICA DE SAIGÃO

(Continuação da pág. anterior)

mento de um restabelecimento geral das relações diplomáticas na Ásia do Sueste. O ministro pró-ocidental do Laos, príncipe Survana Phuma, propôs o reconhecimento das fronteiras actuais do Camboja. O Vietnam do Sul acaba de transformar a sua representação diplomática no Laos em Embaixada.

A própria Tailândia, vizinho hostil do Camboja nas suas fronteiras ocidentais, efectua aberturas ao príncipe Sihanuk. Portanto, sem ilusões, é de presumir que os dirigentes de numerosos países da Ásia do Sueste verifiquem que, de qualquer modo, a guerra do Vietnam acabará em breve, e que os Estados-tampões — O Laos e o Camboja — entre os países comunistas e os não comunistas, se tornarão mais importantes do que nunca.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua dedicação ao fim de semana algarvio.

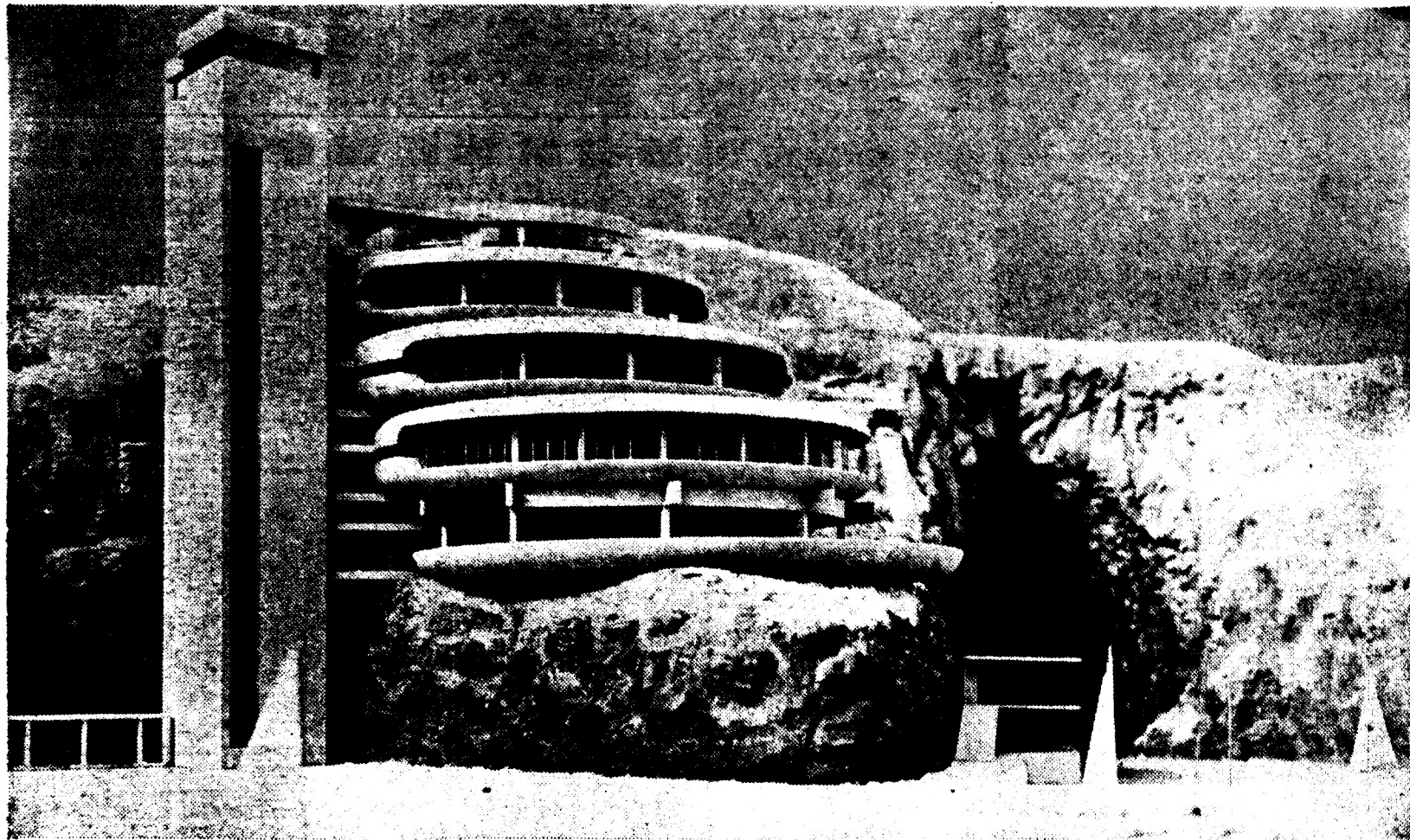
diga SOTINCO ao seu pintor



Oportunidade única de investimento na Ilha da Madeira

10%

de rendimento anual garantido



O Yacht Club Matur, pela sua arquitectura é considerado pelas grandes autoridades em turismo internacional a mais espectacular unidade deste tipo em todo o mundo

Chegou o momento de investir na Madeira. Uma ilha com clima privilegiado que lhe garante lugar cimeiro como estância internacional de turismo, onde a única limitação ao número de visitantes é a insuficiência de alojamentos.

A Matur, oferece, pela primeira vez essa oportunidade. Num empreendimento turístico que reúne todas as condições para atrair turistas de todo o mundo:

Apenas a alguns minutos do aeroporto
Condições naturais verdadeiramente excepcionais, aliadas a uma beleza paisagística de sonho.
Equipamento turístico completo.

Diversos tipos de moradias e apartamentos à sua escolha

O novo centro turístico da Matur, já em construção, inclui:

Moradias e apartamentos
Palace Hotel da Madeira (300 quartos)
Yacht Clube Matur
Centro Social e Clube de Bridge
Centro Comercial
Restaurantes
Cinema

e muitas outras iniciativas que lhe dão o luxo e conforto indispensáveis.

10% de rendimento anual garantido

A Matur administra a sua propriedade e garante-lhe um rendimento anual de 10%, ao seu investimento.

Sem ter de se preocupar com qualquer pormenor. Além de assinar os recibos...

O seu investimento na Ilha da Madeira será o mais lucrativo de todos os que

tenha realizado. Porque nenhum outro local oferece tão extraordinárias condições de remuneração do seu capital.

E não esqueça que técnicos de turismo de todo o mundo apontam a Madeira como um fenómeno invulgar na indústria turística. Dezenas de investidores estrangeiros interessaram-se já por este empreendimento.

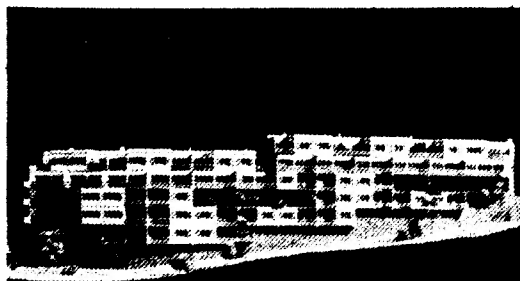
Se preferir, habite a moradia ou apartamento que escolheu. Beneficia, assim, do agradável clima da Madeira.

Para férias verdadeiramente repousantes. Em qualquer época do ano.

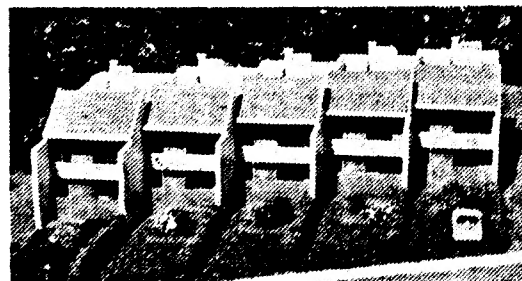
Escreva-nos hoje mesmo para mais informações.



Moradias em terraço



Edifício de apartamentos, com jardins interiores



Moradias geminadas.

MATUR — Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira, S. A. R. L.

Divisão de Vendas — Av. Infante Santo, 66 F — LISBOA
Sem qualquer compromisso, solicito que me seja enviado o folheto colorido sobre o v. empreendimento na Madeira.
Estou interessado em: Moradia em terraço ☐
Moradia geminada ☐ Apartamento ☐

Nome: _____
Endereço: _____

Recorte este cupão e envie-nos hoje mesmo.

Adquira a sua propriedade na Madeira com estas vantagens exclusivas

- 1 — Preços acessíveis
- 2 — Três modalidades de pagamento
- 3 — Invulgar valorização do capital investido

Esquema de administração MATUR inclui:

- 1 — Garantia de um rendimento anual de 10%.
- 2 — Administração total de propriedade pela Matur.
- 3 — Valorização derivada da crescente procura de alojamentos turísticos na Madeira.



NOVO CASINO ESTORIL



apresenta
HOJE EM ESTREIA



MAORI HAKAS
famoso conjunto neozelandês

PINN JON ilusão e fantasia
TEREZA SILVA CARVALHO
directamente da Broadway

ÇA C'EST L'AMOUR



produção de
PIERRE FRANCK **PERRY MC CANN**
SEGUNDO GALARZA e seu conjunto
FERRER TRINDADE e sua orquestra

JIRINA'S COMBO

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

LADY CHINCHILLA

só no wonder bar

No CINEMA, às 17 e às 21.30
CONTRATO PARA MATAR
(M. 17 anos)

Teatro Capitólio

Tel. 320379
HOJE, ÀS 21.45 H.
O original português de
NUNO MONIZ PEREIRA
Récita do autor
15.ª representação
A ESFERA FACETADA
Encenação de Ruyter Paulo
M/ 17 anos
Sábado e Domingo
Tarde às 16 horas

BLACK-OUT
pronuncia se
Bleque·aute

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação uti-
lize os comboios eléctricos.

«O ROMANCE DO LUACHIMO»

Dado o interesse suscitado pelo filme «O Romance do Luachimo», exibido na sala de projecção da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, no Palácio Foz, de 23 a 30 do mês passado, realizar-se-ão duas outras sessões, nos dias 12 e 13 deste mês, pelas 21 e 30 horas, podendo desde já ser solicitados bilhetes para qualquer delas na Companhia de Diamantes de Angola, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.ª, ou na



Agência de Turismo nos Restauradores.

Este filme, colorido e de longa metragem, foi realizado por Baptista Rosa e documenta numerosos aspectos da actividade da Companhia na Lunda, tendo sido produzido pelos seus Serviços Culturais.



CASA DE COMÉDIA
(Janelas Verdes)
22 horas exactas
STRINBERG
DANÇA DA MORTE
(Trad. R. Alberty)
CARMEN DOLORES
AUGUSTO FIGUEIREDO
ALVARO BENAMOR
Direcção: Jorge Listopad
Cenário: António Botelho

BLACK-OUT
pronuncia se
Bleque·aute

A SURDEZ

A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSON, casa especializada.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.ª, E.

PORTO: Praça do Botelho, 3

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

NO AVIZ

TÍTULO — «002 contra Al Capone» («Due Maciase contro Al Capone»)
REALIZAÇÃO — Glerio Simonelli
INTERPRETES — Franco Franchi, Clelio Ingrassia.

Estreou-se ontem no Aviz mais um filme da dupla Franchi-Ingrassia, tratando-se desta vez de uma paródia aos filmes de gangsters na América dos anos 30. A realização é de Giorgio Simonelli e participam ainda Moira Orfei, José Calvo, Marc Lawrence (em colaboração muito especial), Luigi Pavese, Angela Luce, Gino Buzzanca e outros. O filme é em Technicolor e Techniscope. Segundo o programa, muito optimista neste aspecto, «é, portanto, uma verdadeira caricatura cinematográfica em que os «gags» se sucedem e as gargalhadas são continuas».

Pela nossa parte, diremos que está aqui, embora a um nível ligeiramente melhor, o modelo de certos «ladões de

quem se fala» e de certas «bonanças e companhias» que se multiplicam na produção portuguesa apenas com a intenção de fazer rir. Não fora a sua total nulidade, e só por isto a dupla Franchi-Ingrassia merecia todo o nosso desagrado. Efectivamente, dois iguais a zero-zero, como o título em português (002) parece querer sugerir. E é tudo.

E. P. C.

BLACK-OUT
pronuncia se
Bleque·aute

A HISTÓRIA DE UM HOMEM QUE QUIS BRINCAR COM O FOGO... E ARDEU NUMA CHAMA DE PAIXÃO!

UNIVERSAL
FILMES
LUSOMUNDO



GEORGE PEPPARD

AMANHÃ

SENSACIONAL ESTREIA

ROMA

E

MUNDIAL

ADULTOS

GAYLE HUNNICUTT · RAYMOND BURR
WILFRID HYDE-WHITE · BROCK PETERS · SUSAN SAINT JAMES

REALIZ: JOHN GUILLERMIN · PROD: EDWARD J. MONTAGNE · música REAL HEFT · argumento PHILIP REICHMAN JR. · TECHNISCOLOR

TECHNISCOPE

UMA HISTÓRIA VIVIDA COM NERVOS DE AÇO!



SIMONE SIGNORET

ADULTOS UNIVERSAL

3.ª SEMANA

CINEMA
A ESGOTAR SONORO FILME

VOX

TECHNICOLOR

TECHNISCOPE

AV. FREI MIGUEL CONTRERAS

Tel. 720608

O filme seleccionado para inauguração da mais moderna casa de espectáculos de Lisboa

um filme que entra pela fantástica, onde o normal toma as proporções de bizarro...

JOGOS PERIGOSOS

JAMES CAGNEY · KATHARINE HUNTS

Stinky MacLure

O eterno triângulo? talvez... mas este é o mais divertido, alucinante

Inóclito

de todos os que se possam imaginar!

Uma comédia transparentemente íntima e escandalosamente feliz!

A felicidade da Blossom

maiores 17 anos

ALICOPPEL • BONS HOBEN • ALICOPPEL • JOSEPH SHUTTEL • JIMMY MCGRATH

TECHNICOLOR

AMANHÃ, ESTREIA no SÃO LUIZ • ALVALADE

Vasco Morgado J.^o e Teresa Belo — o «yé-yé» os juntou

Mesmo ao lado do Teatro Villaret, á porta da Conservatória do Registo Civil, cento e dez convidados (e muitos «mirões») testemunharam o casamento de Teresa Belo com Vasco Morgado Jor. O enlace de uma «menina boa» com o herdeiro de um pequeno império teatral.

Teresa Belo conheceu o Vasco (o Vasquinho, como diz sempre mamã-Laura Alves) quando ensaiava uns passos de «yé-yé» no «Porão da Nau». Quando Eduardo Nascimento mais os Rocks fazia uma chifreira dos diabos. Quando já dentro, no escritório, D. Rosário Belo (mamã-coruja de Teresinha) fazia contas á exploração da «boite», ao negócio em que é associada de Vasco Morgado. Quer dizer: o casamento dos «rebenitos» prolonga a ligação comercial dos pais.

Vasquinho escolheu Rui de Carvalho para padrinho. Teresa mal disfarçava a sua pontinha emocional. Agora, já marido e mulher, os dois jovens preparam a viagem de núpcias: a 3 de Junho, por Angola e Moçambique, quando Vasco Morgado Júnior vestirá a pele de ator e, sob a bênção de mamã-Laura, mostrar os seus talentos ás plateias ultramarinas.

Entretanto, até ao fim da tarde de hoje, Teresa e Vasquinho estão em romagem ao local onde nasceu o seu idílio. No «Porão da Nau», o casamento foi pretexto para uma copos e para gente conhecida trazer para o rosto o habitual sorriso de circun-

stância. Tudo entre votos de felicidade. E muitos parabéns — é claro.

TEATRO NA ASSOCIAÇÃO DO TÉCNICO

O Grupo Cénico da Associação de Estudantes do I. S. T. vai repetir a representação da peça «A Máquina de Naufragar», de Carlos Manuel Rodrigues.

O espectáculo que é subsidiado pela Fundação Gulbenkian, realiza-se no dia 11, ás 21 e 30, nas instalações da Associação.

A B C As 20.45 e 23 horas

TEL 36 67 45 S6 ATE (ADULTOS) DOMINGO



TONY DE MATOS

ELAS É QUE SABEM

QUARTA-FEIRA, 14

ESTREIA no

SÁ DA BANDEIRA NO PORTO

Recintos de diversões

* Os artistas Mariana Silva, Ana Hortense, Ada de Castro, Maria Valejo, Manuel de Almeida e Fernando Maurício, entre outros, devem participar no festival que decorrerá durante a disputa das próximas «Vinte e quatro horas de Lisboa», em ciclismo.

* As artistas Beatriz da Concelção e Beatriz Pereira devem estreiar-se brevemente na «Tipóia».

COZINHA VELHA QUELUZ—TELEFONE 950232

Informamos os nossos Ex.^{as} Clientes que amanhã, sexta-feira, dia 9, sábado, 10 e domingo, 11, a nossa «SALA», «COZINHA VELHA» e a «TERRAÇO» se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO E BANQUETES, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Agradecemos que as reservas de mesas para os Jantares sejam feitas até ás 19 horas.

Biblioteca Universitária Inova



A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE COEDIÇÃO INTERNACIONAL SIMULTANEA QUE SE PUBLICA EM 8 PAISES. E AGORA TAMBEM EM LINGUA PORTUGUESA

Editorial Inova
Hachette
Aldus / Bonniers
Guadarrama
Kindler
McGraw-Hill
Meulenhoff / De Haan
Il Saggiatore
Woldenfeld & Nicolson

Porto
Paris
Estocolmo
Madrid
Munique
Nova Iorque
Amsterdão
Milão
Londres

MODALIDADES DE ASSINATURA EXCEPCIONAIS E Uma viagem de 12 dias à Côte d'Azur

para assistir ao 1.º FESTIVAL INTERNACIONAL DO LIVRO NICE 1969. 31 MAIO / 10 JUNHO

CONCURSO

Patrocinado pelo JORNAL DE NOTÍCIAS e com a colaboração de TRANSAUTICA — AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO PARA CONCORRER, BASTARÁ RECORTAR, PREENCHER E ENVIAR-NOS ATÉ 15 DE MAIO O CUPÃO ANEXO A CADA EXEMPLAR DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA INOVA. CADA CONCORRENTE PODERÁ ENVIAR UM OU MAIS CUPÕES. O SORTEIO PARA APURAMENTO DO LEITOR PREMIADO REALIZA-SE NO DIA 20 DE MAIO NA SEDE DO JORNAL DE NOTÍCIAS.

PRIMEIROS VOLUMES A PUBLICAR

1. O HUMANISMO NO RENASCIMENTO
2. O PROGRESSISMO NA EUROPA
3. A ECONOMIA DOS PAISES SUBDESENVOLVIDOS
4. A EDUCAÇÃO NO MUNDO MODERNO
5. A BIOLOGIA DO TRABALHO
6. A PSICOLOGIA DA VISÃO (O Olho e o Cérebro)
7. ELEMENTOS DE FÍSICA NUCLEAR (Partículas e Aceleradores)
8. O AMANHECER DA TOLERÂNCIA
9. EM DEMANDA DO ZERO ABSOLUTO
10. ART NOUVEAU
11. PLANIFICAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO
12. O SURTO DA DEMOCRACIA GREGA

Volumes: amplamente ilustrados, a preto-branco e a cores, com fotos, mapas ou diagramas adequados. Em cerca de 260 páginas, há 60 ilustrações.

EDITORIAL INOVA □ PORTO

PRACA GUILHERME GOMES FERNANDES, 38-2.

SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇÃO E LIVRARIA □ RUA JOSÉ FALCÃO, 82

Nome _____ Morada _____ Localidade _____

ASSINALAR, COM O SINAL X, A MODALIDADE DE ASSINATURA ESCOLHIDA

☐ A ☐ B ☐ C ☐ D

CONDIÇÕES DE ASSINATURA DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA INOVA

MODALIDADE 63000	A	Assinatura de volume a volume. Pagamento contra a entrega de cada volume.
MODALIDADE 178050	B	Assinatura por séries de 3 volumes. Pagamento antecipado contra a entrega do 1.º volume de cada série.
MODALIDADE 336000	C	Assinatura por séries de 6 volumes. Pagamento antecipado contra a entrega do 1.º volume de cada série.
MODALIDADE 630000	D	Assinatura por séries de 12 volumes. Pagamento antecipado contra a entrega do 1.º volume de cada série.

IMPORTANTE — PARA O ULTRAMAR E ESTRANGEIRO NÃO SÃO ACEITES ASSINATURAS NA MODALIDADE A

NO CASO DE NÃO DESEJAR ADQUIRIR TODOS OS 12 PRIMEIROS TÍTULOS, RISCAR OS NÚMEROS CORRESPONDENTES AOS VOLUMES EM QUE NÃO ESTIVER INTERESSADO

1 2 3 4 5 6
7 8 9 10 11 12

COM O 12.º VOLUME SERÁ FORNECIDO UM POSTAL RSP COM OS TÍTULOS SEGUINTE A FIM DE PODER RENOVAR A ASSINATURA E INDICAR OS VOLUMES QUE LHE INTERESSAREM

estúdio 444 APRESENTA EM 2.ª SEMANA

O SALTO ADULTOS

DOCUMENTO HUMANO DE INDISCUTIVEL VALIA...

P. C. — «D. Popular»

...ESTAMOS PRECISAMENTE PERANTE UMA OBRA DE GRANDE VALOR MERCE DO SEU TEMA.

F. Perestrelo — «Novidades»

...UM FILME ADMIRÁVEL, QUE SE RECOMENDA PELA DIGNIDADE E SINCERIDADE...

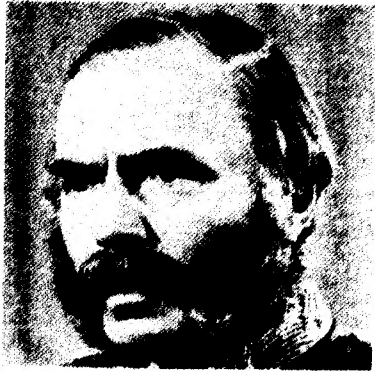
A. L. — «Século»

...FILME PARA SE VER COM OLHOS DE VER...

E. — «D. Notícias»



OMAR SHARIF



JAMES MASON



A INESQUECÍVEL TRAGÉDIA DE MAYERLING NUMA SUMPTUOSA EVOCAÇÃO.

3ª SEMANA



ADULTOS

EASTMANCOLOR



CATHERINE
DENEUVE



AVA GARDNER

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Desligou-se do elenco que vai desempenhar a revista dos Parodiantes de Lisboa o actor Octávio de Matos.
- Os artistas Florbela Queiroz, Carlos Coelho e Octávio de Matos vão fazer uma longa digressão pela Canadá.
- Volta a falar-se no ingresso de Badaró numa companhia de revistas.
- A actriz Maria Dulce recusou o convite para participar numa companhia do empresário Vasco Morgado.
- O empresário Eduardo

Damas convidou a artista Hermínia Silva a ingressar no elenco de uma nova companhia em formação.

- A artista Helena Taveira também deve participar numa próxima digressão na Canadá.

PAULA RIBAS REGRESSA AMANHÃ A LISBOA

Regressa amanhã a Lisboa, pelas 8 e 30 horas, a cançoneta Paula Ribas, que cumpriu, nos Estados Unidos da América do Norte e Canadá, contratos que prolongaram por 70 dias a sua estadia ali.

A intérprete, que actuou em Miami (canal 47 da TV) no passado domingo, tem em mira deslocar-se às «Olimpíadas da Canção» (em Atenas) e efectuar, no início do Outono, uma longa digressão pelos países escandinavos.

As estreias de hoje

No Politeama

Título em Português — «Caça ao Ouro».

Produção — Itália, França, Espanha.

Realização — José Maria Forqué.

Interpretes — Mireille Darc, Marilu, «Toto», Jacques Sernas e Daniel Bianchi.

Género — Aventuras

Distribuição — Filmital

Processo — Eastmacolor

Classificação — 12 anos



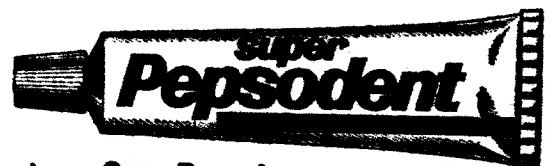
Mulheres elegantes, bem cuidadas,
mas ela...ela tem

UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL



TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!
o adorável sorriso Pepsodent!

Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diariamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!



Super Pepsodent
com PL3-brancura natural dos dentes

MARIA VITÓRIA

HOJE AS 20,45
E AS 23 HORAS

A SENSACIONAL REVISTA

MÃOS À OBRA!

ENORME SUCESSO DE:

SALVADOR • VIANA
MARIEMA

MAX • ANITA • DORA •
VITOR MENDES • HELENA
CARDINALI • MARIANO
FRANCO • VITOR ESPADINHA
e a atracção MAY AVRIL
com ALBERTO GRAZIANO



SALVADOR
no «compê»

• UM ÉXITO NO TEATRO DOS MAIORES ÉXITOS! •

«Esta é a última oportunidade de recolher o velho folclore»

— lembra a directora

do Ballet Polaco «Mazowsze»
que hoje actua em S. Carlos

— Vemos as aldeões cantar, dançar e tocar. Depois, quando é caso disso, trazemos alguns para junto da companhia e começamos a observá-los em pormenor. Temos números de dois ou três minutos, no nosso repertório que demoraram dois ou três anos a preparar.

Mira Ziminska-Sygietyńska, uma ex-actriz viúva do compositor Tadeusz Sygietyński, é a peça principal dum maquinismo chamado «Mazowsze» (leia-se Mazóvshé), grupo de danças e canções da República Popular da Polónia. O «Mazowsze» estreia-se hoje no Teatro de S. Carlos, passa depois de amanhã para o Coliseu dos Recreios e viaja no dia 12 em direcção a Coimbra, Vigo e Porto. Estamos num ano de aproximação luso-polaca:

«FERNANDA E O VELHO»

«Fernanda e o Velho» (História suja de gente suja) é o título da peça de Eduardo Damas, a apresentar em Outubro próximo num dos teatros de Lisboa.

A última peça deste autor («O caso Morley») foi estreada em Espanha, onde alcançou grande êxito, pela actriz Maria Fernanda Ladrón de Guevara, numa tradução do grande dramaturgo espanhol Joaquín Dicenta.

Eduardo Damas pensa também apresentar «Fernanda e o Velho» naquele país, desta vez em tradução de Camilo Muriel.

Confraternização de expedicionários

Um grupo de expedicionários de 1940-1945 vai realizar um jantar de confraternização, no dia 15, na Liga dos Combatentes.

A inscrição, que está aberta a todos os militares que fizeram parte de unidades expedicionárias durante a segunda Grande Guerra, pode ser feita, até às 18 horas do dia 12, pelo telef. 34489 ou na Agência de Lisboa da Liga dos Combatentes, à Rua do Século, 50, 1.º, em Lisboa.

depois do êxito de «Tango», a discutida peça de Slawomir Mrozek, temos folclore em grande estilo.

Para as 130 figuras do «Mazowsze» é mais um país. Conhecem meio mundo — Europa, América do Norte e Central, várias nações do Oriente incluindo a China Popular e a Mongólia. Se lhes perguntarmos, dirão com um sorriso:

— Cidade muito bonita. Povo hospitaleiro e simples.

Ontem à noite foram jantar ao Restaurante Folclore. Um encanto. «Ah, mas vocês têm danças tão antigas, coisas parecidas com a pavana, por exemplo!».

Fala Zdzisława

Zdzisława Grabkowska entrou para o «Mazowsze» há alguns anos. Conhece bem a história do agrupamento e não se excusa a contá-la (em inglês).

— Isto começou com uma escola. O casal Sygietyński juntou crianças de vários pontos da Polónia e teve a ideia de interessá-las no folclore nacional. Em 1948, como desfecho lógico do seu trabalho, resolveu formar uma companhia. A estreia absoluta do «Mazowsze» seria dois anos depois, com uma primeira ida à Rússia em 1951.

Entretanto, com o correr do tempo, a admissão no «Mazowsze» foi-se tornando cada vez mais difícil. Há um concurso anual, tão popular que chama um milhão de candidatos. Desses mil rapazes e raparigas são apurados seis ou sete.

— A prova consta simultaneamente de canto, dança e rudimentos cênicos. Ficam os melhores no «Mazowsze».

Para a companhia foi escolhida uma sede calma, o palácio de Karolín, a poucos quilómetros de Varsóvia. Horário bastante chelo fora das «tournées»: pequeno-almoço às 10 da manhã, trabalho, uma hora para almoço, mais trabalho. Até às 5 da tarde, altura em que (finalmente!) se pode pensar em coisas fúteis.

Fala «Madame» Ziminska

«Madame» Ziminska-Sygietyńska é uma apaixonada da sua arte. Sublinha

a palavra gostosamente: arte!

Ela e o marido queriam deixar ao povo polaco um trabalho idóneo (por fazer nessa altura) de recolha folclórica. Percorreram o país de um a outro lado, e ainda hoje (T. Sygietyński morreu em 1955) o «Mazowsze» continua a visitar aldeias, a falar com pessoas, a registar o modo como elas cantam, dançam e tocam.

— A Polónia — diz «madame» Ziminska — esteve muitos anos sob domínio estrangeiro, em várias épocas da sua história. O que mantinha o povo unido era a música, era a poesia.

Agita as mãos nervosas. Acrescenta:

— Não sei o que sucede em Portugal, mas quer-me parecer que esta é realmente a última oportunidade de fazer uma recolha válida de folclore. Dentro



«Madame» Ziminska — a música e a poesia mantiveram a unidade do povo

de poucos anos todas as pessoas serão iguais: a televisão contribui muito para isso.

No museu (ou guarda-roupa) do «Mazowsze» há quatro mil trajes popula-

res, alguns pesando 15 quilos. Ballarinos-cantores mudam oito e nove vezes de fato por espectáculo. Um deles, o da região de Zywiec, tem gola de folhos à espanhola, introduzida

no país há três séculos por um cortesão bastante viajado.

— Voçês fazem o mesmo com o vosso povo, não fazem? — pergunta «madame» Mira ao repórter.

ESTUDOS

UMA SIMPLES FORMALIDADE PODE DECIDIR O SEU FUTURO!

Também pode organizar a sua vida com base no crédito. Seja para realizar um «sonho» antigo, para melhorar o seu nível familiar ou concretizar aspirações a um trabalho independente. Consulte o nosso serviço de **CRÉDITO FAMILIAR**. Diga-nos o que pretende e preencha o formulário que temos à sua disposição. Esta é a única formalidade... uma simples formalidade que pode decidir o seu futuro.

CRÉDITO FAMILIAR



ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

PINTO DE MAGALHÃES

PORTO — RUA SA DA BANDEIRA, 53

LISBOA — RUA DO OURO, 95

MORADIA

OFICINA



O CRÉDITO FAMILIAR BPM não é um serviço novo. É um dos muitos serviços que há alguns anos colocamos ao dispor do público e que no seu conjunto fazem de BPM uma organização moderna e dinâmica, sempre na vanguarda das realizações bancárias.

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR

COLABORADOR/EXPORTAÇÃO

Português resid. há 10 anos em Londres procura oport. de trabalho em exportação que lhe permita viver em Portugal ou pelo menos visitar regul. Portugal. Desde Dez. 1963 como adjunto do director de operações nos mercados externos na sucursal inglesa de uma grande companhia americana (prod. farmacêuticos; mas disposto em princípio em trabalhar noutros ramos em que se ofereça oport.) Além de inglês, francês e algum alemão e italiano. Formatura Univ. Lisboa e 2 anos freq. Univ. Londres. Resposta a este jornal ao N.º 265.



VIVER ATÉ UM DIA...

Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 50 anos de progresso. O SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do SEGURO DE VIDA POR MEDIDA, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam.

Com o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar exclusivamente para si UM NOVO SEGURO DE VIDA adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente GRÁTIS e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.



À COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62—Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

NOME.....

ENDEREÇO.....



IAO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

Comunicado das Forças Armadas na Guiné

BISSAU, 8 - (A. N. I.) - O comando-chefe das Forças Armadas na Guiné no seu boletim semanal, relativo ao período de 28 de Abril a 4 de Maio, comunica:

«Durante o período, o inimigo flagelou as povoações de Bujim, Susana, Pachor, Piche, Caumari e Aídeia Formosa e os aquarelamentos de Sakinho, Guilage, Nhala, Cató, Cufar, Guilage, Nova Santa, Cameconde, Cajuabari, Biombo, Memepate e Chamarra, implantou engenhos explorativos nas estradas Buba-Aídeia Formosa e Piche-Cambojan; e na região de Bujim (Susana), e armou emboscadas às nossas tropas nas regiões de Fabur, Bula, Enchoia, Capó, Cachou e Taibatá Xime.

«Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu na região de Encheia um morto, na foz do Rio Dunor dois mortos e um capturado, na região de Dimples (Bula) dois mortos e a apreensão de armamento, na região de Iusse (Encheia) três mortos, na região de Mansodé (Mansabá) um morto e a apreensão de armamento, munições e documentos diversos.

«Foram destruídos o inimigo, meios de transposição nas vias fluviais e meios de vida. No conjunto das acções

O CENTENÁRIO DE GAGO COUTINHO NA TELESOLA

Associando-se às comemorações do centenário do nascimento de Gago Coutinho, o Instituto de Melos Audio-Visuais de Educação organizou um plano de lições através do Ciclo Preparatório TV da Teleescola que se prolonga até 17 de Junho, abrangendo as disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências da Natureza, História e Geografia, Desenho e Trabalhos Manuais.

Por outro lado, foi ainda estabelecido um programa de apoio a dar pelas disciplinas de Desenho e Trabalhos Manuais, nas quais os alunos executarão um painel colectivo alusivo á travessia do Atlantico Sul, outros sobre a chegada do avião ao Rio de Janeiro e igualmente em trabalho colectivo, um baixo relevo de homenagem a Gago Coutinho e uma construção do Lusitania.

Reunião de diplomados católicos

No ashado, decorre no Colégio do Sagrado Coração de Maria, na Avenida Manuel da Maia, 2, uma reunião de diplomados, católicos, com o seguinte programa: às 17 horas, conferência sobre o tema «Actuação dos católicos na vida pública à luz do Concílio Vaticano II», pelo eng.º Manuel Lopes de Silva; e às 19, missa.

Piscina aquecida do Areeiro

Avenida de Roma
Funciona todos os dias sem
interrupção das 9 às 22:45 h
Tel 72 67 94
Temperaturas água 17°
Ambiente 20°

Artes plásticas

Exposição na «Gravura»
Na sua galeria, 4 Travessa do Sequeiro, 4 r/c, a «Gravura — Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses» vai inaugurar, na próxima segunda-feira, uma exposição da artista Maria Beatriz.

A exposição pode ser visitada todos os dias úteis, das 18 às 20 horas.

Elegância automóvel no Estoril

Em continuidade da iniciativa que, anualmente, tem despertado o maior interesse no meio automobilístico, a Sociedade Estoril-Sol vai de novo promover o já tradicional Concurso de Elegância e Conforto Automóvel. O certame está marcado para o próximo dia 25 e terá o patrocínio do Grémio dos Im-

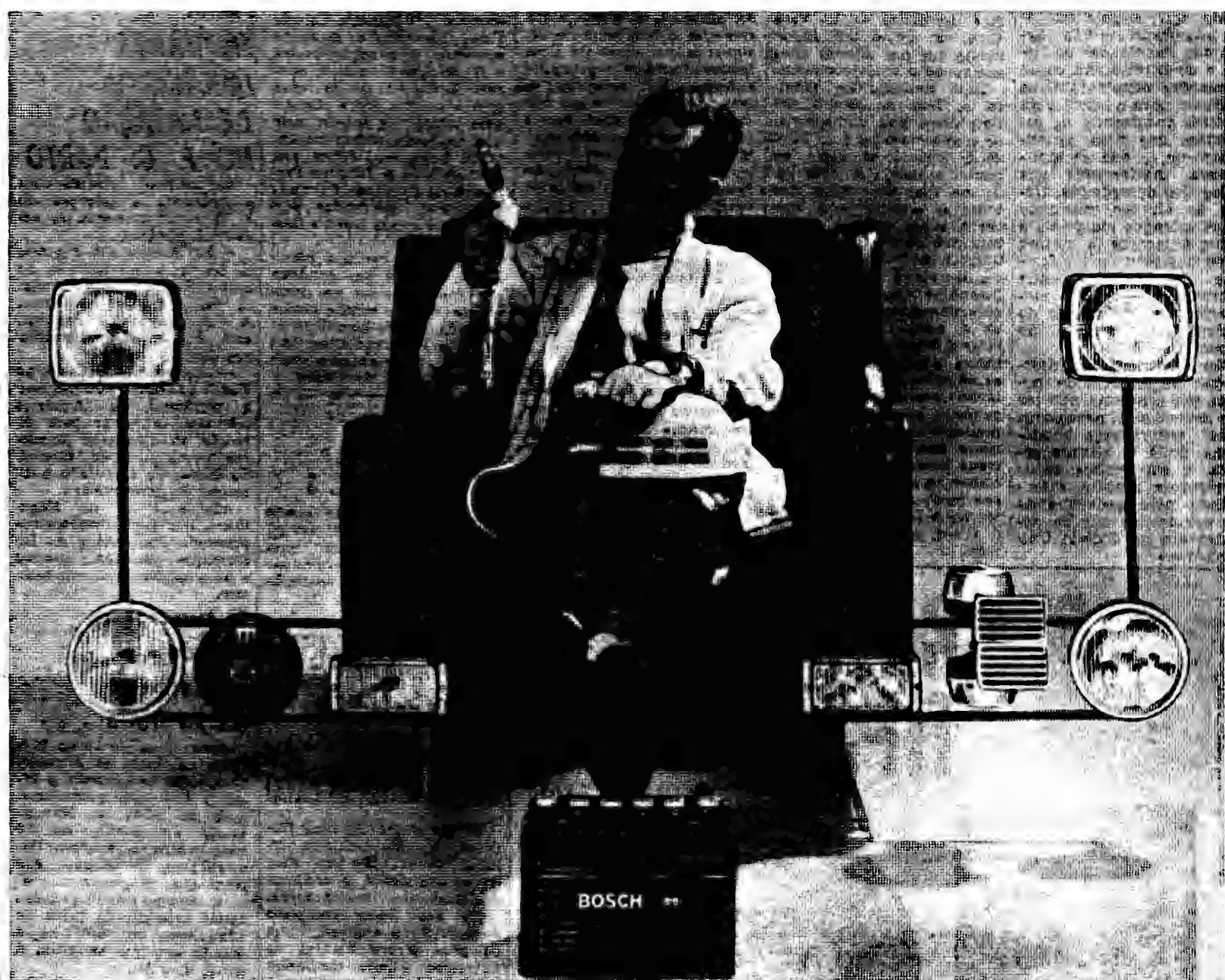
portadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul.

Não se tratando propriamente de um salão automotivo, esta iniciativa, porém, proporciona ao público conhecer os modelos de automóveis das diversas marcas e avaliar das suas vantagens.

mecânicas, a par da elegância de linhas e harmonia de cores.

A semelhança do que aconteceu no ano passado, também este ano o concurso será valorizado com uma passagem de modelos de alta costura, sob a direcção do Secretariado Internacional da I.F.

Fórmula Bosch



Mais rendimento, comodidade e segurança

A "Fórmula Bosch" tem a idade dos primeiros automóveis e o progresso dos que se estão concebendo para o futuro. É a designação do mais completo conjunto de equipamento eléctrico para veículos.

Porque Bosch é o único especialista mundial em todos os ramos de equipamento eléctrico para veículos. A sua formidável experiência global, permite-lhe estender as vantagens de uma descoberta técnica a toda a gama de fabrica.

A "Fórmula Bosch" marca; por isso, o progresso.
Bosch produz o melhor.

As velas Bosch com o eléctrodo Cr. representam muito mais motor para o seu carro.

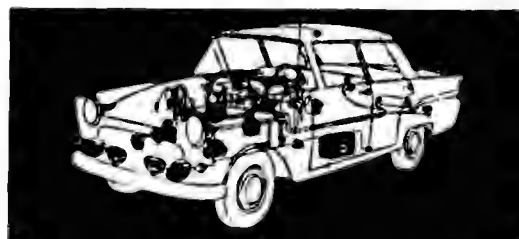
Os faróis Bosch (tão indispensáveis como os bons travões) proporcionam-lhe a visão total da estrada, e a longa distância, mesmo com nevoeiro.

As baterias Bosch estão ao seu serviço por muito mais tempo.

As buzinas e fanfarras Bosch, de som harmonioso, ouvem-se e avisam mais longe.

**ADOpte a "Fórmula Bosch"!
GARANTIA MÁXIMA DE RENDIMENTO,
SEGURANÇA E COMODIDADE.**

Recorte o cupão anexo e,
indicando o nome e morada, enderece-o a
ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 32 — LISBOA
ou Rua Júlio Diniz, 927 — PORTO



A gama completa de equipamento eléctrico para veículos

BOSCH

BOSCH · BOSCH · BOSCH · BOSCH · BOSCH · BOSCH · BOSCH

**Queriam
enviar-me
informações sobre
o equipamento Bosch
eléctrico para
veículos.**

O COMUNICADO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE

Da reitoria da Universidade de Lisboa recebemos a seguinte nota:

«Nos ultimos dias registou-se, em varias escolas da Universidade de Lisboa e noutros estabelecimentos de ensino, uma intensa campanha de propaganda, para uma reunião de protesto que se deveria realizar no dia 7, ás 13 horas, junto á Cantina Universitária.

A hora indicada reuniram-se ali alguns magotes de individuos, em grande parte estranhos á Universidade, que, depois de terem procurado em vão acesões nas Faculdades de Letras e de Direito, em cujas instalações penetraram, se dirigiram para o interior da Cantina, insultando os estudantes que nela se encontravam, e que se mantiveram indiferentes aos apelos dos desordeiros. Depois de ali ter praticado varios estragos materiais e outros desacatos, o mesmo grupo deslocou-se á Faculdade de Medicina, onde destruiu os vidros e o mobiliário da delegação do Centro Universitário de Lisboa.

Não se verificou a intervenção da autoridade policial, por a mesma não ter sido considerada necessária pelas autoridades académicas, dada a atitude ordeira, e em muitos casos de vigorosa repulsa, manifestada pela generalidade dos estudantes que se encontravam na Cidade Universitária.»

Diário DO PORTO

O tribunal entregou a «taluda» quatro anos depois aos herdeiros do premiado

Com a condenação dos proprietários da «Casa Soares» terminou na 1.ª Vara Cível do Porto um julgamento que nos ultimos anos aproximou a opinião pública. Tudo começou em Janeiro de 1965 na lotaria dos Reis desse ano, foi premiada com a «taluda» o n.º 1324. Nele jogava, há perto de quarenta anos, o sr. João Feliciano Dias Guimarães, que todas as semanas o ia buscar á «Casa Soares», na altura com sede na P. Almeida Garrett. Acontecia que, muitas das vezes, o sr. João Feliciano só levantava as fracções depois de andar a roda e, normalmente, o jogo estava branco. Isso, porém, nunca o impediu de pagar as cartelas. Era um acordo tácito que existia, desde a primeira hora, entre o comprador e o vendedor. Porém, nesse ano, o sr. João Feliciano adoeceu e teve de recolher ao leito. Eram, então, sua mulher, os filhos do casal ou o seu genro que iam á «Casa Soares» levantar o jogo.

Na referida lotaria dos Reis o numero em causa foi premiado e a partir daí, começou o que viria de designar-se por «caso da Casa Soares», quando o genro do enfermo foi devanar as fracções do costume que não lhe foram entregues, com a alegação de terem sido vendidas por não serem procuradas antes da extracção, facto que, até ali, nunca se verificara.

Quem achou?

O sr. António Maria Gonçalves que é vendedor de lotarias e mora na Rua 1, n.º 49, ao Bairro da Cruz Vermelha, perdeu, esta manhã, entre a Rua Rodrigo da Fonseca e a Rua do Sol ao Rato, uma carteira com cerca de mil e quatrocentos escudos, onze vigésimos premiados com a terminação da lotaria da semana passada e toda a sua documentação. Pediu por nosso intermédio, á pessoa que a achou, o favor de a entregar naquela morada ou no nosso jornal.

Entretanto, o sr. João Feliciano faleceu e sua mulher, sr.ª D. Beatriz Duarte Pires Chumbo e os filhos moveram uma acção contra o sr. Manuel Raimundo Soares, proprietário da casa com o mesmo nome. Aquele veio também a falecer pelo que foi representado no tribunal pelos seus filhos, sr.ªs. Manuel Luis e Joaquim Fernando de Carvalho Raimundo Soares, defendidos pelo sr. dr. Edmundo Guerra Barbosa.

Ontem, foi tornada pública a sentença que condena a «Casa Soares» no pagamento de 500 contos (valor do prémio) aos herdeiros do sr. João Feliciano Dias Guimarães, representados pelo sr. dr. Albano Magalhães.

Juramento de bandeira no C. I. C. A. 1

No Centro de Instrução Condução Auto, n.º 1, haverá amanhã, ás 10 horas, uma cerimónia de juramento de Bandeira dos novos soldados recrutas.

JOSÉ ALABERN (antigo campeão de bilhar)

FOI HOJE SEPULTADO

No Sanatório Vivenda Oliveira, em Montachique, faleceu ontem, após seis anos de internamento, o conhecido bilharista José Alabern.

De seu nome completo José da Silva Alabern, tinha 64 anos e era natural de Estremoz. Figura conhecida da boémia lisboeta, foi, nas décadas de 30 e 40, o mais categorizado rival de Alfredo Ferraz, então campeão do Mundo de partida livre.

Internacional por varias vezes, conquistou inumeros títulos, matando até á morte o de recordista português de maior série do quadro 7 1/2 (167 carambolas).

Há longos anos afastado, por virtude da doença que o vitimou agora, José Alabern morreu nas condições mais precárias, embora amparado pela solicitude generosa dos que o tratavam e pelo Grupo de Amigos de José Alabern, composto por sócios da Associação Lisbonense dos Amadores de Bilhar.

O funeral saiu, esta tarde, do Sanatório Vivenda Oliveira, em Montachique, para o cemitério de Milharado.

Adiada a conferência do prof. Pedro Nava

Por motivo de força maior, foi adiada para segunda-feira, ás 21 e 45, a conferência sobre «Aspectos clínicos dos reumatismos vertebrais», que o prof. Pedro Nava devia proferir, amanhã, no Instituto de Reumatologia.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO F. C. PORTO

Está marcada para o dia 19 a reunião extraordinária da assembleia geral do F. C. Porto requerida por um grupo de 230 associados do clube para apreciar «factos tornados publicos relativos á secção de futebol e medidas a tomar».

TREINADOR JAPONÊS DE NATACÃO NO F. C. PORTO

Na habitual reunião com a Imprensa a direcção do F. C. Porto forneceu as seguintes noticias:

— Foi assegurada a vinda de um treinador japonês, de nome Nakana, para o qual já foi marcada passagem. A sua chegada a Portugal está prevista para os primeiros dias de Junho.

— Inquérito — O Conselho Fiscal vai dar o seu parecer a propósito do inquérito mandado instaurar pela direcção ao diferendo jogadores-ex-treinador de futebol. Só depois de apreciado a direcção se pronunciará.

Afonso Pinto de Magalhães, por fim, agradeceu a presença dos órgãos da Informação, aos quais saudou e ás empresas que representavam.

O funeral dos dois pescadores da Afurada

Após missa de corpo presente na igreja da Afurada, realizou-se esta manhã o funeral dos dois pescadores, João da Silva do Mar (o «João Campeão»), de 59 anos, viuvo, e António Oliveira Dias, de 28 anos, solteiro, que, conforme notícias, foram tragados pelas águas próximo da praia de Lavadores, ao voltar-se a bateira em que andavam á pesca do sável.

No féretro, que seguiu daquela igreja para o cemitério de Santa Marinha, em Coimbrões, incorporaram-se dezenas de pessoas daquela vila piscatória.

Intoxicação com medicamentos

Foi internado no Hospital de Santo António, o sr. Jorge Manuel Henriques de Carvalho, de 22 anos, solteiro, sem profissão, que reside na Rua do Capitão Sousa Pizarro, 45, em Aveiro, o qual ingeriu grande quantidade de um produto medicamentoso.

Concerto de jazz

O Núcleo de Jazz das actividades Circum-Escolares do Liceu Norma D. Manuel II promove, amanhã, ás 18 horas no auditório daquele estabelecimento de ensino, um concerto de jazz em que actuará o conjunto lisboeta «Bossa Jazz-4», constituído por Marcos Rezende, Paulo Gil, Bernardo Moreira e Rui Cardoso, respectivamente ao piano, bateria, contrabaixo e flauta.



Dr. Abílio Manuel Aranha
Fortado de Mendonça

Novo vice-presidente do Município do Porto

Acaba de ser nomeado vice-presidente da Câmara Municipal do Porto o sr. dr. Abílio Manuel Aranha Fortado de Mendonça. O dr. Fortado de Mendonça é licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra e tem 34 anos. Exerce, na cidade do Porto, a profissão de advogado. Cumpriu, como capitão miliciano uma comissão militar na Guiné de onde regressou no ano findo.

A data da posse será designada brevemente.

ESPECTACULOS TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 45: «O alegre mundo de Badaró» (12 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Os Milionários» (12 anos)
COLISEU — As 21 e 30: «Estrada da Vida» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «E tudo o vento levava» (17 anos)
BATALHA — As 21 e 30: «A Paciência» (17 anos)
OLIMPIA — As 21 e 30: «Texas, adeus!» (17 anos)
AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «O ultimo trunfo» (17 anos)
ESTUDIO — As 21 e 30: «Dia de cólera» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21: «Os filhos do leopardo» e «Tauro, e da força bruta» (12 anos)
VALE FORMOSO — As 15 e 30: «A conquista de Bagdad» (12 anos)
JULIO DINIS — As 21 e 30: «El-wra Madigan» (17 anos)
RIVOLI — As 21 e 30: «O officio de matar» (17 anos)
NUN'ALVARES — As 21 e 30: «O mistério dos 3» (17 anos)
CINE-GAIA — As 21 e 30: «Judoca, agente especial» (12 anos)

Amanhã

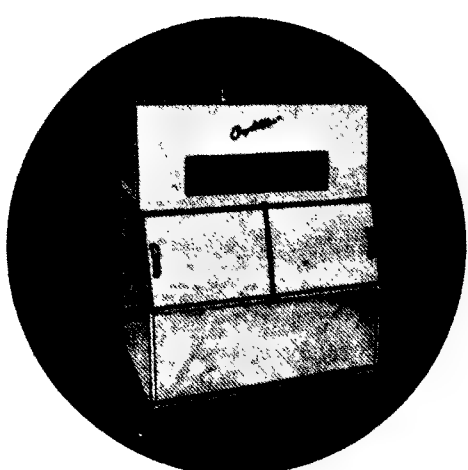
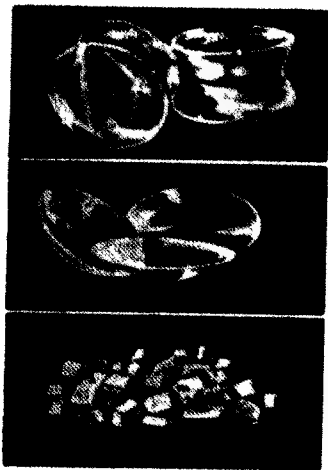
CINEMAS

SÃO JOÃO — As 15 e 30: «Os Milionários» (12 anos)
COLISEU — As 15 e 30: «A estrada da vida» (17 anos)
RIVOLI — As 15 e 30: «Officio de matar» (17 anos)
ESTUDIO — As 15 e 30: «Dia de cólera» (17 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «E tudo o vento levava» (17 anos)
BATALHA — As 15 e 30: «A Paciência» (17 anos)
AGUIA DE OURO — As 15 e 30: «O ultimo trunfo» (17 anos)
OLIMPIA — As 15 e 30: «Texas, adeus!» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15: «Justiça de Gringo» e «O vingador mascarado» (12 anos)
JULIO DINIS — As 15 e 30: «El-wra Madigan» (17 anos)
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «A conquista de Bagdad» (12 anos)

Farmácias de serviço esta noite (2.º turno)

ALBERTO FERREIRA, R. da Estação, 60 (Tel. 5-1302) • ANTUNES, R. do Bonifácio, 485 (T. 2-7936) • CAMPO ALEGRE, Rua do Campo Alegre, 728 (T. 6-2245) • FATIMA, R. Oliveira Monteiro, 475 (Tel. 6-5406) • FERREIRA DA SILVA, R. Mártires da Liberdade (Tel. 2-4323) • MARQUES DE MENDONÇA, R. do Ameal, 26 (Tel. 4-716) • PEREIRO, R. do Príncipe, 35 (Tel. 68-1027) • S. JERÓNIMO, R. de Santos Pousada, 622 (Tel. 5-4526) • S. LAZARO, Av. Rod. de Freitas, 29 (Tel. 2-7043) • S. SARAIA, Largo das Lóas, 36 (Tel. 2-1701) • SAUDE, Av. dos Comb. da Grande Guerra, 689 (Tel. 4-0576) • SOUSA SOARES, R. de Santa Catarina, 4 (Tel. 2-2145) • VITÓRIA, R. de S. R. do Lameiro, 756 (Tel. 5-2225) • GONDARIM, Rua de Gondarim, 960 — Foz.

COM CRYSTAL TIPS...



...HÁ SEMPRE GELO!

HOTÉIS · HOSPITAIS · LABORATÓRIOS
RESTAURANTES · BARES · ETC.
resolveram o problema da obtenção de gelo, em especial nos meses quentes, através das máquinas CRYSTAL TIPS, que nos seus vários modelos produzem de 1. a 204 Kg, diários, de gelo da melhor qualidade e em três formatos diferentes.

exposição em:

MJM MANUEL J. MONTEIRO & C.ª Lda
r. da assunção 43, LISBOA 2
tel. 366061/4 324254/6

«TREZE» NO TOTOBOLA — CONTA NO BANCO...

• O empregado bancário esteve, na qualidade de depositante, na casa em que é funcionário



Ele voltou ao Banco em que é empregado para receber tudo isto...

No Banco Português do Atlântico, onde aliás é funcionário, esteve o sr. Fernando José Gomes Brito, que, acompanhado de seu pai, o sr. Torcato dos Santos Brito e de Manuel Quarasma, agente do Totobola na Cova da Piedade, foi receber a importância de 2 059 910\$00 que ganhou no concurso das Apostas Mútuas Desportivas efectuado no domingo de Páscoa, e em que foi o único totalista.

E no «seu» Banco o Fernando José Gomes Brito deixou depositada integralmente aquela quantia, uma conta depósito aberta em seu nome e no do seu progenitor.

Apesar das muitas cartas recebidas até agora, o novo

bimilionário do Totobola continua um homem sereno, cumprindo as suas obrigações militares e frequentando assiduamente as aulas do Instituto Comercial já que o seu grande anseio é desde há muito a licenciatura em Económicas.

Evidentemente que, dispondo de tão avultada quantia o Fernando José Gomes Brito pensa numa aplicação rentável do seu capital. E como seu pai exerceu, antes de ser funcionário dos C. T. T., actividades na construção civil, o novo bimilionário pensa que a edificação de um prédio pode perfeitamente corresponder ao seu desejo.

O julgamento do caso do assalto ao Banco de Portugal na Figueira da Foz

COIMBRA. 8.—Está marcado para o dia 23 de Junho próximo o início do julgamento do caso do assalto ao Banco de Portugal na Figueira da Foz, no Verão de 1967.

O julgamento efectuar-se-á no tribunal de Coimbra, devendo presidir o corregedor do círculo, dr. José Henriques Simões, tendo como assessores os juizes dos II e III tribunais da comarca, respectivamente, drs. Manuel Gonçalves Camarinho e Francisco Xavier de Moraes Sarmento. Delegado do Procurador da República é o dr. Fernando Dias Simão.

A defesa dos réus está a cargo dos conhecidos advogados drs. Vasco da Gama Fernandes, de Leiria, Costa e Melo, de Aveiro, Mário Soares, de Lisboa, Armando Bacelar, do Porto, Fonseca Viegas e Melo Biscaia, da Figueira da Foz.

DESPEDIDA DE UM CONTINGENTE DE ENGENHARIA

No aquartelamento do Regimento de Engenharia n.º 1, à Pontinha, realiza-se no dia 12, a festa de despedida de um contingente de Engenharia que, em breve, partirá para o Ultramar.

Conferência de Aviação Civil

Na Direcção-Geral da Aeronáutica Civil efectua-se hoje e amanhã, uma reunião preparatória da próxima sessão da Comissão Económica da Conferência Europeia da Aviação Civil, a qual decorrerá em Paris de 19 a 22 deste mês e será presidida pelo director-geral da Aeronáutica Civil, eng.º Vitor Veiros, a quem já há vários anos foi confiada a presidência daquela comissão.

A reunião em Lisboa tem por tema central a regulamentação a estabelecer uniformemente pelos Estados europeus em relação aos voos dos transportadores não regulares através do Atlântico Norte. Assistem delegados da Inglaterra, França, Alemanha, Holanda e Portugal.



O meu filho pediu-me para frequentar o Ciclo Preparatório TV...

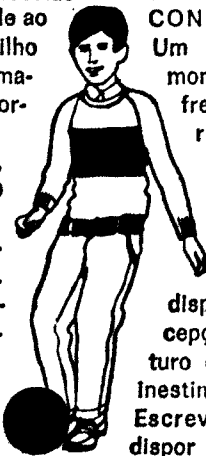
LEIA AS RAZÕES POR QUE DEVE RESPONDER «SIM»

—Ele completa este ano a 4.ª Classe. O seu futuro é decidido agora. A sua frente abrem-se dois caminhos. A 5.ª e 6.ª classes. O Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. Problema difícil? Não. Veja as razões que devem guiar a sua escolha. A 5.ª e 6.ª classes destinam-se, principalmente, aos que pretendem completar a Instrução primária e não têm intenção de prosseguir os estudos. O Ciclo Preparatório dá acesso directo ao 2.º ciclo dos liceus e aos

cursos de formação das escolas técnicas. O que corresponde ao desejo de dar ao seu filho um curso. Para melhor formação profissional e mais oportunidades na vida. CICLO PREPARATÓRIO TV, A SOLUÇÃO DO SEU CASO Na sua localidade, porém, não existem escolas preparatórias? Não se preocupe. Porque onde chega a televisão, chega o Ciclo Preparatório TV. Rigorosamente equivalente ao Ciclo Preparatório directo. Apenas é necessário que exista um posto de recepção.

A TELESOLA AJUDA-O A CONSTRUIR O FUTURO

Um posto de recepção. Um monitor. E o seu filho poderá frequentar o Ciclo Preparatório TV. Beneficiando, em caso de necessidade, de bolsas de estudo e subsídios de transporte. Coopere com os outros pais para que a sua terra disponha de um posto de recepção. Garante, assim, o futuro do seu filho e presta um inestimável serviço à comunidade. Escreva-nos. Estamos ao seu dispor para lhe dar todas as informações.



INSTITUTO DE MEIOS AUDIO-VISUAIS DE EDUCAÇÃO—Rua Florbela Espinosa—Telef.: 76 14 97—Lisboa 5

IMAVE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL EM COLABORAÇÃO COM RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA, S.A.R.L.

CARROS USADOS

NSU P 30	1960
NSU 110 SC	1966
NSU TT 1100	1966
NSU 1000	1966
NSU 1000	1967
NSU P 4	1962
NSU P 4	1967
Flat 2100	1960
Isuzu (Ford)	1967
MG 1100	1965
Flat 850	1967
Comet 202	1964
Cortina	1964
Cadillac Impetível	1962
Ford Thames	1960
Beetle	1965
Flat 1100	1957
Taurus (1500)	1964
Audi Cooper S m/ extras motor novo transformado.	1967
BMW	1963
Alfa Romeo	1963
Hilman Super	1966
Volvo B-18	1962
Citroën DS 21	1962
Ford Anglia	1962
NSU P 4	1963
NSU P 4	1965
NSU 1000	1965

AUTO EDUARDO COSTA, LDA.

Rua de Campolide, 27-B

ECOS

NUM inquérito realizado no Brasil, no meio da prostituição, em São Paulo, uma das perguntas foi «Você gostaria de abandonar a prostituição?» 90,5 % das mulheres interrogadas respondeu «sim»; 6 % disse «não» e apenas 3,5 % se mostrou indiferente. Um terço das que desistiram ter outra vida alegou que sentia vergonha «por causa do desprezo dos outros e da família». Outro terço queixou-se da insegurança económica e da perseguição policial. Muitas ainda exprimiram o seu receio da doença venérea e ainda a nostalgia do lar, da família, da maternidade.

A venda ao domicílio afecta a vida das francesas. Como? De há dois anos para cá, artigos de uso doméstico, produtos de beleza, máquinas de cozer e de fazer stricots, aparelhos eléctricos invadem desta forma os lares gauleses. Não já — estamos em 1969 — pelo rotineiro processo do porta-a-porta. Não: agora aborda-se a cliente pelo telefone, oferecem-se-lhe vantagens, conquista-se-lhe a confiança, toma-se chá com ela e... vende-se-lhe o produto, após a demonstração ao

domicílio. Até enciclopédias assim se transaccionam. Há equipas de especialistas, conselheiros e conselheiras de beleza. As participantes não são forçadas a comprar. Mas acabam quase sempre por fazê-lo. Até por pudor. Até por vaidade. A vizinhança observa. Jacqueline Dana analisa este fenómeno sociológico em Le Nouvel Observateur. Os maridos franceses correm o risco, quando voltam do trabalho, de encontrar as esposas e as casas modificadas por estas visitas da hora da merenda.

NUMA entrevista, que não teve a audiência que merecia, o general Cao Ky, primeira figura do Vietnam do Sul, fez declarações tão sensacionais como estas (que dispensam qualquer crítica agressiva): «A cultura não me interessa. Não tenho cultura e não me sinto diminuído por isso. Os homens cultos são raramente homens de acção. Aliás, nunca me achei menos inteligente pelo facto de não ser culto. Olhe para os nossos camponeses: são mais inteligentes do que os nossos líderes corruptos. É o sofrimento que lhes dá cultura».

O JÚRI ESCOLHE HOJE AS FINALISTAS DO CONCURSO PRINCESA DAS «TEEN-AGERS»

Nos salões da «Bayer Portuguesa S. A. R. L.», na Rua Sociedade Farmacêutica, n.º 3-C, em Lisboa, reunem-se hoje, pelas 17 horas, 30 jovens escolhidas de entre as candidatas ao título de Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas. Trinta jovens que, a pós uma selecção (através de elementos fotográficos e identificadores) saltaram de entre 161 inscritas neste concurso. Isso, por si só, já representa um triunfo — justo é mencioná-lo.

Na «Bayer», as 30 candidatas seleccionadas vão contactar com o júri do concurso, de molde a poder reduzir-se a 10 o número de «teen-agers» que no pró-

ximo dia 20, participarão na cerimónia de eleição final da «Princesa».

Os requisitos que vão influir no julgamento do júri são: afirmação de personalidade, frescura, voz bonita, compostura, boa figura, graciedade de movimentos, cultura geral, boas maneiras, apresentação e equilíbrio de valores. As finalistas devem fazer-se acompanhar de documentação que permita certificar o estado e a idade. Depois, apenas há que esperar a decisão do júri. Esperar e confiar.

A TAP, a «Bayer», a «Loja das Meias» e a «Formfit» oferecem prémios sensacionais.

Nunca será de mais salientar que excelentes prémios aguardam as finalistas do nosso concurso. O melhor, o mais saboroso, o mais espectacular é a maravilhosa viagem aos Estados Unidos da América do Norte em avião da TAP. Os Transportes Aéreos Portugueses renovam, assim, a magnífica colaboração que sempre oferecem a todas as iniciativas do «Diário de Lisboa». Desta feita, a Princesa das «Teen-Agers» Portuguesa (com um acompanhante à sua escolha) atravessa o grande mar na certeza absoluta de que a viagem nos T. A. P. redundará em passeio inolvidável.

Por seu lado, a prestigiosa «Bayer Portugal» destina a cada jovem finalista um corte de «Dralon Imprimé» (e mais 500 escudos

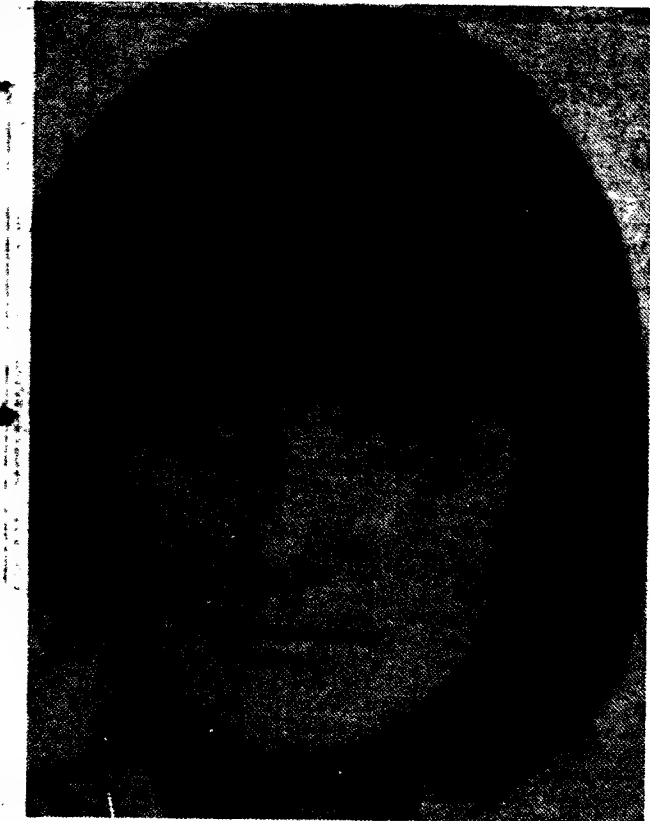
para o respectivo feitiço), além de um vestido já confeccionado na famosa firma de renome mundial Formfit. A «Bayer» quer prolongar a sua valiosa presença no certame para eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas e concede o «Prémio Elegância» à jovem que melhor aproveitar o tecido oferecido, conferindo-lhe um corte alegre, moderno, bem próprio da mocidade.

A «Loja das Meias» oferece à titular um conjunto harmónico e actual: fato de banho, saco de praia e roupão de banho. Para as duas jovens classificadas nos lugares imediatos reserva bonitas roucas de banho. Prémios (portanto) de utilidade para todas as jovens.

Hoje, podemos acrescentar outra valiosa oferta. Trata-se de cintas e «soutiens» da alameda marca americana em Portugal pela Indústria Nacional de Confeções Elásticas (R. Garrett, 36, 3.º, direito, em Lisboa). As cintas e «soutiens» da «Formfit» são a última palavra no género, especialmente confeccionados, segundo a idade e o corpo de cada jovem.

Uma torrente de prémios está, assim ao dispor das jovens que hoje, ao fim da tarde, o júri designar como candidatas oficiais ao título de Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas.

A viagem à América do Norte (em avião dos T. A. P.), é o objectivo maior de uma «teen-ager» que, na sua bagagem de Princesa, levará úteis e muito valiosos prémios.



Empregada no comércio, Maria da Assunção de Jesus Landolt (nascida a 1 de Novembro de 1950) é a vencedora do concurso ao título de Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas.

O ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DO II CONGRESSO REPUBLICANO EFECTUA-SE EM AVEIRO

AVEIRO, 8 — Há já 250 inscrições para o almoço de confraternização de democratas com que encerra o II Congresso Republicano de Aveiro. E as inscrições continuam a chegar constantemente. Ao contrário do que havia sido anunciado anteriormente, o almoço efectua-se na cidade de Aveiro. Dissera-se que, devido ao número de inscritos, se efectuariam na Curia; mas o secretariado do Congresso decidiu que, em qualquer caso, o almoço do dia 17 se efectuará na cidade de Aveiro, onde se realiza também o Congresso.

Continuam a ser recebidas teses e comunicações para as sessões do Congresso. Entre outras, até agora, a do dr. António Macedo, do Porto, sobre «Sigilo da Corresponsabilidade»; as do dr. Oscar Lopes e Egito Gonçalves e do dr. D. Maria Cristina de Araújo, da delegação do Porto da extinta Sociedade Portuguesa de Escritores sobre «Perspectivas Democráticas na Literatura Portuguesa»; outras dos drs. Sérgio Ribeiro, Velasco Hugo Fernandes e Manuel Augusto de Araújo; e uma de Marcelino Cardoso sobre «Democracia Activa».

Novas cartas e telegramas de adesão têm chegado de continuo ao secretariado. Entre outros: os dos drs. Adão e Silva, Manuel João

Torre de Babel

por João Medina

«NEVER GROW OLD»

«Todas as crianças são geniais, excepto Minou Drouet».

Jean Cocteau.

Uma criança que escreve poemas nada faz de anormal: a infância é poesia. Se o bom senso e o sentido crítico servem sobretudo para uma boa contabilidade ou para a desmistificação do Mundo, compreende-se que a primeira idade seja verdadeira e plenamente o paraíso dos poetas. Todavia, ao contrário dos homens que continuam a escrever poemas mesmo depois de passada a meninice e as ilusões, as crianças são poesia sem esforço, espontaneamente; digamos assim que um poeta não passa afinal dum Peter Pan, isto é, de alguém que chegou ao paraíso da idade adulta, se obstina em manter vivo o lume e a frescura dum olhar ingenuo, vendo o mundo não exactamente como ele é, ou seja, esquisito, monótono, seco, mas como ele em verdade devia ser se ainda estivesse na infância: inesperado, colorido, mágico a todos os instantes, maravilhoso.

A infância despreza a lógica (daí o génio dela e o surrealismo involuntário de todos os seus gestos e palavras), a aritmética racional e todas as chamadas evidências do bom-senso. A criança vive, como os gregos do tempo de Hesíodo, em plena mitologia, no meio de seres fabulosos e irreais. No olhar da criança vibra a mesma magia que arde na lira de Orfeu: daqui que tanto o poeta como o menino sabem transformar a pedra em ser animado e a árvore em animal dotado de fala. O

país das maravilhas de Alice, país de vertigens e absurdos em cascata, foi concebido por um especialista de lógica que, durante uma tarde de Verão sonhou voltar ao paraíso perdido da sua infância: o nome de Lewis Carroll esconde a identidade dum certo Charles Dodgson, professor de matemática em Oxford.

Nada há portanto de surpreendente no facto de uma criança ser poeta. Nunca compreendi que o caso de Minou Drouet tivesse comovido o Mundo há uma dúzia de anos: uma criança que fala de árvores como se estas fossem pessoas e das pessoas como se elas fossem flores, nada tem de extraordinário, antes me parece estar na ordem das coisas. Ficaria espantado, sim, se um parolo de cinco anos dissesse que o qual quer estruturalista sobre os dezoito níveis da semiologia, lesse o relatório K. I. N. S. V. ou mostrasse compreender a geometria não-euclidiana; haveria então aqui manifestação anormalidade e mesmo uma ponta de perverso, já que nada me parece tão enfaticamente pedante como ver um menino sábio sentenciar doutorices ou citar Foucault como qualquer licenciado em Letras o faz hoje em dia nas paretas, em vez de brincar ao trapo queimado, viver as aventuras do barão de Münchhausen ou acompanhar Alice ao país das maravilhas. Razão tinha portanto Cocteau quando afirmava que todas as crianças recebem a graça do génio, excepto Minou Drouet, a garota que publicava poemas numa altura em que as outras raparigas da idade dela mal soletravam ainda a cartilha maternal.

O génio próprio de Peter Pan está em viver tranquilamente no maravilhoso e não no plausível; no dia-a-dia vivemos todos nós destruídos, do mesmo modo que os esquimós suportam o frio: por hábito, resignação, falta de espírito de iniciativa, por insuficiência imaginativa. Tivessem eles, os habitantes polares — e nós —, a facilidade da poesia e logo trocaríamos o deserto gelado pelo país das maravilhas. Ao escrever poemas em vez de os viver, Minou Drouet transgride portanto o código da infância, queria ao mesmo tempo ser gata e adulta, ingénua e sabia, primitiva e douta.

Ora sucede que só os poetas, ou seja as crianças teimosamente retardatárias apesar da passagem dos anos, fazem poemas e os publicam em vez de os viverem sem mais artifício. Querendo imitar os poetas, Minou Drouet procedeu um pouco há maneira do cão da fábula, aquele que deixou o osso real para apanhar a imagem do osso na água. Aquilo que nos poetas é artimanha, surge na criança como naturalidade. Os poetas mentem ou fingem (o poeta é um fingidor...), F. Pessoa porque sem astúcias não lograríamos regressar ao paraíso perdido da meninice. Mas as crianças não precisam de fingir de crianças nem de regressar onde já estão. Daí que eu tenha sempre considerado Minou como uma impossitória, uma criança velha ou uma velha a fingir-se de garota.

Estrasburgo, Maio de 1969.

HÁ 24 ANOS «COMEÇOU» A GUERRA

Fez ontem vinte e quatro anos que a chamada Segunda Guerra Mundial acabou na Europa. A 7 de Maio de 1945, em Berlim, os chefes militares dos aliados ocidentais firmaram com Jodi a rendição incondicional do Reich, que no dia seguinte foi confirmada por Keitel, comandante supremo da Wehrmacht desde 38, na Berlim já ocupada pelos soviéticos. Mesenta e oito meses demorara a configuração no solo europeu, incendiando o quase todo — a Suécia, a Suíça, a Turquia, a Espanha, Portugal, a Irlanda e a Islandia não viram o seu território invadido pela luta (que vitimou dezenas de milhões de vidas) devido a neutralidade dos seus governos. Estavam então abatidos os nacionalismos que a sua maneira tinham querido dominar o Mundo e depositavam-se grandes esperanças na heterogênea coligação vencedora. O futuro diria qual das armas essas esperanças. Mas deixemos isso por ora (verdadeiramente, nem o podemos deixar, porque é o nosso quotidiano) e falemos de outra coisa.

É de bom tom, quando passa mais um ano, referirem-se os comentários de circunstância à guerra que a História catalogou e a paz que desde então temos vivido, como se a evolução histórica deste século se desviasse (e pudesse) balizar por fases de guerras-monstros, generalizadas e mortíferas que duram poucos anos, separadas por períodos muito maiores de «paz». Esta visão superficial é incorrecta e basta abrir os olhos para a desastrosidade. Desde 45 travaram-se a guerra civil grega, que já desde 44 e até 50, com alguns lapsos de acalmia temperada por compromissos logo

desfeitos, grassou por toda a Heliénia; a guerra da Coreia, de 50 a 53 (a primeira do seu activo que os E. U. A. não conseguiram vencer); a da Indochina, de 46 a 54 (golpe decisivo no colonialismo francês, de que é sucessora a moderna e tão edificante do Vietnam, iniciada em 60 e cujo fecho político ou militar não parece próximo, mau grado a propaganda a esse respeito propagada); a da Argélia, revólver definitivo da IV República e das pretensões coloniais francesas; a guerra civil chinesa (cuja conclusão oficial se costuma situar a 1 de Outubro de 49); os vários confrontamentos israelo-árabes, em 48-49, 56 e 67 e o que desde os «seis dias» até ao momento se passa a passar; a guerra civil do Yemén, que a partir de 62 e até há bem pouco após selvaticamente republicanos e monárquicos; a do Biafra, em que haussas, ibos e outros se digladiam há cerca de dois anos; a guerra civil colombiana (48-58), disputada entre conservadores e liberais, ou assim ditos; a do Laos, acabada oficialmente em 62, e recomeçada (?) recentemente...

E além destas guerras maiores, um não acabar de guerralinhinhas e intervenções armadas, represões, revoluções e pronunciamientos — assim os diversos conflitos indiano-paquistaneses, de que o último foi em Setembro de 65; as intervenções armadas estado-unidenses de 54, na Nicarágua e de 65 na República Dominicana, assim como o desembarque da Baía dos Porcos, em 61, e (não é na América Latina, mas há mais mundos...) a do Líbano em 58; a sangrenta repressão anticomunista de 65 tom tomado na Indonésia e aspecto de verdade e guerra civil unilateral; as diversas guerras colo-

niais, de que se salientam, ao acaso, a eliminação sistemática da guerrilha malaia até 57, pelos ingleses, e (os autores não os mesmos) a chacinha dos mau-maus do Quénia, em 52; os vários focos de guerrilha latino-americana, desde a Guatemala à Bolívia, desde a Venezuela ao Peru; as designadas guerras locais, de difícil explicação superestrutural, como o conflito argelino-marroquino de 63 e as mais recentes confrontações somalo-etíopes; a luta sino-indiana de 62; a guerrilha filipina dos anos 50 e a tailandesa dos nossos dias... Que se eu, que sabemos nós! Guerras, afinal de contas, e em conjunto muito mais vulvonas em mortos causados, imediatos ou mediatos, entre civis e militares, pois, que as da guerra de 39-45. E com efeitos talvez politicamente mais chegados (influências, leia-se) para a grande maioria dos povos do mundo, isto infelizmente para eles quase sempre.

A Segunda Guerra Mundial foi, por certo, um complexo de sucessos importantes para a História da Humanidade neste século XX que atravessamos, tanto política como económica como em especial militarmente — mas que tantos lhe têm imputado, essa começou depois dela e estamos ainda a vivê-la, com tanta ou mais violência, qualquer que sejam as suas formas, de que a que campegou nos seus seis anos que edificaram a Europa (e não só, como se sabe). Não voltaram as Grandes a combater-se na guerra, pelo menos entre si, já que as operações de polícia entre Vietnam não pelos visões compatíveis com a paz entre as superpotências. Mas este facto, longe de significar que há paz, lança fumo sobre to-

das as modalidades de violência armada que fazem, cada vez mais (insisto, cada vez mais) parte da vida internacional. Supervalorizam as tragédias apocalípticas da guerra nuclear, para daí deduzir, por artifícios exclamativos, que a falta (miraculosa!!!) dela, subsiste a tal paz, é demagogia grosseira. Com intenções propagandísticas-psicológicas transparentes.

Assente-se pois, que a guerra terminada em 45 não resolveu (longe disso) tudo, não sendo o que se lhe seguiu um mar de rosas apenas enombrado por um outro capinho com que temos de ter o melhor da nossa paciência, além dos devidos respetos. Isto, claro, em meio de incensadíssima paz... Não — convenhamos finalmente, por ser da mais elementar conexão histórica e salutar doutrina, que em 45 começou-se e não se acabou. Verifiquemos que há guerra, por todo o lado, para o bem e para o mal. E ela que alimenta largamente gordiasmas e respeitabilíssimas indústrias de respeitabilíssimos e gordiasmos países e é ela que tem libertado os povos do grilhões antigos e aparentemente invencíveis. Factor simultaneamente de dominação e libertação, a guerra, desde 45 (e desde 45?) tem-se revelado um reflexo fiel das contradições existentes no mundo que é o nosso; mais reflexo que agente, ainda quando agente decisivo. E não um elemento com um valor em si, absoluto, a nível macro-histórico. É, afinal, a política por outros meios, do Clamoris.

Isto independentemente de que se possa, da guerra numa perspectiva humanitária, ou se se quiser, humanística — perspectiva absolutamente respeitável.

- EIS A CONSTITUIÇÃO DO JÚRI
- D. Madalena Castro Amaro Ruella Ramos, esposa do nosso director.
 - Johannes Minnemann, administrador-geral da «Bayer Portugal».
 - Mário de Sousa Medeiros, delegado da TAP em Lisboa.
 - António Rolo Duarte, jornalista.
 - D. Maria de Lurdes dos Santos Silva, directora do Centro de Estética Feminina.
 - José Joaquim Machado Leite, administrador de empresa.
 - D. Maria Judite de Carvalho, escritora e jornalista.
 - Pedro António Costa, sócio-gerente da «Loja das Meias».

TERTÚLIA «FESTA BRAVA»

Na sede, à Praga da Alegria, 38, a Tertulia «Festa Brava» realiza, no sábado, às 13 horas, o seu habitual almoço.

Organizada pelo sr. Vitor Matos, a reunião terá fados e guitarradas.

Conta Infantil

BANCO DO PLENTEJO

Garantia de Proximidade e Confiabilidade

SUA D. DUARTE, 1-B (Edifício do Hotel Mundial)

O PROBLEMA DAS FRUTAS EXPORTADORES A MAIS PARA PRODUTOS A MENOS — a lição do relatório do grémio

«Foi mais fraca a exportação de frutas verdes no ano de 1968. Foram as castanhas, com menos um milhão de quilos que no ano anterior, que largamente contribuíram para a redução da exportação das frutas verdes — estas as palavras com que abre o relatório do exercício do ano passado do Grémio do Comércio de Exportação de Frutas».

Depois de esclarecer que se exportaram menos 1 575 636 quilos que em 1967, o Grémio informa que a ausência de transportes adequados torna impossível qualquer progresso na exportação de melões e uvas, o que se de lamentar.

Lamenta-se, a seguir, que em matéria de exportação de fruta verde estejam apenas dependentes do binómio produção-exportação de castanhas, pois, em 5 278 994 quilos de fruta verde exportada, mais de metade (3 963 740 quilos) eram castanhas.

Por outro lado, houve um pequeno acréscimo na exportação de frutas secas (273 toneladas), devido essencialmente ao aumento de exportação de avelãs.

Entre outros, os dos drs. Adão e Silva, Manuel João

«Foi mais fraca a exportação de frutas verdes no ano de 1968. Foram as castanhas, com menos um milhão de quilos que no ano anterior, que largamente contribuíram para a redução da exportação das frutas verdes — estas as palavras com que abre o relatório do exercício do ano passado do Grémio do Comércio de Exportação de Frutas».

Depois de esclarecer que se exportaram menos 1 575 636 quilos que em 1967, o Grémio informa que a ausência de transportes adequados torna impossível qualquer progresso na exportação de melões e uvas, o que se de lamentar.

Lamenta-se, a seguir, que em matéria de exportação de fruta verde estejam apenas dependentes do binómio produção-exportação de castanhas, pois, em 5 278 994 quilos de fruta verde exportada, mais de metade (3 963 740 quilos) eram castanhas.

Por outro lado, houve um pequeno acréscimo na exportação de frutas secas (273 toneladas), devido essencialmente ao aumento de exportação de avelãs.

Entre outros, os dos drs. Adão e Silva, Manuel João

Pasta Medicinal Couto

Evita e trata doenças da boca

PORQUE E MEDICINAL

Chama-se Radoyka Suerka, é jugoslava e interpretou «Nuestro mundo» (original de AMI Kabajko), composição que obteve o primeiro maior do último «Festival da Canção de Maio»

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU

UMA JOIA É SEMPRE UM VALOR

GRANDE OUVRESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Actualidade internacional

UM FRANCÊS NO POSTO-CHAVE DO VATICANO

Há pouco mais de dois anos, Paulo VI chamou o cardeal Villot, arcebispo de Lyon, para presidir à Congregação do Concílio, transferindo a missão depois em Congregação para o Clero. Tornou-se agora seu secretário de Estado. Quebrando com a tradição, confia deste modo a um bispo não italiano, e que além disso não pertence à «carreira» curial, o que, desde a reforma de 15 de Agosto de 1967, se tornou posto-chave do Governo da Igreja: aquele cujo título coordena toda a actividade da Santa Sé, apresenta os assuntos ao Papa e vela pela execução das suas decisões.

A escolha de Paulo VI prova a perseverança num objectivo rematado deste modo. Nos últimos dois anos, o Papa acelerou insensivelmente a instalação de homens que, há muito, gozavam da sua confiança, contando com o tempo, poupando méritos indiscutíveis, precipitando por vezes decisões sem ir ao ponto de utilizar, como um cutelo automático, o limite de idade dos arcebispos e cinco anos quando certas individualidades, entre as quais o cardeal Amleto Cicognani, secretário de Estado, confessavam em consciência não compreender a sua necessidade.

Se a flexibilidade e a prudência do Santo Padre foram por vezes mal interpretadas, a nomeação do cardeal Villot volta a colocá-las na sua justa perspectiva: seguro

dos seus lugares, o «monti-nismo» baseia-se, agora, no essencial, em homens munidos de uma experiência pastoral, de que os juristas e os diplomatas são excecionalmente mais dirigentes. O diagnóstico, que «Le Monde» fazia já em 11 de Abril de 1967, fica deste modo confirmado.

Se o cardeal Villot vê confiam-lhe um lugar que antes dele foi ilustrado pelos cardeais Antonelli, Rampolla, Merry del Val, Gasparri ou Facelli, para não falar do actual Papa, estas evocações correspondem mal à realidade de hoje, de tal modo o espírito e as competências da função divergem daquilo que foi conhecido pelos seus grandes antecessores. Encarnam uma Sé apostólica centralizadora. O seu sucessor, pela sua experiência em França, e, como são testemunho as orientações que deu à Congregação para o Clero, será o homem do intercâmbio entre as conferências episcopais e a Sé romana.

Paulo VI deu muito valor a esta abertura para formas ainda imprecisas de «responsabilidades do colégio dos bispos para sobrepujar os obstáculos que a nacionalidade francesa do novo secretário de Estado representava, assim como a sua não-pertença original à Curia. Esta «escalada» na internacionalização da Curia, a que o cardeal Villot se adaptou sem perder os traços do seu carácter, corre no entanto o risco de suscitar redemoinhos e reacções de defesa. Os meios romanos tradicionais e os seus jornais não deixarão de lhe imputar a responsabilidade das experiências mais inesperadas dos seus compatriotas e de denunciar qualquer inovação em sua opinião enodada de «galicismo». O processo sem tréguas feito aos «franceses» da Santa Sé poderia ter, por este motivo, certas repercussões.

O que é certo é que não foi um francês como tal que o Papa quis para seu primeiro colaborador, mas aquele dos bispos da Igreja universal de quem considerava as qualidades complementares para melhor servir as suas próprias.

Exclusivo «Le Monde» - Diário de Lisboa



Paulo VI e o cardeal Villot, recentemente nomeado secretário de Estado do Vaticano

No vale do Jordão

Recontro entre israelitas e guerrilheiros árabes

TEL-AVIV, 8. — (R.) — Foi hoje anunciado que morreram três guerrilheiros árabes num encontro com uma patrulha israelita no vale do Jordão.

Um informador militar israelita declarou que a patrulha entrou em contacto com um grupo de guerrilheiros, ontem à noite, próximo de Umm Tsuts. Do lado israelita não houve baixas.

Entretanto, foi anunciado também que morreram dois soldados israelitas e três ficaram feridos durante o duelo de artilharia travado ontem no Suez.

Por outro lado, as forças de segurança de Israel fizeram ir, ontem, pelos ares quatro casas pertencentes a árabes, em Nablus.

As forças de segurança informaram que os habitantes dessas casas tinham sido presos há pouco tempo.

MORREU OUTRO GENERAL SOVIÉTICO

MOSCOVO, 8. — (R.) — A morte de mais um general soviético (o sexto em 13 dias) foi anunciada hoje pelo «Estrela Vermelha», órgão noticioso do Ministério da Defesa.

O jornal informa que o general Yevgeny Smirnov, oficial de engenharia em serviço no Ministério da Defesa, faleceu após curta doença. Tinha 51 anos.

A sua morte em nada se relaciona com a dos outros cinco generais. Até agora a única explicação é que estas seis mortes em tão pouco tempo são uma notável coincidência.

Desde 25 de Abril o «Estrela Vermelha» anunciou o falecimento dos seguintes generais:

— Marikyan Popov, em circunstâncias trágicas (acidente) em 22 de Abril;

— Valentin Penkovsky, de doença, em 24 de Abril;

— Anatoly Kadomtsev, em circunstâncias trágicas. Não foi anunciada a data;

— Alexander Dmitriyev, não tendo sido anunciada nem a data nem a causa da morte;

— Igor Antonov, de doença, em data não indicada.

po, acusados de actividades terroristas.

ABRIGOS FORTIFICADOS

CAIRO, 8. — (R.) — A República Árabe Unida concordou em construir abrigos fortificados para os observadores do cessar-fogo da O. N. U. na margem ocidental do Canal de Suez — anunciou hoje o autorizado jornal «Al Ahram».

Aquele diário diz ainda que o Cairo informou o general Odd Bull, principal observador das tréguas da O. N. U. no Médio Oriente, de que os novos abrigos seriam adequadamente fortificados, a fim de protegerem os seus homens.

Alemanha: Os liberais ao encontro do eleitor

Os partidos políticos da Alemanha Ocidental prepararam-se para as eleições parlamentares de 28 de Setembro próximo.

O Partido Democrático Livre (F. D. P.), que actualmente se encontra na oposição, foi o primeiro a abrir a campanha.

Os liberais tentam assumir uma posição intermédia entre os partidos da Grande Coligação — a União Cristã Democrata e a União Cristã-Social (C. D. U./C. S. U.) e o Partido Social Democrata (S. P. D.). Tal posição permite-lhes situarem-se a igual distância de ambos.

De acordo com os seus líderes, o F. D. P. intenta defender uma certa margem de liberdade que lhe ofereça a vantagem, uma vez terminadas as eleições de poder entrar em conversações visando a formação de uma coligação com qualquer das partes. Por isso, em matéria de política externa os democratas livres mostram-se largamente solidários com o S. P. D., e na política económica, em contrapartida, inclinam-se para as teses da C. D. U./C. S. U.

O voto dos liberais para o social democrata Gustav Heinemann, nas últimas eleições presidenciais, efectuadas em Berlim, reforçam as especulações de que, após Setembro, se assistirá em Bonn a uma coligação entre o S. P. D. e F. D. P. No actual Parlamento germanico, um importan-

te grupo de dirigentes do F. D. P. inclina-se para uma aliança com os sociais democratas. A despeito disso, não se pode prever que ambos venham a constituir uma maioria estável.

A campanha eleitoral dos democratas livres desenvolver-se-á em três fases: na primeira haverá uma série de reuniões de debate. Objectivo: satisfazer, junto dos eleitores, a procura crescente da discussão. Durante esta série apresentadas ao público as candidaturas a deputados. O monólogo tradicional será substituído por um breve relatório de apresentação. Na segunda fase, o F. D. P. actuará, sobretudo, nas pequenas cidades. Finalmente, para a terceira etapa previstas cinco reuniões principais na presença da direcção do Partido. No seu conjunto, a campanha deverá ser conduzida, de acordo com o programa pre-estabelecido, com um carácter iminentemente «político». Quer dizer, com a máxima objectividade. A sua ideia mestra é «informação clara e discussão franca com os eleitores».

Não passando, presentemente, de uma terceira força política, o F. D. P. não parece encontrar-se em condições de competir com os grandes partidos na batalha eleitoral. Tão-pouco parece capaz de conquistar outro lugar que não seja o que neste momento ocupa.

H. C.

A U. R. S. S.: NÃO INTERVIRÁ NO CASO DE NOVA GUERRA —JULGA GOLDA MEIR

NOVA YORK, 8. — (F. P.)

— Golda Meir, presidente do Conselho israelita, declarou numa entrevista televisada concedida a Olifon Daniel, chefe da redacção do «New York Times», que não pensava que a União Soviética interviesse no caso de nova guerra deflagrar no Médio Oriente «por receio de provocar a entrada de outros países».

A senhora Meir acrescentou, porém, que apesar dos recentes duelos de artilharia ao longo do Canal de Suez, os riscos de uma nova guerra entre Israel e os países árabes eram pouco prováveis. Salientou que no entanto, Israel estava disposto a defender-se e a conseguir uma nova vitória se fosse atacado.

Interrogada sobre as reuniões a quatro que se realizam em Nova York entre os Estados Unidos, a União Soviética, a França, e a Grã-Bretanha, na esperança de encontrar uma solução para o problema do Médio Oriente, a senhora Meir declarou que era contrária a estas discussões.

Disse não acreditar que outras potências, grandes ou pequenas, tivessem o direito de ditar a sorte de outros países. Aliás, acrescentou, a U. R. S. S. e a França apoiam abertamente os árabes, enquanto os Estados Unidos e a Grã-Bre-

ta estão tão interessados na sorte de Israel como na dos árabes. Nestas condições, é pouco provável que os «quatro» cheguem a acordo.

Tal como o seu predecessor, Levi Eshkol, morto há meses devido a uma crise cardíaca, a senhora Meir mantém a opinião de que a solução reside em discussões directas entre as partes em causa. A questão dos territórios ocupados, à excepção das colinas de Golan e de Jerusalém, poderia ser resolvida em tais negociações, da mesma forma que a da liberdade de navegação para navios israelitas no estreito de Tiran e no Canal de Suez.

Golda Meir disse ainda que só desejava a paz permanente e a fim de poder consagrar todos os fundos utilizados no equipamento militar, em Israel e nos países árabes, a fins mais construtivos nesta parte do Mundo.

SONDAGEM REJEITADA

JERUSALEM, 8. — (F. P.)

— A Espanha rejeitou uma sondagem de Israel no sentido de estabelecer relações diplomáticas entre os dois países — declarou hoje

Abba Eban, ministro israelita dos Negócios Estrangeiros.

O ministro salientou que a atitude «negativa» do Governo de Madrid para com Israel endureceu depois da guerra de Junho de 1967.

Braçadeiras

com a suástica

na missa por alma de Hitler

MADRID, 8. — (A. N. I.) — Cerca de duzentas pessoas assistiram ontem em Madrid a uma missa por alma de Adolfo Hitler, em comemoração do vigésimo quarto aniversário da morte do ditador nazí.

Alguns dos presentes tinham braçadeiras com cruces suásticas.

No fim da missa, os presentes, entre os quais se contavam muitos antigos combatentes da Divisão Azul, a unidade espanhola que lutou na frente russa, entoaram em coro o hino falangista.

GESTÃO ECONÓMICO-FINANCEIRA DE EMPRESAS

CURSO PROMOVIDO PELO CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

DIRECÇÃO A:

- Directores Financeiros
- Chefes de Contabilidade
- Técnicos de Contas
- Funções equivalentes às anteriores

ORGANIZADO em três sessões semanais de duas horas cada, entre as 20 e as 23 horas, com a duração de 8 semanas, a partir de 18 de Maio corrente

Inscrições abertas na Sede do Centro, à Avenida Duque de Loulé, n.º 83-3. — Telefones 5 99 93 e 45712, das 18 às 23 horas

GREVE NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SAO PAULO, 8. — (F. P.) — Todos os estudantes da Universidade desta cidade estão em greve desde terça-feira, para protestarem contra a decisão do Governo de afastar, por motivos políticos, 26 professores e cientistas dos centros de investigação ligados à Universidade.

O movimento nasceu no dia 5, na Faculdade de Medicina, e estendeu-se à Universidade Federal e à Universidade Católica. É a primeira vez desde a «Revolução de 13 de Dezembro» que rebenta uma greve de protesto numa Universidade brasileira.

Todos os locais da Universidade se encontram desertos e não se registaram incidentes.

Por outro lado, 80 jornalistas e várias dezenas de escritores dirigiram cartas ao presidente da República protestando contra a fuga da «intelligentsia» brasileira para o estrangeiro. O êxodo de professores e cientistas poderá acentuar esta tendência, numa época em que o próprio Governo insiste na neces-

dade de fazer regressar ao país dezenas de professores e investigadores que se encontram no estrangeiro.

Em São Paulo e no Rio, 67 professores e cientistas foram atingidos pelas recentes medidas de reforma antecipada decididas pelo Governo.

Cohn-Bendit apoia Krivine

PARIS, 8 — (R.) — Daniel («Danny, o Vermelho») Cohn-Bendit telegrafou hoje o seu apoio ao candidato trotskista na eleição presidencial francesa, Alain Krivine, e sugeriu que ele o devia nomear primeiro-ministro se ganhasse.

Cohn-Bendit, de 24 anos, um cidadão alemão ocidental que nasceu na França, e Krivine, de 27, desempenharam papéis importantes na revolução dos estudantes franceses da Primavera passada. Cohn-Bendit está ainda proibido de entrar em França.

Acontecimentos na China comentados por Rádio Moscovo

HONG KONG, 8 — (R.) — Rádio Moscovo anunciou hoje que as autoridades chinesas se preparam para novas perseguições aos intelectuais na China.

Aquela emissora comentou um recente editorial publicado em três importantes órgãos da imprensa chinesa exortando os intelectuais a integrarem-se com as massas de trabalhadores e camponeses e aceitarem uma reeducação.

A emissora afirma que o editorial é um indicio de novos ataques a intelectuais que já anteriormente, durante a Revolução Cultural, sofreram violenta perseguição e supressão. A emissão, em língua chinesa, indicava também que Mao Tsé Tung não confiava nos intelectuais.

O recente apelo do editorial à reeducação destinava-se a livrar-se deles exilando-os para regiões distantes e obrigando-os a violentos trabalhos manuais.

ORSON WELLES EM DAMANSKY

NOVA YORK, 8 — (A. N. I.) — Orson Welles partiu para a fronteira sino-soviética, na região da ilha de Damansky, recente cenário de sangrentos recontros, para filmar um documentário «especial» destinado a uma empresa de Televisão de Nova York.



O reverendo Ralph Abernathy, pouco antes de dar entrada na prisão em Charleston. O sucessor de Martin Luther King foi detido por ter participado numa manifestação relacionada com a campanha a favor da igualdade de direitos entre brancos e negros, nos Estados Unidos.

Ultimato a Wilson

LONDRES, 8. — (F. P.) — «Pistola apontada à cabeça de Wilson» («Sun»), «Ultimato a Wilson na reforma sindical» («Guardian»), «Ou o partido ou a libra» («Daily Sketch»), «Wilson à beira do abismo» («Daily Express»). São estes alguns dos títulos com que a imprensa da manhã traduz a efervescência provocada nas esferas políticas pela «bomba Hough-

ton» como lhe chama o «Financial Times». Douglas Houghton, de 70 anos, presidente do grupo parlamentar do Labour e nesta qualidade assegurando a ligação entre os deputados trabalhistas e o Governo, avisou ontem Wilson de que estes não permitirão que o Governo prossiga com o seu projecto de reforma sindical como se encontra elaborado.

Este verdadeiro ultimato do presidente do grupo parlamentar ao seu primeiro-ministro não tem precedentes nos anais parlamentares britânicos.

A próxima eleição em França

(Continuação da pág. central) A opinião pública, divulgada hoje, revela que no caso de Pöher se candidatar, Pompidou não conseguirá votos suficientes para vencer logo ao primeiro escrutínio.

A sondagem feita há dois dias, revela que 58 por cento das pessoas interrogadas votariam a favor de Pompidou, manifestando-se contra os seus três principais rivais, excluindo Pöher.

ISRAEL JÁ POSSUI

CINCO OU SEIS

BOMBAS ATÓMICAS?

(Continuação da 1.ª página)

dias. As bombas foram completadas durante o princípio de Fevereiro», declara o articulista.

O jornal revela que os serviços secretos egípcios tiveram conhecimento do fabrico das bombas em fins de Fevereiro deste ano. «O presidente Nasser fez imediatamente um apelo pedindo auxílio ao Governo Soviético e solicitou que armas nucleares russas fossem transferidas para solo egípcio.»

Moscovo recusou-se a fazê-lo, mas aumentou a esquadra soviética no Mediterrâneo, de forma a incluir navios equipados com ogivas nucleares.

SILENCIO ISRAELITA

TEL-AVIV, 8 — (R.) — As autoridades israelitas mantiveram hoje segredo absoluto em relação às notícias publicadas no semanário de Hamburgo «Der Spiegel», segundo as quais Israel tinha «cinco, provavelmente seis, bombas atómicas prontas a funcionar.»

INQUÉRITO NO CANADÁ ACERCA DA MORTE DE UM PORTUGUÊS

TORONTO (Canadá), 8 — (A.N.I.) — O «coroner» desta cidade ordenou a realização de um inquérito à morte do imigrante português Angelo Nóbrega, mortalmente atingido a tiro na cabeça, por um detective da Polícia local.

Por recomendação do procurador da coroa em Toronto, o inquérito foi marcado para 12 de Junho.

A Polícia afirma que o tiro que matou Nóbrega foi disparado acidentalmente mas João Nóbrega, irmão do morto, e um irmão mais novo, José, que se encontravam no local do incidente, desmentem a versão dada pela Polícia.

O detective Boyd, de 34 anos que disparou o tiro, acompanhado pelo seu colega James Sugden, perseguiu o carro em que seguiam os irmãos Nóbrega e alcançou-o num cruzamento.

A Polícia afirma que Angelo e João Nóbrega lutaram com os detectives, enquanto José tentava fugir,

sendo apanhado por Sugden pouco adiante.

João e José Nóbrega afirmam que Angelo não opôs resistência aos detectives e rejeitam a afirmação de que o tiro foi disparado acidentalmente.

Uma testemunha, Bob Jun, cozinheiro de um restaurante situado junto ao local onde Angelo foi morto, declarou.

Não se mata assim um homem. Alvejaram-no propositalmente na cabeça. No entanto, a Polícia afirma que não houve testemunhas oculares do incidente.

Os pais de Angelo vieram da Madeira para o Canadá em 1953. Os três filhos reuniram-se-lhes há cinco anos.

Angelo foi a sepultar na terça-feira.

Entretanto, o deputado liberal Dante de Monte propôs que a Polícia da província de Ontário seja desarmada, a exemplo do que acontece na Inglaterra, a fim de evitar casos como este.

DE CALCULADORAS A COMPUTADORAS...

BURROUGHS EQUIPAMENTO ELECTRÓNICO

INDISPENSÁVEL PARA O PROGRESSO DO SEU NEGÓCIO



BURROUGHS C3000 CALCULADORA ELECTRÓNICA

Executa todos os cálculos mais complexos num milésimo de segundo. Completamente silenciosa, leve e portátil.



BURROUGHS E3000 COMPUTADORA ELECTRÓNICA
30 a 100 memórias electrónicas
• Fichas de fitas magnéticas
• Alinhamento automático de documentos • Circuitos transistorizados • Controle simplificado de programação • Leitor selectivo automático de fichas • Perfuração em bande

Consulte o representante da Burroughs

ROBINSON BARDSLEY S.A.R.L.

LISBOA R. S. Sebastião da Pedreira 22 Te 56 02 00 — PORTO R. do Rosário, 104 - Tel. 2 97 67

ORIENTE-SE ANTES DE COMPRAR...

CONSULTANDO A REVISTA DE **MODA MASCULINA**



EDITADA POR

TECIDOS

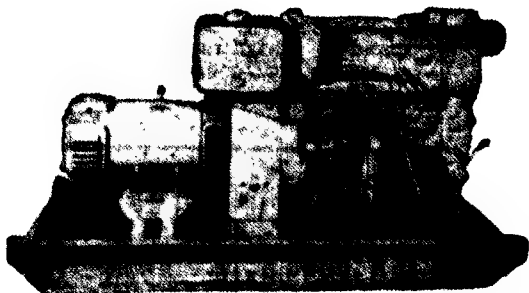
PAULO DE OLIVEIRA
COVILHA - PORTUGAL

E DISTRIBUIDA GRATUITAMENTE
AOS ALFAIATES E COMERCIANTES
DE TECIDOS DE TODO O PAIS

A marca de PAULO DE OLIVEIRA
Impressa na orela do seu tecido garante-lhe
um fato de sucesso onde tudo é
harmonia, bom gosto e qualidade.
Os TECIDOS PAULO DE OLIVEIRA,
fabricados com as melhores lãs mundiais,
têm desde há anos firmada, em vários
países da Europa, uma reputação de
qualidade e bom gosto que é
orgulhosa tradição da nossa Firma.

UM SIMBOLO  E UMA REVISTA AO SERVIÇO DA MODA MASCULINA

- Máquinas - Ferramentas
- Motores Diesel e fora de borda
- Grupos Electrogéneos
- Grupos Moto Bombas para rega, etc.



GULDNER

METALÚRGICA ALENTEJANA

CARLOS ROEDER, LDA.

STAND - RUA DO ARSENAL, 126
ESCRITÓRIO - RUA DO ARSENAL, 148, 1.º E 3.º • LISBOA
TELEFONES 36 18 32, 3 4 TELEGRAMAS: "HERDER"

HOOVER

lavar roupa



lavar loiça

maquinas automáticas

SEM entrada
fiador

A. OLIVEIRA

av. Alm. Reis - 91-A - Lisboa

S.  R.

Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral
dos
Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de artigo 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ferreira do Alentejo em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento na freguesia de Odivelas, no referido concelho de uma linha aérea a 15 kv com 3799 m de comprimento, do apeio n.º 56 da linha para o posto de transformação de Odivelas ao posto de transformação da Barragem de Odivelas da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repactuação de Licenciamento, em 28 de Abril de 1969.

O ENGENHEIRO-CHEFE
Guilherme Martins



Dr. Jorge de Mello do Rego

Os Corpos Gerentes da Intar, Empresa Industrial de Tabacos, S. A. R. L., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do Ex.º Senhor Dr. Jorge de Mello do Rego, Presidente da Assembleia Geral e que amanhã, sexta-feira, às 12.45 horas, se celebrará, na Igreja de S. João de Brito, missa pelo seu eterno descanso.



**DR. JORGE DE MELLO
DO REGO**

MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que amanhã, dia 9, às 12.45 horas na Igreja de São João de Brito, será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

EXCURSÃO DA C. P. Domingo 11 de Maio

Comunica-nos a C. P. de que realisa no próximo dia 11, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Guimarães, Penha, Santo Tirso e Santuário de Nossa Senhora da Assunção, incluindo a viagem no comboio automotor FIAT (1.ª classe e ar condicionado) e circuito turístico em autocarro.

PREÇOS

Excursão completa (incluindo o almoço no comboio) ... 295\$00
Só transporte em caminho-de-ferro:
Lisboa a Coimbra-B, e volta ... 110\$00
Lisboa a Aveiro, e volta ... 138\$00
Lisboa a Espinho, e volta ... 161\$00

Lisboa a Gaia, e volta ... 169\$00
Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do caminho-de-ferro em Lisboa.

LICEU-INSTITUTOS

CURSOS DE LINGUAS

FRANCÊS • INGLÊS • ALEMÃO

Bom apetrechado Laboratório

• Escola São-Vicente - Rua do Paraíso, 28 - T. 365804
• Externato Marquês de Pombal - Rua Carrilho Viçeira, 10 - T. 834658 - Rua Edith Cavell, 8, 1.º - T. 820221
Manter-se-ão aulas em Agosto e Setembro

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 45 m — 665 kc/s — As 6: Notícias; 6 e 30: Que quer ouvir; 7: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; programa da tarde — Canções da nossa época; 7 e 25: A orquestra de 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 8 e 30: Programa da manhã, por Maria Emília Canele de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 9 e 50: Rádio rural — Música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 30: Solistas ligeiros; 20 e 40: 8.º episódio do folhetim «O mortal de Florença»; 21: Jornal de actualidade; 21 e 30: Melodias pelo clarinetista Acker Bilk; 21 e 40: Variedades no estúdio; 22 e 30: Evocação de Coimbra; 22 e 50: Música ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1.º Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 15 e 37: Novos discos — Música de piano de Schubert por Alfred Brendel; 16 e 30: 2.º e 3.º actos da ópera «Madame Butterfly» (Puccini); 18: Música do século XX — Obras de Karol Szymanowski; 19: Crítica literária, pelo dr. Bigotte Chorbó; 19 e 10: Folclore português, música da Beira Alta e da Beira Baixa recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 25: Música de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música instrumental — Abertura em ré maior (Boccherini) — Orquestra Filarmonica Real, dirigida por Sir Thomas Beecham; 20 e 30: Duas das «Quatro peças sacras» (Verdi); 21: Parte de um concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional, sob a direcção do maestro Franco Mannino e com a colaboração da flautista Elaine Shaffer — Concerto op. 3 (Danzon); 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo cravista Marolha de Roberts, preenchido com obras de Frescobaldi e Buxtehude; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (Cultura MF 2) 94,3 mc/s — 23: Música de piano — Obras de Chabrier e Ravel, por Rena Kyriakou e Friedrich Gulda; 23 e 30: Festival de Verão de Ohrid de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão Jugoslava; 0 e 10: Sinfonia n.º 2 em dó op. 61 (Schumann) — Orquestra da Suíça Francesa, dirigida por Ernest Ansermet; 1.º Fecho.

2.º Programa — (Cultura em MF 2) 94,3 mc/s — As 23: Música de piano — Obras de Chabrier e Ravel, por Rena Kyriakou e Friedrich Gulda; 23 e 30: Festival de Verão de Ohrid de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão Jugoslava; 0 e 10: Sinfonia n.º 2 em dó op. 61 (Schumann) — Orquestra da Suíça Francesa, dirigida por Ernest Ansermet; 1.º Fecho.

RADIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 6: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e Notícias; 20 e 07: Conjunções vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Recordando sucessos; 21 e 02: Um conjunto; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional — balestra religiosa; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 1 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 07: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Manhã teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robôbiac; 19 e 45: Um conjunto; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte da vida; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Rádio; 21 e 30: Leituras; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RADIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Os nossos artistas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: O Quarteto 111; 21 e 45: Orquestras; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música de sempre; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONA ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 88 m — 594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 4 e 30 — Rádio Voz de Lisboa — Das 0 às 2 e das 9 e 30 às 22 — Clube Radiotónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2 — Rádio Graça — Das 14 e 30 às 9 e 30



Ilona Massey e o marido quando, há anos, passaram pelo Aeroporto de Lisboa

NOITE DE CINEMA:

«BALALAIKA»

A SESSÃO nocturna do programa nacional é totalmente preenchida pela «Noite de Cinema». É exibido um filme de grande metragem com os famosos Nelson Eddy e Ilona Massey e ainda com Charles Ruggles. Trata-se de «Balalaika» que nos anos 40 obteve um êxito tremendo, só ultrapassado pelo «E Tudo o Vento Levou». Película romântica, o seu entrecho passa-se «quando o fogo da revolta rebenta na Rússia dos «czars» e um capitão dos cossacos se enamora de uma cantora de café, cujo pai e irmão são chefes da revolução. O capitão (sobrinho do czar) tenta esconder a sua patente e posição...



HOJE PODE VER...

HOMENS E AVIÕES

CERCA das 21 horas volta ao pequeno «écran» o programa «Homens e aviões» que, por motivos alheios ao seu produtor (Alberto de Canha e Sá), esteve ausente dos seus habituais telespectadores. Assuntos tratados nesta edição: aviões U. T. O. L., destinados pela Administração da Aeronáutica e do Espaço dos E. U. A. para estudo nos centros de pesquisas da Califórnia e Virgínia, que neste caso utilizam

o XV-5-B; os Festivais Aéreos integrados nas Comemorações do centenário do nascimento do almirante Gago Coutinho e realizados no aeroporto de Bisbalanca, Bissau e Viseu, sendo neste último inaugurado o Serviço de Táxis Aéreos; noticiário; imagens do Concorde, o avião comercial mais falado do mundo; e a encerrar serão debatidos os problemas do ruído nas grandes cidades provocado pelos encontros do ar.

2.º PROGRAMA

«Os Companheiros de Jehu», Coral da Faculdade de Letras e «Universidade na TV»

PELAS 21 e 50, é apresentado o 4.º episódio do folhetim romântico de capa e bacamarte «Os companheiros de Jehu», adaptado do célebre romance de Alexandre Dumas.

Segue-se o «TV Clube» com o Grupo Coral da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Termina a emissão com «Universidade na TV», um programa preenchido com documentários especializados seleccionados pela U. R. I.

canal da crítica

- QUEIMA-TE AGORA E TRATA-TE DEPOIS!
- O QUE É QUE A BAIANA TEM...
- ESPIRITUAIS NEGROS POUCO CLAROS.
- APRENDER ATÉ... MATAR.
- HÓQUEI: LÁ COMO NÃO CÁ...

Deus Deus Deus!, as coisas tantas que aprendi ontem! a cabeça estala-me. Onde irei parar com tanta cultura se, como dizia Sebastião da Cama, «ignorante é que me querem»? Foi, logo no princípio do mundo, a enfermeira Quaresma a informar-nos que uma queimadura extensa é mais perigosa que uma queimadura não extensa, donde se conclui (bem, conclui eu porque estou habituado aos jogos molebrosos da inteligência, n.º) que um corpo todo queimado deverá ser muito mais grave do que um dedo chamuscado. E quanto mais em cinza, pior.

Depois, veio aquela tamanha lição sobre a Baía, uma espécie de redacção escolar ao ritmo do samba «o que é que a baiana tem...». A Baía tem isto e mais aquilo e mais istaquilo... A propósito de ter: que bela pronúncia brasileira tem Vitorino Nemésio! Daqui me peço que, dentro do esquema de palestras toponímicas utilizado nas últimas semanas, venha o distinto orador a referir-se também à minha

terra. É muito bonita, e merece duas palavras, coitada. Passaria apenas uma hora se bem me lembro, quando o meu cabedal de informações anglicou consideravelmente aumentado; há em Portugal quem cante espíritos negros e há quem ponha a sua disposição as câmaras da TV. Multíssimo bem feito. Rosário Coelho podia cantar outra coisa qualquer. Como parece ter escola, podia cantar, por exemplo, a

«Cartilha Maternal» de João de Deus. «Andava um dia / em pequenino / nos arredores / da Nazaré...». A vantagem em cantar outra coisa qualquer consistiria em ser o crime menos grave e as incapacidades menos evidentes. Claro que com isto não pretendo dizer nada mais senão aquilo que digo. Até admito que Rosário Coelho possua escola. Mas para cantar espíritos negros, possuir escola não basta. Pode até ser perfeitamente inútil. É inútil possuir escola para espiritualizar em negro como para cantar em alentejano. Os cantadores da VL, digueira, ouviram-nos no do-

mingo? Não sei se percebem onde quero chegar. A um ponto quero chegar. Lá isso quero, mas não quero enlutar ninguém, se eu próprio ontem fiquei furtivíssimo, até aqui, de aprender! Queria só que compreendessem quanto de alma, de tensão, de profundidade humana, de plantações de algodão no quotidiano ou de searas alheias para colhar são indispensáveis para espiritualizar ou alentejar. Voz bonita não indispensável, escola not indispensável, saber jogos e habilidades de salão ou de academia, não indispensável. Nem indispensável possuir caminho para estúdio de televisão. De televisão portuguesa.

Rosário Coelho terá, ou já disse e vou dizer outra vez, condições para interpretações outras. Árias, etc. Árias com outra área. Para espíritos, não. Quem a levou a espiritualizar perante as câmaras da televisão (portuguesa) não é seu amigo. Confúcio, como sempre, tinha razão: livra-me dos meus amigos que dos meus inimigos me livrarei eu!

A minha sede de aprender ainda não fora suficientemente explorada. Faltava ainda aquele episódio do chefe Ironside, o da cadeirinha. O da cadeirinha mas esperto

(Continua na página seguinte)



AMANHÃ — I Programa — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: «Mistérios do Rosário»; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 40: Universidade na TV; 21: Cartas TV 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Folhetim «Bela e Sebastião»; 22 e 25: Actualidade desportiva; 22 e 45: Balada; 0 e 15: Telejornal, e Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Noite de Teatro — «D. Duques», de Gil Vicente; 23 e 20: A Grande Aventura — «A Vida dos Lapões»; 23 e 50: Telejornal e Fecho



Posta-restante

Mais algumas respostas a leitores que se dirigem à «Posta Restante»:

L. M. C. — LISBOA — No dia em que vai ler esta resposta estará o fadista António Mourão a gravar um TV Clube. Contente?

?? — LISBOA — Perdemos a sua carta e o seu nome, mas não a pergunta. A leitora apostou com uma sua amiga como a decoração (cenografia) do palco de S. Luiz para o final do Grande Prémio TV da Canção tenha sido de António Botelho. Afirmou até tê-lo visto numa reportagem do

programa «Horizontes», na véspera do «prélio» musical. Perdeu e a sua amiga ganhou quando apostou no António Casimiro. Quem viu em «Horizontes» foi realmente António Casimiro acompanhado ocasionalmente de Octávio Clérigo, chefe do Serviço de Cenografia da R. T. P.

M. F. S. — LISBOA — Leitora amiga de estatísticas, aqui tem, para o seu arquivo, os resultados do Festival da Canção da Eurovisão realizado em Madrid:

(Continua na página seguinte)





DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

**OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%
ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA
OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA**

INFORMAÇÕES: Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. em Lisboa

Telefones 45843-47843



Colocação da placa de bronze no pedestal da Grandela, na comemoração do cinquentenário daquela casa. Placa, busto e pedestal desapareceram do local onde o pessoal os colocou

QUE É FEITO DO BUSTO DE GRANDELA?

Em 1893, isto é, há aproximadamente 75 anos, foi fundado em Lisboa por Francisco Grandela, homem de excepcional valor e acção, um estabelecimento «Os Armazéns Grandela», que era, nesse tempo, um dos maiores estabelecimentos do País, ou mesmo da Península.

Em dada altura, foi homenageado pelo pessoal dos estabelecimentos que colocou o seu busto sobre um plinto no patamar da escada que dá acesso ao 1.º andar.

No cinquentenário da casa, isto é, em 1943, há portanto 25 anos, o pessoal, de novo, e à sua custa, colocou uma placa de bronze na base do referido plinto.

A má administração da casa, desde 1921 a 1931, a doença e velhice do velho Grandela, e o fraco concurso bancário, tudo junto concorreram para a sua ruína, vindo-se a firma obrigada a entregar ao Montepio o edifício para pagamento dos seus débitos.

Esse homem, muito antes da existência das Previdência

ABERTO O CONCURSO PARA OS PRÉMIOS DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS

Está aberto concurso para atribuição dos prémios da Academia de Ciências de Lisboa em 1969, a que poderão candidatar-se cientistas e escritores portugueses, nas condições que constam do edital publicado no «Diário do Governo» (III série) de 28 de Janeiro passado.

Os prémios em questão são os seguintes: Prémio Alvaranga do Paúl (Brasil), no valor de 10 000\$00, destinado a obra inédita sobre qualquer ramo das ciências médicas, incluindo a história da medicina portuguesa; Prémio Ricardo Malheiros, no valor de 5000\$ destinado a obra impressa dos géneros romance, novela ou conto, publicada durante o ano de 1969; Prémio Artur Malheiros, dois prémios, no valor de 15 000\$ cada um, destinados a obras inéditas sobre Ciências naturais e Ciências aplicadas (engenharia, actuariado, etc.); Prémio Ramos Paz, no valor de 8000\$00, destinado a obra inédita sobre qualquer aspecto da literatura brasileira ou das relações literárias luso-brasileiras; Prémio Abílio Lopes do Rego, dois prémios, um no valor de 50 000\$00 e outro no valor de 30 000\$00, destinados a obras impressas publicadas durante o ano de 1969, ou inéditas, sobre qualquer tema de ciência da colonização ou qualquer problema concreto que diga directamente respeito à administração ultramarina portuguesa ou qualquer estudo de ciências humanas de interesse directo e imediato para a administração ultramarina portuguesa; Prémio General Casimiro Dantas, no valor de

8000\$00, destinado a obra impressa dos géneros poesia, teatro ou ensaio, publicada durante o biênio de 1968-69; Prémio Manuel Alves Monteiro, no valor de 20 000\$00, destinado a obra impressa publicada durante o ano de 1969, ou inédita, sobre higiene e medicina social, para melhoria da saúde pública em Portugal.

O prazo da entrega das obras que constituem títulos de candidatura — e que devem ser originais e escritas em língua portuguesa — termina um ano após a publicação deste edital no «Diário do Governo» ou seja no dia 28 de Janeiro do próximo ano.

Antigos alunos do Liceu de Passos Manuel

A assembleia geral do Núcleo dos Antigos Alunos do Liceu de Passos Manuel procedeu à eleição dos corpos gerentes para o biênio de 1969-1970, que ficaram assim constituídos:

ASSEMBLEIA GERAL — drs. Diamantino Augusto Soares e José Duarte Boa-Alma de Almeida, respectivamente, presidente e vice-presidente; João Pereira de Sousa e Abraão Amaro Fernandes de Carvalho, respectivamente, 1.º e 2.º secretários. Para substitutos, foram eleitos os srs. dr. José de Sousa Carrusca (presidente), comodoro Rogério Silva de Oliveira (vice-presidente) e dr. Artur Varatojo (secretário).

DIRECÇÃO — srs. dr. Ilídio José Paiva (presidente), dr. Mário Veiga Fialho (vice-presidente), dr. Mário Bou Pereira da Costa (tesoureiro), Américo Loureiro Nisa e Alvaro Rosinha (vogais). Para substitutos foram eleitos os srs. dr. José de Sousa Pinho, eng.º João Pessoa Lobato Cortesão, Manuel da Costa Lopes, Rui Nascimento Coelho e José Marques Vidal.

CONSELHO FISCAL — dr. João Augusto da Fonseca Junior (presidente), substituído Isidoro Soares (relator) e Alfredo Rogério Ventura Gomes. Como substitutos para os mesmos cargos foram escolhidos os srs. dr. Pedro Francisco de Aboim B. de Oliveira Pires, António da Silva Barata e eng.º Rui Afonso Fialho de Sá Pereira.

CORPO PRIVATIVO DE BOMBEIROS DE «A TABAQUEIRA»

O Corpo Privativo de Bombeiros de «A Tabaqueira» vai comemorar no próximo domingo o 1.º aniversário da sua fundação.

Entre as cerimónias programadas, destacam-se: desfile pelo bairro com clarins e tambores, missa, romagem ao monumento em honra ao sr. Alfredo da Silva, exercícios de fogo posto e salvamento por escadas, fogo-de-artifício e um encontro de futebol de salão.

NATURA

**FOI POSTO À VENDA O N.º 176
REFERENTE A MAIO**

Se deseja evitar a doença e curar-vos dos vossos males pelos meios puramente naturais assinal já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperais mais Bem-Estar e Alegria de Viver.

Director e proprietário: DR. INDIVERI COLLUCCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:
— Saúde, Trabalho e Produtividade
— Equilíbrio Mineral e Saúde
— O Coração dos entes
— Influência do Progresso Científico na Alimentação
— Para ter um Fígado Saudável
— Defendemo-nos dos Frutos Contaminados
— Oidemo-nos do Aparelho Respiratório
— Problema da Energia Nuclear da Actualidade
— Cuidados Corporais da Gestante
— Dietética Infantil
— Emprego Racional dos pesticidas na Agricultura
— O Corpo Humano como Sistema Eléctrico Condensado, etc.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a esta administração:

RUA ANTERO DE QUEENTAL, 35, 1.º-D. (ao Intendente)
TELEFONE 55 84 95

Assinatura Anual, 65\$00; Semestral, 35\$00; Estrangeiro e Ultramar, 80\$00. Número avulso, 7\$00
SE ADQUIRIR UM NÚMERO A TÍTULO DE EXPERIÊNCIA FICARÁ LOGO NOSSO ASSINANTE

POSTA RESTANTE

(Continuação da pág. anterior)

Foram 4 as canções vencedoras (Holanda, França, Espanha e Inglaterra). Cada uma teve 18 votos. Na totalidade houve 72 votos. Venceram «Vivo Cantando», Salomé, «Boom Banga-Bang» com Lulu, «De Trovador» por Lennie Kuhr e «Un Jour, Un Enfant» por Frida Bocard. A vencedora holandesa está agora entre nós, como deve saber.

M. C. A. — PORTO — «Sinceramente pergunto porque tem a R. T. P. um locutor como Adriano Parreira. Tem uma voz cavernosa e falta-lhe a presença simpática de um Belafonte ou de um Pontier. Além do mais deve sofrer de uma deficiência oral...», diz esta leitora. O assunto está fora do nosso âmbito, como compreende. E olhe que, certamente, o locutor em questão prestou difíceis provas e foi aprovado — por quem de direito. Não lhe parece?

F. P. — LISBOA — Aqui fica o expresso, com vista ao produtor A. Canha e Sá, o seu desejo de ver no programa «Homens e Aviação» um documentário sobre a aviação nipónica.

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq. — Telef. 32 06 60
Dr. Almada e Melo — Cirurgias — 2.º e 5.º — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Otorrinolaringologia — 2.º, 4.º, 5.º e 6.º — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodó — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.º e 5.º — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clin. curar. — Operações — 3.º, 5.º e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar. Nar. e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom. Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorroidas — 2.º, 4.º e 6.º — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. ur. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.º e 5.º — 17 h.
Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.º, 5.º e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Prof. Mental — 3.º e 5.º — 18.30 h.
Dr. M. Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.º, 5.º e sáb. — 15 h.
Dr. Marques da Gama — Clin. Médica — 3.º, 18.30 h., Sáb. 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Nelson R. Viegas — Pol. e Sifilis — 2.º, 4.º e 6.º — 15 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

cum sei lá! Ora havia um ladrão, o Arthur Justin, não sei se voelências conhecem, kindera mais esperto có polícia. As manhas do Arthur, só queria que voelências vissem! Aquilo ontem foi uf estupendo manual, como as 100 maneiras de cometer um crime, sim, porque nisto de matar e roubar uma boa lição não há dinheiro que a pague!

Assim, ontem ficámos a saber que um processo ensinado com absoluta nitidez (ah, a maravilha que são os meios audiovisuais!) consistiu na obstrução do tubo de

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua destinação em

escape do automóvel de maneira a encaminhar o monóxido de carbono (CO, de sua graça e nossa desgraça) para dentro do veículo. E limpinho.

A minha cultura foi enriquecida mesmo depois da meia-noite (lira, já é teimosia! quando Fialho Gouveia me contou que no campeonato europeu de hóquei a decorrer ainda, a organização franqueou ontem o pavilhão desportivo aos jovens!

Sinto-me, nessa altura, tentado a dizer «Estão a ver, estão a ver como a situação do hóquei em patins entre nós poderia ser bem outra...»

Mas não digo. Não digo porque aprendi muitas coisas. Tantas que fiquei embuchado. Bafam-me nas costas, por favor

MARIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

«SCIAKY»

FABRICA AS MELHORES
MAQUINAS DE SOLDAR

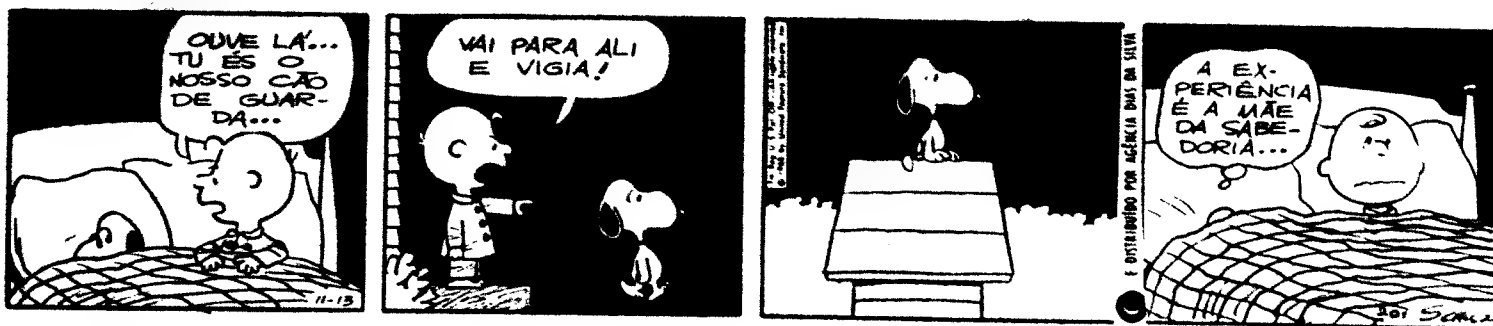
— POR PONTOS
— POR ROLETOS
— P. 252 —

A máquina
FAZ TUDO.

SORVAL

RUA ARTILHARIA UM, 104 D 3
TEL. 661239/70 — LISBOA, 1
RUA SANTOS POUSADA, 376
TEL. 66021 — PORTO

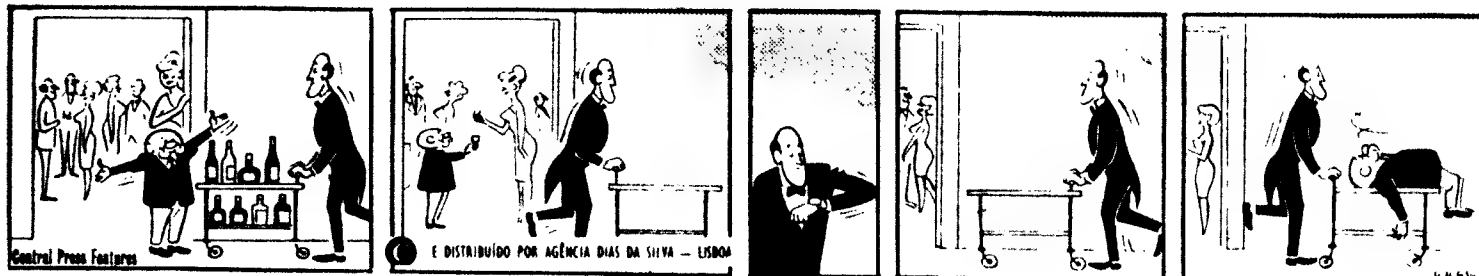
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



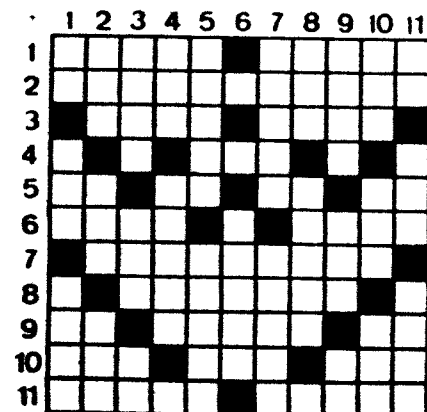
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5170(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9013

HORIZONTAIS: 1 — Transpirar. Espécie de andorinha. 2 — Mostais. 3 — Planta umbelífera também chamada erva-doce. Divisão de uma casa. 4 — Artigo definido. Terceiro. 5 — Crômio (s. q.). Dois mil em romano. O mais. Isolado. 6 — Apogeu. Engano. 7 — Levantam-se cedo. 8 — Tempo do verbo ser. Adequado. 9 — Letra grega. Procedias. Somário (s. q.). 10 — Bicho que aparece no queijo e na carne de porco mal curada (prov.). Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suíça. Distrito da Índia portuguesa. 11 — Brando. Levam a si.

VERTICAIS: 1 — Saudável. Vazia. Estavam. 2 — Cortado. Alcool de melado. Escavado. 3 — Rio da Toscana. Cidade de França. O mais. 4 — Monarca. Cresce. 5 — Deste modo. Suplicar. 6 — Moeda da Índia Portuguesa. 7 — Aflição. Engole. 8 — Sufixo que designa pequenez. Sinceros. 9 — Crivo. Curso de água natural, e abundante. Compaixão. 10 — Camareira. Senhores. Fecha as asas para descer mais depressa. 11 — Artigo definido. Filtro. Rio da China.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5169

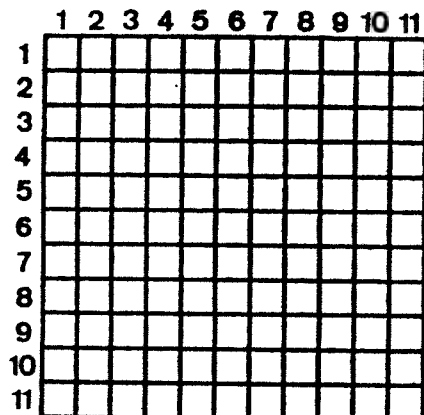
HORIZONTAIS: 1 — Alegaríamos. 2 — Na. 3 — Aca. AMA. Ser. 4 — So. Acena. AC. 5 — O. PRÓXIMO. 6 — Prevenido. 7 — Mia. Ara. Irr. 8 — Esta. COMO. 9 — Soara. Casal. 10 — Sibéria. A. 11 — Ou. Adria. TI.

VERTICAIS: 1 — Acaso. MESMO. 2 — Co. 3 — Era. Pratos. 4 — Go. Are. Ario. 5 — Acova. Abis. 6 — Remexera. Er. 7 — Anna. 8 — Aa. Ami. Coia. 9 — Mas. Odiosa. 10 — Ea. Anna. 11 — Sorça. Rala.

Previsão: AMA O PRÓXIMO COMO A TI MESMO.

HORIZONTAIS: 1 — Sério. Malhas. 2 — Fado. 3 — Cantão da Suíça. Passuir. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 4 — Pronome pessoal. Sacerdotes budistas. Apeido. 5 — Cabelame. 6 — Livro de lei dos judeus portugueses. Estavas. 7 — Óxido de cálcio. Alcool de melado. Um cento. 8 — Justapor. Anvora da família das Miricáceas cultivada em Portugal. 9 — Lugarejo. Cidade de Portugal. 10 — Preposição latina que designa movimento. Dar uivos. Amónio (s. q.). 11 — Chete. Etipoe. Fecha as asas para descer mais depressa. Empregue.

VERTICAIS: 1 — Antro. Apanhar. 2 — Estré. pto. de desmoronamento. Mata vedada por muro. 3 — Acrescente. Falcões que ainda não têm um ano. 4 — Lê. Perscrutar. Título honorífico na Índia. 5 — Rebentar. Rio de Portugal. 6 — Assunto. Interjeição de dor. Li. 7 — Ilusão (fig). Sustento. 8 — Prefixo de privação. Ente. Tempo do verbo ir. 9 — Preposição. Baier. 10 — Artigo definido. Bantos. 11 — Vestig. Fundador do Islamismo.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9012

HORIZONTAIS: 1 — At. Pavia. As. 2 — Ca. lio. Sismo. 3 — Ara. Tes. Aal. 4 — Sarro. Ogi. va. 5 — Ora. Asor. 6 — Canal. 7 — Go. Gelo. 8 — Russo. Tofos. 9 — Ara. Dio. Ais. 10 — Marte. Cairo. 11 — Os. Ermos. As.

VERTICAIS: 1 — Acaso. Gramo. 2 — Toror. Auras. 3 — Lara. Isar. 4 — Pá. Ricos. Te. 5 — Aoto. Oder. 6 — Una. 7 — Iseo. Toco. 8 — Al. Galgo. As. 9 — Sais. Elor. 10 — Amava. Loiro. 11 — Solar. Ossos.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Maio de 1939 publicava:

«BERLIM, 8. Segundo o jornal «B. Z. Ammuntag», Ribbentrop e a delegação alemã devem partir provavelmente esta noite de Itália para Berlim.

«O «Messagero», de Roma, informa que o pacto político e militar italo-alemão será assinado em princípios de Junho pelos ministros dos Estrangeiros, Ribbentrop e Ciano.»



Tribunal Cível da Comarca de Lisboa

3.ª VARA
ANÚNCIO

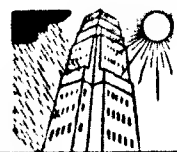
Faz-se saber que na execução ordinária que Manuel Augusto Valente de Almeida, move contra a executada Maria da Graça Barrô, solteira, maior, doméstica, residente na Povoia da Isenta, comarca de Santarém, correm editos de 20 dias, a contar da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, quando para a execução os credores desconhecidos da referida executada, podendo, os que gozem de garantia real sobre os bens penhorados, reclamar o pagamento dos seus créditos, no prazo de 10 dias, posteriores aos editos.

Lisboa, 30 de Abril de 1969

O Juiz-Congregador Presidente
João de Deus Pinheiro FarinhaO Escrivão de Direito
Jose António dos Reis PalmaALUGUER
SEM CONDUTORCARROS NOVOS —
PREÇOS ACCESSÍVEISAvenida Pa-
dre Manoel
de Nobrega
10-BTelef. : 72 76 54 72 49 75
LISBOADESENHADOR
OFERECE-SE

Com experiência de
publicidade e alguma
de construção civil em
regime de «part-tyme».

Resposta a: Julio Va-
le — Telef. 383865 ou
Rua Marquês de Oñã,
2-1.ª, dt.ª, Lisboa-6.

O MAIS EFICAZ IMPER-
MEABILIZADOR DE CI-
MENTO, BETÃO E MAR-
MORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp. C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng. Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES — FACILITAMOS FOTOCOPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis.
Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE».

«EVOPRUF» — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto, de fácil aplicação para coberturas, terraços, empenas, etc.

FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedação e impermeabilização.

PROVER — Endurecedor do cimento, resistente ao desgaste e formação de poeiras.

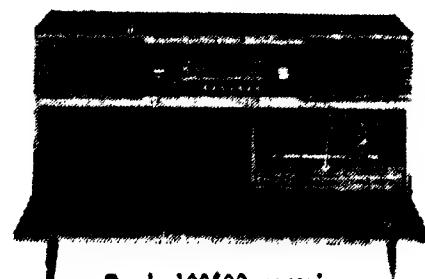
RAPID — Acelerador de presa e estancor águas.

MASTIC-FILLER — Impermeabilizante para encher buracos, fendas e assentamentos de vidros nos claraboias.

DISTRIBUIDORES GERAIS:
TITO PEREIRA DE SOUSA

Rua de S. Nicolau, 41, 3.ª — LISBOA 2 — Telef. 361805 - 322118

RÁDIO TELEVISORES GRAVADORES DITAFONES RÁDIO TELEVISORES GRAVADORES

Grande
Campanha
de Vendas
GRUNDIG

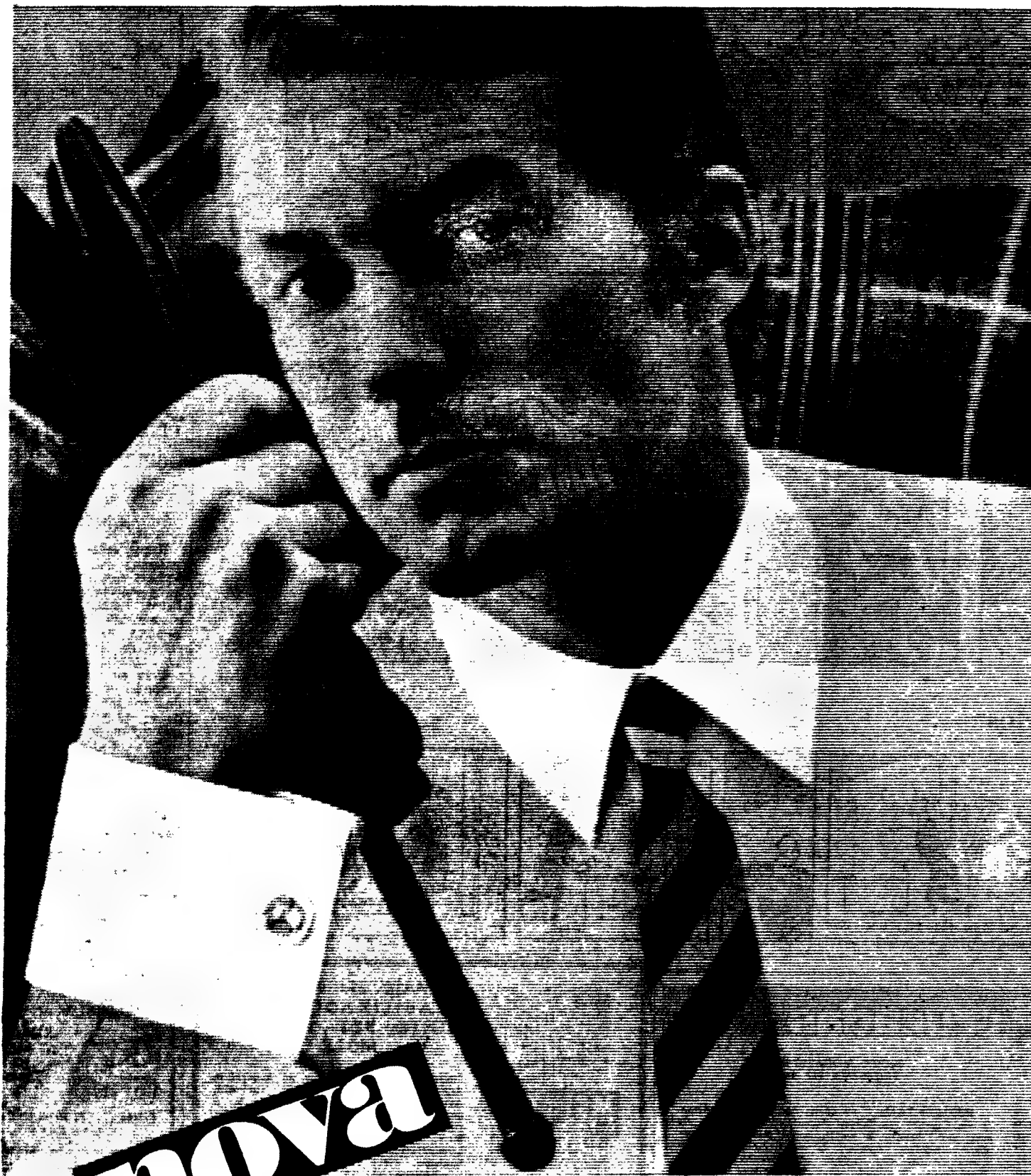
Desde 100\$00 mensais

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A

sem entrada * sem fiador

Telef. : 530632 534308 538323 324931



nova

Camisas Stoffels splendesto®

65.34.7.2P

Duas vezes mais duráveis!

De uma forte resistência o novo tecido fabricado pela Stoffels, acaba com os problemas da constante deformação do colarinho e dos punhos que geralmente sofrem mais na lavagem.

Verifique em si próprio estas novas qualidades da Camisa Stoffels splendesto... O colarinho mantém-se sempre impecável e os punhos permanecem firmes e perfeitos.

Resultados? — Formidável! —

A melhor Camisa:

- Tem uma autêntica vida dupla, graças à única e resistente textura agora utilizada no colarinho e nos punhos.
- Mais saudável e agradável de vestir pois absorve a transpiração por ser o corpo da camisa de fina popelina de 100% algodão puro.
- Fácil de lavar, também na máquina.
- Nunca precisa ser passada a ferro.

Camisas Stoffels splendesto —

De corte distinto e perfeito.

Sempre permanecem impecáveis. À sua escolha:

- Em branco e em cores suaves com um colarinho suplente
- Também em qualidade super-leve cam-braia



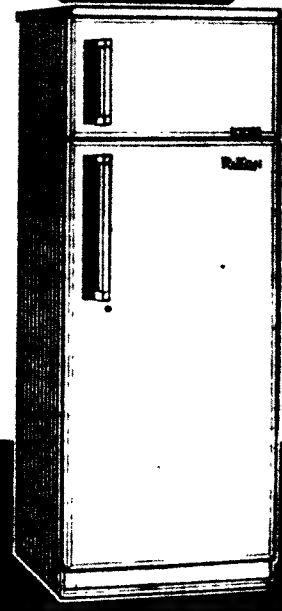
Símbolo do Algodão
Mais saudável
Mais confortável



TECIDO SUIÇO



VEJA O QUE
RUTON
CRIOU PARA
SI



UMA GAMA
COMPLETA DE
FRIGORÍFICOS

FÁTIMA

Dias 12 e 13 de Maio
Informações e inscrições

TURIJORGE

Praça de Londres, 9-B

Telef. 72 49 57

AUTOCARROS

EDUARDO JORGE

R. Jardim do Regedor, 35

Telefs. 30971 e 30972

**PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA**

ALUGAM-SE
Estabelecimentos

VALENTIM

DE CARVALHO
Comércio e Indústria, 5
A E. L. — 95, Rua Nova
do Almada, 29 — LISBOA

**UM FOLHETO
DA C. P.
SOBRE CIRCUITOS
TURÍSTICOS**

A C. P. acaba de publicar um folheto alusivo aos serviços que a rede «EUROPA-BUS» pode proporcionar aos turistas na presente temporada onde consta, além de uma descrição pormenorizada das excursões e circuitos portugueses, a relação de todas as linhas, circuitos e excursões nos outros países. Peça folheto e esclarecimentos nas secções de informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos despachos centrais e nas agências de viagens.

A Paz Mundial

através da

Compreensão Mundial

Integrado na Semana da Compreensão Mundial, que decorreu de 16 a 22 de Março e destinado à juventude de todo o Mundo, o Rotary International organizou um Concurso de Cartazes sujeito ao tema «A Paz Mundial através da Compreensão Mundial».

Em Portugal concorreram cerca de duas centenas de jovens, dos 7 aos 18 anos e a boa parte dos cartazes atinge um nível notável. O Rotary Clube pretende, agora, mostrar ao público esses cartazes, pelo que vai organizar uma exposição a inaugurar na S. N. B. A., na próxima sexta-feira, às 22 horas.

DE COIMBRA

Curso-Campo de Trabalho

No Seminário Maior de Coimbra, junto dos ares, Manuel António e Luís Pinho, foram abertas as inscrições para o III Curso-Campo de Trabalho, promovido pela equipa da Acção Social.

O curso inicia-se em 22 de Agosto e prolonga-se até 6 de Setembro, tendo como complemento um estágio a realizar em algumas empresas de nível operante.

Cinema na F. N. A. T.

No salão da delegação da F.N.A.T., vai realizar-se no próximo sábado, com início às 21 e 30, a primeira sessão de cinema, sendo exibido o filme «Cinco marujos para 100 raparigas».

Homenagem a um gerente bancário

Por iniciativa dos funcionários da agência local do Banco Pinto & Sotto Mayor, vai realizar-se no próximo dia 18, uma festa de homenagem ao gerente daquela agência, sr. Manuel Simões Vaz que, graças às suas altas qualidades de carácter, soube grangear gerais simpatias entre todos os que com ele têm convivido.

É já muito elevado o número de pessoas que manifestou desejo de se associarem à homenagem, que constará de um almoço em local a designar e que deverá ser presidido por um representante da administração do Banco.

Reunião do Curso Jurídico de 1939-44

O Curso Jurídico de 1939-1944 vai reunir-se, nesta cidade, nos dias 11, 12 e 13, para comemorar o 30.º aniversário da primeira matrícula na Universidade e 23.º da formatura.

Deste curso fizeram parte, além de outros, os srs. drs. Américo de Campos Costa, director-geral do Secretariado de Reforma Administrativa; Feliciano Tomás de Resende, inspector dos Tribunais de Trabalho; Manuel Araújo de Almeida, antigo subsecretário do Estado do Orçamento; Augusto Soares Coimbra, presidente da Caixa de Previdência do Distrito de Coimbra; José Gonçalves de Araújo Novo, deputado e governador civil de Viana do Castelo.

Para além das habituais cerimónias, haverá uma visita à Fábrica de Cerveja, uma celta dançante em ambiente típico, com música dos velhos tempos, etc.

Exposição da M. P. F. nos Paços do Concelho

Nos Paços do Concelho, está patente ao público e tem sido muito visitada, a exposição de trabalhos das filhas da Mocidade Portuguesa Feminina Integrados no XXV Salão de Educação Estética.

Os trabalhos expostos obedecem aos seguintes temas: Centenário de Pedro Álvares Cabral; Descobrimentos; Centenário de Gago Coutinho; e Motivos Regionais.

Encontram-se expostos diversos trabalhos de tapeçaria, cerâmica, modelagem, desenho e bordados, distribuídos pelas secções infantil, liceal e técnica.

Concorreram filiados dos núcleos de Aveiro, Coimbra, Leiria e Castelo Branco.

Excursão da Escola da Amizade

Promovida pela Escola da Amizade, realizou-se uma excursão a Leiria, Batalha e Alcobaca, na qual participaram, além das assistentes sociais responsáveis do Instituto do Serviço Social, cinquenta alunos e alguns professores.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — As 21 e 30: «Ninho de Aguias» (12 anos).

AVENIDA — As 21 e 30: «A colina da Saudade» (17 anos).

TIVOLI — As 21.30: «Ouro de Londres» (12 anos).

SOUSA BASTOS — As 21 e 30: «Um tiro às escuras» (17 anos).

Farmácias de serviço

LUCIANO & MATOS — Rua da Sofia (Tel. 22147 e 22148).

HIGIENE — Rua Fernandes Tomás (Tel. 22634).

MACHADO — Rua Bernardo de Albuquerque (Telefone 23787).

M. NAZARÉ — Avenida João das Regras (T. 23033).

IMPORTANTES MELHORAMENTOS PARA O PESSOAL DE UMA FIRMA DE TEXTÉIS DA COVILHÃ

COVILHÃ, 8. — Foram inauguradas, como anunciamos, as instalações do C. A. T. da Lano-fábrica, uma das mais evoluídas firmas de têxteis desta cidade. As novas instalações incluem refeitório, magnífica sala de convívio, salão de ginástica e balneários.

Estiveram presentes na cerimónia os três sócios da firma, srs. Aníbal Pereira Nina e seus filhos, srs. Eurico Pereira Nina e José Alfredo Pereira Nina, industriais de outras fábricas e centenas de operários e empregados da casa. Falou em primeiro lugar o presidente da assembleia geral do C. A. T., sr. Cloriano Monteiro de Carvalho, que agradeceu aos proprietários da Lano-

fábrica as magníficas instalações inauguradas. Depois, e em nome da firma, o sr. Eurico Pereira Nina afirmou que não ficariam por ali os benefícios concedidos aos seus operários, pois, ainda este ano, começaria a construção de um bairro de moradias económicas para todos os seus empregados, operários e familiares.

No final o sr. Pereira Nina foi muito ovacionado.

No decorrer da cerimónia foram entregues emblemas da firma, em prata, aos empregados com mais de 35 anos de casa.

Seguiram-se, exibição de um ranchos folclórico e um acto de variedades por componentes da empresa.

Os Bombeiros Voluntários das Caldas de Vizela comemoram o 92.º aniversário

CALDAS DE VIZELA, 8. — Celebra no domingo o seu 92.º aniversário a benemérita corporação dos Bombeiros Voluntários, que largos benefícios tem prestado à ampla zona populacional dos concelhos de Guimarães, Felgueiras, Lousada e Santo Tirso.

As comemorações começam com alvorada pelos clarins, reunião no quartel do corpo activo, quadro de honra, comandante e corpos directivos; revista aos fardamentos, hasteamento das bandeiras nacional e da corporação. E haverá: romagem aos cemitérios da vila, missa na igreja de São João, paróquia de Caldas; sessão solene e imposição de condecorações e almoço de confraternização, no qual tomam

parte mais de uma centena de convivas. No quartel decorrerá, também, um grandioso baile.

A prestimosa corporação, a caminho de centenário, foi distinguida com o título de «Real», concedido pelo rei D. Carlos, além de outros importantes galardões, atribuídos pelo Governo, pela Câmara Municipal de Guimarães, pela Liga dos Bombeiros Portugueses, pela Sociedade Protectora dos Animais, pela Cruz Vermelha Portuguesa, etc.

É presidente da direcção, desde Dezembro de 1949, o sr. comandante José Luís da Almeida; e o comandante o sr. António Montenegro de Mendonça Pinto e o ajudante do comandante, o sr. Américo Osvaldo Marinho Fernandes.

Instalação de escolas e outros melhoramentos na vila de Moncorvo

MONCORVO, 8. — Foi com grande regozijo que aqui se recebeu a notícia de ter sido arrematada, por um empreiteiro que trabalha nesta região, a tarefa da construção, no sítio da Romaneira, de um edifício com oito salas, para a instalação das escolas primárias locais.

A Câmara Municipal, atenta aos problemas do concelho, vai, enfim, procurar resolver os que dizem respeito à vila, e deu já início aos trabalhos de nivelamento dos terrenos destinados à referida construção e de abertura de ruas em terrenos adquiridos para esse fim.

Estão, também, previstos a abertura de diversos arruamentos, que constam de um projecto aprovado pelo Governo, aguardando-se a aprovação do empréstimo de mil

contos, que foi já concedido, faltando apenas o visto do sr. ministro das Finanças, para, em seguida, o Município entrar em negociações amigáveis, com os donos dos terrenos abrangidos.

Promoção Turística de Portugal no Canadá

Durante a sua recente visita a Lisboa, o sr. W. D. Gordon, director de vendas da Canadian Pacific Airlines, anunciou a decisão de levar a cabo uma campanha publicitária destinada a encorajar os canadianos a visitarem o sul da Europa, incluindo Portugal.

A campanha inclui, em primeiro lugar, sobre as províncias do Ontário e Ambee e teve já os seus frutos. Durante o último inverno somente a Canadian Pacific transportou mais de 2500 passageiros, em grupos, para o Sul da Europa. Entretanto, o tráfego de Verão continua a crescer, assim, a CP Air fará este verão, 11 voos semanais, utilizando em muitos deles o «Space-master» de 199 lugares.

A CP Air iniciou os seus serviços para Lisboa e Madrid em 1957 e, para Roma, em 1960. Estes foram recentemente prolongados para Atenas. Pela primeira vez na sua história, a recolta da CP Air ultrapassou os 100 milhões de dólares, em 1968, tendo transportado mais de um milhão de passageiros, durante o ano passado.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda	Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4% ...	530\$	530\$	532\$	Diamantes Angola ...	1.548\$	1.547\$	1.550\$
Consolidado 3% ...	542\$	541\$	543\$	H E Revul ...	—	—	—
Consolidado 3 1/2% ...	652\$	652\$	653\$	Ilha do Príncipe ...	—	—	1.050\$
Centenários 4% ...	1.515\$	1.515\$	1.518\$	Mozambique ...	128\$	127\$	129\$
Obrigações 5% ...	1.007\$	1.006\$	1.008\$	Sonete n ...	—	—	—
Externo 1.ª Série ...	—	580\$	700\$	Sonete p ...	378\$	379\$	380\$
Externo 2.ª Série ...	—	—	—	Zambézia ...	80\$	79\$	81\$
Externo 3.ª Série ...	—	—	—	Angolana ...	—	—	—
Externo 3.ª Série c ...	—	900\$	940\$	Diversas	—	—	—
Cautelas 3.ª Série ...	—	175\$	200\$	Crdia ...	—	1.270\$	1.330\$

OBRIGAÇÕES

Aguas Lisboa 5% ...	—	—	970\$	Cam Leiria ...	—	1.270\$	1.330\$
A. P. 1 5% 58 ...	965\$	960\$	970\$	Cam Tejo ...	5.050\$	5.050\$	5.050\$
C. P. 4 1/2% 65 ...	915\$	910\$	915\$	Col Navegação ...	960\$	960\$	970\$
C. P. 5 1/2% 67 ...	—	—	—	C. U. F ...	—	—	1.200\$
C. U. F 6% ...	1.007\$	1.006\$	1.008\$	Ind Alentejo ...	—	—	—
C. U. F 6% 68 ...	—	—	1.020\$	Nac Navegação ...	2.150\$	3.000\$	3.000\$
Gás Electr 4% 48 ...	—	840\$	—	Petroquímica ...	1.400\$	1.450\$	—
Gás Electr 4 1/2% 51 ...	—	880\$	—	Port e Colónias ...	3.510\$	3.500\$	3.600\$
Gás Electr 5% 52 ...	920\$	920\$	—	Port Celulosa ...	—	1.000\$	1.200\$
Gás Electr 5% 58 ...	—	930\$	940\$	Port Pesca ...	512\$	511\$	—
Gás Electr 5% 59 ...	—	900\$	940\$	Port Tabacos ...	—	—	4.800\$
Gás Electr 5% 62 ...	—	931\$	—	Siderurg e Nac ...	1.400\$	1.390\$	1.400\$
Gás Electr 5% 63 ...	—	925\$	—	Soc ...	2.380\$	2.370\$	2.390\$
Gás Electr 5% 65 ...	—	900\$	—	Tabacos de Portugal ...	—	—	920\$
Gás Electr 5% 67 ...	1.030\$	1.025\$	1.030\$	Tabaqueira ...	—	—	—
H E A Alentejo 5% ...	—	—	—	U F Azoto ...	735\$	730\$	740\$
H E Cávado 5% ...	—	850\$	855\$	Agua Electr e Gás	—	—	—
H E Cávado 6% ...	—	1.017\$	—	Aguas Lisboa p ...	—	—	—
H E Douro 5% ...	—	850\$	855\$	Aguas Lisboa 34 ...	—	—	—
H E Douro 6% ...	1.006\$	1.006\$	1.007\$	Agua Lisboa 36 ...	—	—	—
H E Norte Port. 5% ...	—	—	—	Elect Beiras ...	—	—	—
H E S Estrela 6% ...	—	1.010\$	—	Gás Electr ...	382\$	382\$	382\$
H E Zêzere 5% 55 ...	—	—	—	H E Alto Alentejo ...	1.555\$	1.55\$	1.56\$
H E Zêzere 5% 57 ...	—	—	—	H E Cávado ...	1.255\$	—	1.260\$
Lezíria 6% ...	1.021\$	1.020\$	—	H E Douro ...	1.280\$	1.275\$	1.280\$
Metropolitano ...	945\$	945\$	949\$	H E Norte Portugal ...	—	308\$	310\$
Metropolitano 3 3/4% ...	—	1.016\$	—	H E S Estrela ...	1.310\$	1.310\$	1.320\$
Mozambique 5% ...	—	—	—	H E Zêzere ...	1.350\$	1.345\$	1.355\$
Nac Electr 5% ...	—	—	860\$	Nac Electricidade ...	1.380\$	1.380\$	1.385\$
Nitratos 5% ...	—	850\$	—	Termoelectr Port. ...	—	194\$	194\$
Nitratos 5% 60 ...	—	—	—	U. E. P ...	—	—	—
Petroquímica 5% ...	920\$	920\$	930\$	FUNDOS DE INVESTIMENTO	—	—	—
Port Celul 5% ...	—	940\$	950\$	F. I. Atlântico ...	—	164\$	169\$
Sacar 5% 54 ...	—	910\$	935\$	F. I. D. E. S. ...	—	108\$	111\$
Sacar 5% 60 ...	—	—	—				
Siderurgia 5% 2.ª ...	—	—	—				
Siderurgia 5% 3.ª ...	—	—	—				
Siderurgia 5% 4.ª ...	—	—	—				
Sonete 5% ...	—	840\$	—				
T. A. P. 4% ...	—	—	—				
Termoelectr Port. 5% ...	850\$	850\$	860\$				
U. E. P. 3 3/4% ...	—	—	—				
U. E. P. 4% ...	—	—	—				
U. E. P. 4 1/2% ...	—	83\$	84\$				
U. E. P. 5% ...	—	830\$	—				
U. E. P. 5% 60 ...	—	830\$	—				
U. E. P. 5% 63 ...	—	860\$	—				

AÇÕES

Bancos			
Agricultura ...	1.160\$	1.155\$	1.165\$
Alentejo ...	788\$	787\$	790\$
Angola ...	2.240\$	2.240\$	2.250\$
Burnay ...	2.150\$	2.140\$	2.150\$
Créd Predial ...	—	—	—
E. Santo ...	—	—	—
E. Santo n. ...	—	—	—
Fonseca S. p. ...	4.900\$	4.800\$	—
L. B. Açores p. ...	—	—	—
L. B. Açores n. ...	—	—	—
P. Atlântico p. ...	—	—	—
Portugal n. ...	2.980\$	—	2.980\$
Portugal p. ...	5.995\$	5.995\$	6.000\$
Totta Aliança ...	1.970\$	—	1.960\$
Ultramarino n. ...	2.270\$	2.270\$	2.280\$
Ultramarino p. ...	—	—	—
Legados			
Alentejo ...	—	74\$	75\$
Douro ...	—	—	1.200\$
Mundial ...	480\$	475\$	485\$
Legados	—	—	—
Tranquilidade ...	—	—	—
Ultramarino ...	—	10.000\$	—

INDICE BORGES & IRMÃO	30/4/69	6/5/69	7/5/69
GERAL	117,5	119,3	119,5
METROP.	114,5	116,3	116,5
ULTRAM.	139,2	141,4	141,6

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul		
— Renda de 1 e 2 ...	36\$00	38\$00
— Renda de 5 e 20 ...	36\$50	39\$00
América		
— Dólares de 1 e 2 ...	28\$20	28\$60
— Dólares de 5 e 10 ...	28\$40	28\$80
Canadá — Dólar	26\$20	26\$70
Argentina — Marco	7\$10	7\$30
Austria — Schilling	1\$08	1\$15
Brazil — Cruzeiro Novo	5\$50	7\$50
Espanha — Pesta	139\$8	141\$3
Francia — Florim	7\$78	8\$03
Inglaterra — Libra	67\$20	69\$20
Itália — Lira	304\$45	304\$65
Morocco — Dhan	4\$60	5\$10
Bélgica — Franco	5\$2	5\$5
Francia — Franco	5\$00	5\$50
Suiza — Franco	6\$25	6\$75
Dinamarca — Coroa	3\$05	4\$08
Noruega — Coroa	2\$80	4\$10
Suécia — Coroa	5\$35	5\$65
Outros		
Inglaterra — Libra	32\$800	34\$000
Inglaterra — 1/2 Libra	26\$000	26\$000
Outros — Dólar	59\$70	41\$20

J. BURNAY, L. DA Nota estrangeira
RUA DO OURO, 73 Papéis de crédito
Tel. 221273



A nossa filosofia oriental.

Em 1966, a Pan Am
celebra o seu 25.º aniversário.
Neste momento, a Pan Am
está a celebrar o seu 25.º aniversário.
A Pan Am celebra o seu 25.º aniversário.



A Pan Am torna a sua viagem maravilhosa

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

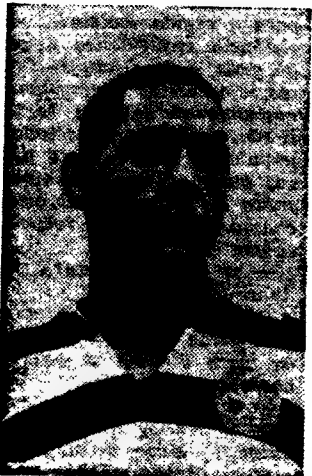
TÊM A PALAVRA OS «AFASTADOS» DA SELECÇÃO

• DIZEM DE SUA JUSTIÇA, COLUNA, HILÁRIO, SIMÕES, JOSÉ AUGUSTO E JAIME GRAÇA

Foi demasiado brusco. Num repente desapareceram da selecção nacional de futebol, nomes prestigiosos que nos habituáramos a decorar como vedetas da mais pura água, à escala universal.

E as pessoas, aquelas que indiferentes a problemas marginais, mas nem por isso menos importantes, surpreendem-se e interrogam-se por não verem entre os melhores de Portugal os nomes de José Augusto, Torres, Simões, Jaime Graça e outros como Hilário e José Carlos, para jogos quase decisivos para as nossas aspirações de qualificação.

Com efeito, o jogo que a



HILÁRIO

selecção portuguesa disputou com os helenicos foi, muito justamente rotulado do «desafio que não se podia perder». E apesar disso jogadores «calejados» nas duras campanhas europeias, foram sacrificados a uma «política» renovadora que mais parece querer tudo destruir para recomeçar do zero. De uma só vez, de golpe, e abruptamente, deixaram, na totalidade, de ser úteis à equipa de Portugal, na opinião dos respectivos responsáveis.

Que pensarão, porém, os futebolistas agora afastados e até há pouco considerados imprescindíveis em qualquer agrupamento representativo do futebol português?

Eis as respostas que de alguns deles recebemos para uma só interrogativa: Como encarou o seu afastamento da selecção nacional?

De MARIO COLUNA, o grande capitão, ouvimos: — Considero a minha exclusão um caso especial, na medida em que estive lesionado durante bastante tempo. Aceito-a portanto, até porque estando eu em boas condições e se o «responsável» for justo, espero fazer mais do que um jogo na selecção de Portugal.

Hilário — um dos poucos

que se salvaram do «anufregio» de Atenas, capitão, contra a Suíça, na lista dos vinte e dois para o jogo com a Grécia e, mais tarde, nem suplente nesse encontro.

Uma palavra a dizer, também:

— Eu penso, que, em certa medida e de acordo com a generalidade da imprensa, a selecção necessitava de renovação. Mas, claro, que a renovação não se pode fazer assim com quase todos postos na rua. Dois ou três rendidos não afectariam o conjunto e talvez se fortificasse.

E Hilário prossegue sem necessitar de «ajudas»:

— No meu caso, pessoal francamente não sei porque não joguei. Contra a Suíça não fui dos piores, estou em excelentes condições físicas, e francamente não me considero um velho. Um critério que aceito mas não compreendo...

— Mas como se explicam estes resultados?

— Há, inevitavelmente, um defeito de organização geral que se reflecte, na selecção. A diferença entre os estágios e os processos da equipa de 1966 e os actuais, é espantosa. Agora, até se fomenta esta discussão entre novos e velhos, com alguns dos rapazes a fazerem-nos já críticas agrestes que só criam mau ambiente. Por este andar,



SIMÕES

qualquer dia, nem há selecção de velhos, nem de novos...

E a acabar:

— Tenho pena, evidentemente. Da situação a que chegámos e de não jogar. E que não foi por estar em má forma, com certeza, porque se essas fossem razões fundamentais o Eusébio também estaria fora da equipa... Quanto a mim cá continuarei a servir o melhor que possa...

Serenamente, JAIME GRAÇA disse:

— Aceitei-a bem, disci-

plinadamente. Mas segundo me disseram, o dr. Moreira da Cruz afirmou na Televisão que a minha exclusão foi devida ao facto de me encontrar lesionado e o meu nome não ter sido por isso, incluído na relação enviada à F. I. F. A. Ora quando esta foi



JAIME GRAÇA

remetida daquele organismo já eu fizera dois jogos pelo Benfica: contra o Porto e contra a Sanjoanense. Já não estava, portanto lesionado.

E continuou:

— Mas espero regressar à selecção. Com este, ou outro seleccionador, até porque, como recordará, tenho cumprido mais ou menos, sempre que tenho jogado pela equipa de Portugal.

Falou depois SIMÕES:

— O seleccionador diz e eu talvez esteja de acordo: os jogadores do Benfica ou jogam ou não são convocados. Já deram sobejas provas para carecerem de oportunidades.

«São critérios que respeito mas com os quais não concordo. E sinto-o porque em pouco tempo estragou-se o que tanto trabalho deu a fazer. Os jogadores do Benfica contribuíam poderosamente para o prestígio do futebol português e num ápice foram afastados. E isso doi-me porque eu também sou um «homem do futebol». Então, agora numa fase em que precisávamos ganhar uma posição é que



JOSÉ AUGUSTO



COLUNA

foi altura para se fazerem experiências? Será que se queria estruturar já uma equipa para o México? Mas então esqueceram-se de que primeiro teríamos de ganhar o direito de estar presentes na fase final do «Mundial».

«E já reparou que nunca como agora e em tão pouco tempo se fizeram tantos internacionais?»

«Veja o caso de José Augusto. Quantas vezes ele terá ido à selecção em piores condições. Pois agora que estava em boa forma ficou de fora. Nem sequer foi suplente.

«Por mim, ainda espero voltar à equipa. Suponho que com 25 anos os responsáveis me não considerem «velhos».

Escutamos JOSÉ AUGUSTO:

— Lamento sinceramente que jogadores, de primeiro plano do futebol português, «internacionais» de prestígio nem sequer sirvam já para suplentes.

«E no entanto outras selecções houve em que os jogadores do Benfica não estavam no seu melhor. Mas não se esqueça uma base de conjunto, o que agora parece ter acontecido.

Mas eu espero voltar à equipa de Portugal. Com o actual ou com outro seleccionador creio que ainda posso vir a ser útil ao resurgimento do futebol português.»

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

VALTINHO TREINA-SE NO SPORTING

Assegurado o concurso dos futebolistas ultramarinos Juvenal e Dinis, os dirigentes do Sporting prosseguem nas diligências para garantir o concurso de outros jogadores (avançados) que possam vir reforçar a sua equipa de profissionais.

Dentro dessa linha de orientação treinará em Alvalade para apreciação dos responsáveis «leões» o brasileiro Valtinho, que recentemente se encontra em Portugal, onde pretende fixar-se.

Fernando Catado deverá ser o treinador da selecção, esperando-se também que o seleccionador convide Angelo Martins para técnico-adjunto.

«EUROPEU» DE HÓQUEI EM PATINS

PORTUGAL — SÓ VITÓRIAS

• À NOITE COM A FRANÇA 5—0

No seu quarto dia do Campeonato Europeu — a equipa «galga» na segunda-feira e repete hoje — Portugal efectuou dois jogos. Ambos com adversários tidos, no momento, como fracos e fáceis. E nada alterou esta ideia, pois a nossa selecção alcançou duas fáceis e claras vitórias: 15-2, frente à Inglaterra, e 5-0, perante a França.

De tarde uma exibição fácil e agradável contra a Inglaterra; à noite, repouso concedido a Livramento (que contra os britânicos, apesar de não jogar todo o tempo, obtivera 7 golos) e novo êxito, por números menos rotundos, mas significativo. A partida contra os franceses foi sempre fácil e o seu interesse residia, principalmente em ver até onde chegariam os nossos jogadores. No entanto o jogo acabou por ser um festival de golos faldados e Portugal, que dominou sempre os acontecimentos, chegou a cinco golos e manteve intactas as suas balizas.

Nos outros dois encontros de ontem os resultados foram os seguintes: Espanha, 10-1 Itália, 1 e Suíça, 1-Holanda, 3.

O programa para hoje é o seguinte: França-Holanda, Suíça-Alemanha e Bélgica-Inglaterra.

Amanhã disputar-se-ão os seguintes encontros: Alemanha-Bélgica, Suíça-Portugal e Espanha-Holanda.

O «MUNDIAL» DE TIRO

Prossiguiu a disputa do 33.º Campeonato do Mundo de Tiro ao Voo, que está a decorrer no Clube Português de Tiro a Chumbo, em Monsanto.

Já foram excluídos 164, dos 343 atiradores inscritos, restando pois em prova 179, dos quais 35 estão «limpos» (isto é: sem «zeros») 67 com 1 «zero» e 77 com 2 «zeros».

Dos 35 atiradores presentes à 10.ª volta, que foi a última a ser ontem disputada, 11 são portugueses: J. Lima de Carvalho, Luís Falcão, Camimiro Pinto, Joaquim Belchior, Carlos Carneirim, Fernando Carneiro, eng.º José Serôdio, Carvalhal Monteiro, Leitão do Amaral, dr. Henrique da Cruz e dr. Simões de Lemos.

A percentagem de portugueses sem «zeros», e pois de cerca de 31,7 %, o que pode considerar-se bom.

ELEK SCHWARTZ: 200 CONTOS DE «LUVAS» 15 CONTOS DE ORDENADO MENSAL

O presidente do F. C. Porto, Afonso Pinto de Magalhães, na reunião habitual com os jornalistas, informou que o técnico Elek Schwartz, que aceitou as condições que lhe tinham sido propostas: o contrato entre Schwartz e o F. C. Porto foi assinado por um ano, por 200 contos de «luvas» e 15 contos de ordenado mensal, além dos prémios dos jogos.

Para treinador de campo (adjunto de Schwartz) serão contratados António

Teixeira, há pouco desligado do Tirsense e antigo jogador do F. C. Porto, ou Vieira, que deixou excelente impressão quando há dois anos trabalhou no clube. O preparador físico, será o técnico de atletismo, o checo Otakar Stastny, há meses já a trabalhar no clube. Entretanto foi criado o cargo de secretário administrativo, que será desempenhado por Artur Baeta, o responsável pelas escolas de jogadores do clube e treinador actual de juniores.

Assim o F. C. Porto contará com quatro profissionais com cargos específicos nas equipas de seniores e no caso particular de Artur Baeta as suas funções estendem-se a todas as categorias.

O DR. CATARINO DUARTE pediu a demissão da Comissão Central do Benfica

Apesar dos excelentes resultados obtidos, o presidente da Comissão Central do Benfica, dr. António Catarino Duarte, afirma não estar decidido a continuar no desempenho daquelas funções.

Assim, pelo dr. Catarino Duarte foi já apresentado à actual direcção do Benfica o respectivo pedido de demissão.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A ORGANIZAÇÃO AMADORA DE UMA SELECÇÃO DE PROFISSIONAIS

Mário Zambujal pôs o dedo em muitos aspectos. Nos mais prementes e objectivos. Naquelles que fertram olhos chetinhos de ilusões que estão agora, iluminados somente, pela crueza da realidade. Ou febrados, para fugir a responsabilidades. Mas é claro que a selecção nacional de futebol continuará a ser o tema e assunto, que tem muito que se lhe diga, a ser observado, escalpeltado, analisado. Mas em profundidade. Procurando perceber o «fenómeno» que fez precipitar no declive uma equipa que em Londres-66, foi êxito e espectáculo, «autónomos» todo um trabalho, toda uma organização. Que falhu. Com os resultados que estão à vista.

É no «último andar», na cabeça, que começa tudo. Uma estrutura sem base, sem alicerces, sem verdade, não pode ter «filhos» sãos e escorregios. Porque o caso é este: ou o futebol está, na verdade, devida e seriamente profissionalizado e se vai agir dentro desse esque-

nal pudessem dar as suas horas e a sua experiência. E os seus conhecimentos. Em todo o lado se faz...

Alf Ramsey, só trata da selecção inglesa. Artigas, vai ser o único responsável pela selecção da Espanha. A própria França que anda pelas «ruas» da amargura tinha Dugauez contratado pela Federação e, agora Kopa. E nem se fala em João Saldanha, no Brasil, depois de Feola.

E entre nós? Na «cúpula» um coordenador e um seleccionador. Depois, um departamento técnico. Até onde poderá esta «maquinaria» funcionar devidamente começando por ser amadora e acabando nos profissionais? Até que ponto se entrecrocaram e brigaram, concepções nascidas em mentalidades, mesmo sérias e inteligentes, admite-se, de espectadores de bancada, e os homens que têm obrigação de conhecer o futebol por dentro?

Uma equipa, não será, ou não deverá ser, o reflexo de uma personalidade, de

Por AMADEU JOSÉ DE FREITAS

ma ou, então, regressamos ao velho e romântico amadorismo e brincamos com esta coisa da bola e deixamos de ser de ridículas aspirações. O futebol, hoje em dia, não pode sujeitar-se ao choque que tem de existir, entre uma direcção comandada por amadores e «explorada» depois, por indivíduos cuja profissão é o futebol.

Aliás, está condenada por toda uma moderna civilização a existência de arrietas e amadores a interferirem numa especialização que tem a vantagem de possuir uma profundidade e extensão, toda entregue a gente do mesmo «ofício». A época dos «Sherlock Holmes» está ultrapassada e hoje, todos o sabemos, tem de existir uma tendência pronunciada para um apuro profissional e condicionado a um só pelouro e actividade.

Pois bem: uma profissão tem a sua ética e deontologia próprias e não pode admitir «para-questísticas» e desproporcionadas intromissões.

Há profissionais no futebol que não podem ser comandados por amadores — bem intencionados, sim senhor — mas espartilhados pelo tempo, pelas suas próprias actividades, pelo contacto directo com os problemas. E, também, influenciados pela amigável conversa de café, a da palmada nas costas, a da opinião a seguir ao gole de uma «bica».

O complexo do futebol nacional, para estar de harmonia com a infelizmente fugaz projecção obtida no «Mundial» de 1966, exigia um comando definido, certo, orientado. Por homens do futebol, por homens que ao futebol nacio-

uma orientação, de um tracejado percorrido, desenhado e ordenado por um só responsável?

Qual o benefício de um grande e lúxuo escritório se a maior parte dos empregados usar o sistema de «part-time»? Nulo — que ficardo sempre coisas pendentes para tratar, resolver e ordenar, no dia seguinte...

O futebol é, dos homens do futebol. Se ele tem hoje tanta importância e força, se movimenta tantos e tantos milhares de contos, se dá pão e casa a tanto e tanto homem — como pode admitir-se, ou aceitar-se, que seja dirigido e mandado por bem intencionados indivíduos... em regime de acumulação?

Errado... É bem provado está que assim é. E nem se fala sequer, nos casos, birras, mal entendidos, egocentrismos, evidências pessoais, vaidadezinhas balofas e falsas — que encham de buracos a organização, tão furada como um queijo Gruyère...

O pior é que o futebol é que paga. Mas é isso que temos de evitar se pretendermos que ele seja aquilo que desejamos.

Nem tudo está ainda perdido. Se voltar, depressa, o bom-senso, a coragem de reconhecer erros e arripiar caminho, a argúcia de saber dirigir e entregar em mãos competentes quem pode ainda fazer qualquer coisa.

O que não deve é continuar-se nesta híbrida situação: amador na cabeça, profissional nas pernas... Tem de haver um todo, um conjunto, uma estrutura.

«Impressionante o afundamento da equipa portuguesa»

MADRID, 8 — (A. N. I.) — Sob o título «Portugal também não pode ir ao México», o matutino «Ya» analisa hoje o futebol português, que, «além de perder o ataque», continua sem encontrar uma defesa firme. E acrescenta:

«Ainda que lhe restem as desesperadas saídas do outono à Roménia e à Suíça, a selecção portuguesa parece já condenada a não estar no México».

Comentando os dois últimos encontros portugueses, chega à conclusão de que o afundamento da equipa é impressionante.

Põe em destaque a baixa

forma da dianteira que não encontra substitutos e acrescenta que «não é isso o mais perigoso, mas sim o facto de a equipa receber facilmente golos de potências médias».

O «Ya» acrescenta que os novos internacionais não correspondem aos antigos e estão em forma muito baixa. Portugal não tem a mesma desculpa que a Espanha, que jogou no grupo mais forte, porque hoje a Bélgica supera suíços e romenos, não falando já da Jugoslávia. E termina por prever que apenas a Itália representará a família latina da Europa no futebol do México.



Para defrontar o Sporting, chegou a Lisboa a equipa do União Desportivo Internacional de Bissau, totalmente integrada de futebolistas amadores

«RESCALDO» DE COIMBRA

UM JOGADOR IRRADIADO E QUATRO SUSPENSOS

Reuniu-se ontem o Conselho de Disciplina da F. P. F. que resolveu aplicar os seguintes castigos referentes aos desagraváveis incidentes passados em Coimbra durante a repetição da final da II Divisão:

II DIVISÃO — Irradiado: Carlos Alberto Freire, do Boavista, por «agressão ao árbitro»;

9 jogos de suspensão a António José de Lemos, também do Boavista, por «agressão a um adversário, no que é reincidente, e injúrias e insultos graves à equipa de arbitragem»;

8 jogos: a Fernando Barbosa de Sousa Rocha, do mesmo clube, por «tentativa de agressão ao árbitro evitada por terceiros»;

5 jogos: a Alfredo de Jesus da Silva, ainda do mesmo clube, por «insultos graves à equipa de arbitragem»;

1 jogo a António Alfredo da Costa Bandeira, do Barcelense, por «desacordo com as decisões do árbitro, no que é reincidente», e advertência: a Fernando Salvador Faneos, do mesmo clube, por «faltas leves».

Também os treinadores dos dois clubes, sofreram punições: Gama, 15 dias e multa de 250\$; Manuel de Oliveira, 90 dias e multa de 500\$00.

HOJE À NOITE

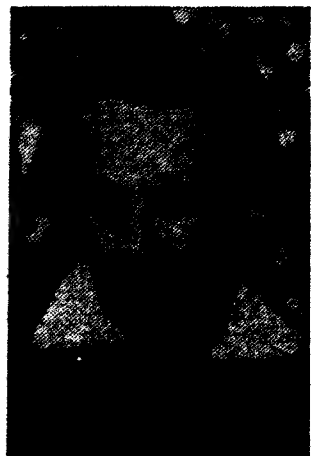
FUTEBOL — Final do Campeonato de Juvenis da A. F. L. (4.ª repetição), entre Benfica e Sporting, no Estádio do Restelo, às 21 horas.

VOLEIBOL — Torneio Aberto de Juvenis da A. V. L.: Nacional de Ginástica-

ÁRBITRO E VETERINÁRIO

«O SENHOR DOUTOR: DEPOIS VENHA VER A MINHA VAQUINHA...»

O futebol pode ser uma coisa séria, sim senhor. Mas o futebol é, também, e acima de tudo, alegria de viver, ar livre, boa disposição. As vezes, até, há uma certa e saudável ingenuidade — o que dá a dimensão perfeita pelo pitoresco e pela graça.



DÉCIO DE FREITAS — «double» de árbitro e veterinário...

da profundidade e extensão do jogo. Que não escolhe cultores, nem os selecciona, que abre democraticamente as suas portas a quem quiser. Por isso mesmo o futebol proporciona, por vezes, situações curiosas, salpicadas

IV Portugal-Espanha em bilhar

Organizado pela Associação do Porto disputar-se-á nos próximos dias 17 e 18 o IV Portugal-Espanha em bilhar, que se realizará na sede do Clube Fenianos Portuenses.

Pois bem: na última quinta-feira, o dr. Décio de Freitas foi até Itália, à suave e cosmopolita Montecatini, dirigir o encontro Itália-Inglaterra, entre selecções de amadores. Chegou a Lisboa no sábado de madrugada e verificou que, em casa, tinha um postal a convocá-lo para dirigir na manhã seguinte, o encontro de juniores Montelavar-Pero Pinheiro. Cumpridor e apaixonado pela arbitragem, o dr. Décio de Freitas resignou-se a dormir só quatro horas e, de manhãzinha, lá foi para Montelavar. Um «pulo» de Montecatini para a região «salota»...

Assistência entusiástica a amigo, pois, o dr. Décio de Freitas, em visitas profissionais, costuma andar pela região. E tão conhecido é de toda a população que, a certa altura, quando se encontrava junto da linha lateral ouviu chamar, baixinho e respectivamente:

— O senhor doutor... Senhor doutor...

Décio de Freitas esperou pela saída da bola e voltou-se para atender o delicado chamamento:

— O que é? — O senhor doutor, desculpe... Mas quando esta «coisa» acabar pode ir ver a minha vaquinha que está doente?

Evidentemente, que o árbitro não escondeu a sua surpresa. Mas não podia deixar o assunto nesse pé:

— Agora, a consulta é outra...

Mas quando o jogo acabou foi mesmo ver a vaquinha...

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

PRIMEIRA PARTE

Varzim-Guimarães 1
Tirrense-U. Tomar 1
Leixões-Barcelense 1

RESULTADO FINAL

Varzim-Vit. Guimarães 1
Tirrense-U. Tomar 1
Leixões-Barcelense 1
Bolonha-Palermo 1
Juventus-Fiorentina X
Milan-Nápoles 1
Pisa-Laneros 1
Roma-Atalanta 1
Varese-Torino X
Verona-Inter 2

O NORTE ESPORTIVO

NA EDIÇÃO DE HOJE

- ★ Eusébio vai pedir 7000 contos para renovar o contrato com o Benfica
- ★ Jacinto João pede 1500 contos ao Sporting
- ★ A selecção nacional em crise. Previstas demissões em massa

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — CAÇA AO OURO — Politeama

* POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326385
HOJE, às 21.30 — ESTREIA
Uma notável comédia policial
cheia de improviso e emoção

CAÇA AO OURO

com os brilhantes artistas
Mireille Darc, Jacques
Sernas e maravilhosas raparigas em bikini
(Eastmancolor)HOJE, AS 18.30 — Sessão
Clássica (M. 17 anos)

* ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326223
As 15.15 e 18.15 (p. r.) 21.30EM 2.ª SEMANA
DE ENCHENTESUM ÊXITO SENSACIONAL
DE CONSTANTE GARGALHADA

BONANÇA & C.

com Eugénio Salvador, Nicolas
Breyer, Mariana e outros consagrados artistas

* MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 308743
As 18.30 e 21.45

CUSTER

HERÓI DO OESTE

Robert Shaw, Mary Ure e Robert Ryan no mais espectacular, sugestivo e empolgante filme do ano!

Tela de 70 mm — Technicolor
Um filme extraordinário!

METRO: Estação Florença

* RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 618375
As 21.30A QUADRILHA
DO GRANDE CÉREBRO
com Sidney James e Sylvia Syms* CASINO
ESTORIL(M. 17 anos) Tel. 269729
As 17 e 21.30CONTRATO
PARA MATAR

com Lee Marvin, Angie Dickinson, John Cassavetes e Ronald Reagan

* CHIAVO
TERRASSE(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 horasA GRANDE PANDEGA
DIFAMAÇÃO

* LIDO

Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 927593

As 21.30

Uma espantosa comédia com
Vittorio Gassman e Anne
Magret

O PROFETA

* TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 56535
As 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite

4.ª SEMANA

Alain Delon, Romy Schneider
e Maurice Ronet em

A PISCINA

Um filme de Jacques Deray

* IMPERIO

(M. 12 anos) Tel. 555134
3.ª SEMANA

As 15.15 e 21.30

70 mm/m Mosocolor

Vencedor do Oscar para
o melhor filme estrangeiro
do ano

NATASHA

2.ª edição de «Guerra e Paz»

* ESTÚDIO

(M. 12 anos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45

7.ª SEMANA

Technicolor — Techniscope

CHARLY

Um filme de Ralph Nelson
com Cliff Robertson e Claire Bloom

* ROMA

(M. 12 anos) Tel. 727778
As 21.30A epopeia fantástica de um
punhado de heróis

CUSTER

HERÓI DO OESTE

com Robert Shaw, Mary Ure
e Robert Ryan70 mm — Technicolor
Supertecnirama

* VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.453.ª SEMANA de enchentes!
Simone Signoret, James Cagney
e Katharine Hepburn num filme
que entra pelo fantástico, onde
o normal torna as proporções
do bizarro...

JOGOS PERICOSOS

Cinemascope-Technicolor
Av. Frei Miguel Contreiras

* IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas

ADEUS AMIGO

O 77 DESAFIA

OS ASSASSINOS

* AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45

002 CONTRA

AL CAPONE

Techniscope — Technicolor
com Franco Franchi, Clotilde
Ingrasima e Meira Ortal

* CONDES

Tel. 32523 326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)

CUSTER

HERÓI DO OESTE

70 mm — Supertecnirama
Technicolor

com Robert Shaw e Mary Ure

* ESTÚDIO
444(Adultos) Tel. 779095
As 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

Emigrantes portugueses

O SALTO

com Marco Fies
e Ludmila MikaelRealização de Christian
de Chalongue

* SÃO LUÍZ

(Adultos) Tel. 327172
3.ª SEMANA

As 15.15, 18.15 e 21.30

O extraordinário filme
de uma rapariga de «cabaret»,
meiga, terna, alegre e
inteligente, que envolve na
sua vida um arquitecto, chefe
de família — uma comédia
que tem obtido estrondoso
êxito tanto em Paris
como noutras grandes cidades
européias e que foi premiada
em França com o
«Prémio de Humor Tristan
Bernard»Jaclinto Ramos, um homem
conhecedor de teatro, além
do desempenho de uma das
principais personagens, é,
também, o encenador. A seu
lado, estão Irene Cruz e JoãoLoureço com duas excelentes
interpretações, muito bem
coadjuvadas por Graça Lobo
e Luíla Pinhão.
As cenas são do jovem artista
João Vieira.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.

* ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080
3.ª SEMANA

As 15.45 e 21.45

A SEMENTE DO DIABO
«Rosemary's Baby»
TECHNICOLOR

* EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45A ROLETA DA MORTE
com Robert Wagner, Peter
Lawford, Lola Allright,
Walter Pidgeon e Gill St.
John

* MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131
7.ª SEMANA

As 15 e 21.30

FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada
com Barbra Streisand e Omar
Sharif

* EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30Technicolor — 4.ª SEMANA
O maior filme policial dos últimos
vinte anos

STEVE McQUEEN &

BULLITT

Você jamais o esquecerá!

* SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 64153
As 15, 18.15 e 21.30

3.ª SEMANA

MAYERLING
com Omar Sharif, Catherine
Deneuve, Ava Gardner e
James Mason

* LIZ

(Adultos) Tel. 18560
As 21 h

AS DIABÓLICAS

AS AVENTURAS DE

«O SANTO»

As 21 h

AS DIABÓLICAS
AS AVENTURAS DE
«O SANTO»

UMA COMÉDIA DE «BOULEVARD»

NO LAURA ALVES

Prosegue, no Teatro Laura
Alves, a comédia de Pierre
Bruno «Pepsie», original
francês com tradução de R.
Lobato de Faria, que está a
despertar vivo interesse entre
o público apreciador de
comédias de «boulevard».«Pepsie» conta-nos a história
de uma rapariga de «cabaret»,
meiga, terna, alegre e
inteligente, que envolve na
sua vida um arquitecto, chefe
de família — uma comédia
que tem obtido estrondoso
êxito tanto em Paris
como noutras grandes cidades
européias e que foi premiada
em França com o
«Prémio de Humor Tristan
Bernard»Jaclinto Ramos, um homem
conhecedor de teatro, além
do desempenho de uma das
principais personagens, é,
também, o encenador. A seu
lado, estão Irene Cruz e JoãoLoureço com duas excelentes
interpretações, muito bem
coadjuvadas por Graça Lobo
e Luíla Pinhão.
As cenas são do jovem artista
João Vieira.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às 21 e 45, e está
incluído na série dedicada pela
Câmara aos moradores nos bairros
populares e da periferia da
cidade. No desempenho daquelas
peças entram os artistas João Sarabando,
Sérgio de Carvalho,
Maria Crespo e Alfredo de Sousa.O Teatro de Ensaio, sob a direcção
de João Sarabando, vai
hoje à Sociedade Boa União,
onde leva à cena as peças em 1
acto «Processo disciplinar», de
Cunha Viana; «Os dois macticos»,
de Júlio Dantas, e «Está lá?»,
de André Brun. O espectáculo
tem início às

Diário de Lisboa



Propriedade de
Renasença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: José C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DBOA, Telex 1263
Lisboa 2 — Portugal

o tempo

**INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO
NACIONAL:**

TEMPERATURAS EXTREMAS
OBSERVADAS NA REDE
NACIONAL DO CONTINENTE
ATE AS 9 HORAS DE HOJE
— Máxima: Tavira, 21°; 8;
mínima: Penhas da Saúde, 4°.

TEMPERATURAS OBSERVA-
DAS AS 9 HORAS, NA COS-
TA DO SOL — Na atmosfera,
17°; na água do mar, 14°; 8.

**PREVISÃO GERAL
ATE AS 24 HORAS
DE AMANHÃ**

Céu muito nublado ou enco-
bertado; vento fraco ou me-
diado de Sudoeste ou Oeste,
podendo soprar forte nas ter-
ras altas; períodos de chuva
ou chuviscos nas regiões para
norte do sistema montanhoso
Sintre-Montejunto-Estrela; ne-
voeiros matinais.



Amãhã
Nocor 4, 06 e 31
Ocaso 4, 20 e 36



Hoje Dia 16 Dia 24 Dia 31

MARES:

PREIA-MAR: Dia 8 — 9 e
20 (3,2 m); 21 e 48 (3,5 m);
Dia 9 — 10 e 38 (3,2 m);
23 e 04 (3,5 m); Dia 10 —
11 e 52 (3,3 m); BAIXA-
MAR: Dia 8 — 2 e 31 (1,5
m); 14 e 53 (1,7 m); Dia 9
— 4 e 03 (1,6 m); 16 e 29
(1,8 m); Dia 10 — 5 e 30
(1,5 m); 17 e 50 (1,7 m).

Os orçamentos suplementares do Município de Coimbra foram aprovados provisoriamente

COIMBRA, 8
Na sessão da Câmara Mu-
nicipal, a que presidiu o sr.
eng.º Araújo Vieira, foram
aprovados, em princípio, os
primeiros orçamentos su-
plementares da Câmara e do
Turismo para o ano em cur-
so, que vão ser expostos ao
público para reclamação pe-
lo prazo de oito dias, só de-
pois sendo aprovados em de-
finitivo.

disse ter dentro de dias uma
reunião com comerciantes
das referidas artérias, a fim
de se pronunciarem sobre o
assunto.

A Câmara concedeu ainda
a Medalha de Ouro de «com-
portamento exemplar» ao
subchefe enfermeiro do
Corpo de Bombeiros Muni-
cipais, com 25 anos de ser-
viço, e de ouro «Dedicação»
ao bombeiro de 1.ª classe
sr. Mário Graça, em virtu-
de do risco que correu ao
mergulhar na enxurrada
para fechar as válvulas da
entrada da água nos anti-
gos poços de abastecimento
da cidade.

A IRMÃ DE AMÁLIA SERÁ OPERADA NO FIM DO VERÃO

BOSTON, 8. — (A. N. L.) —
Foi agora marcada, para o fim
do Verão, a transplantação de
rim a que vai submeter-se a irmã
mais nova de Amália Rodrigues,
Maria Sweetman — anuncia um
informador do hospital Peter
Bent Brigham.

A doente não está agora hos-
pitalizada, mas vai duas ou três
vezes por semana a «Normandy
House», uma dependência do re-
ferido hospital, onde se lhe está
a proceder à purificação do san-
gue mediante um rim artificial.

A dadora do rim a enxeriar
em Maria Sweetman é, como foi
anunciado, a sua outra irmã Ce-
leste Rodrigues, que chegou a
Boston em 27 de Abril.

General França Borges

Por motivo do seu aniversário
natalício, que hoje ocorre, o sr.
general França Borges, preside-
nte da Câmara Municipal de Li-
sboa, foi cumprimentado pelo
funcionismo e recebeu inume-
ros telegramas e cartões de fe-
licitações.

A EXIBIÇÃO DE FILMES

(Continuação da 1.ª página)

nal em apoio do ponto de
vista, que também é deste
organismo, sobre aquele as-
sunto de tanta importância
para os espectáculos publi-
cos.

Iguamente recebemos um
telegrama do Grémio Nacio-
nal das Empresas de Cine-
ma, que diz:

«Agradecemos e aplaudimos
a publicação, na edição de
ontem, na secção «De vez em
quando», do justo comentá-
rio referente ao problema da

censura de filmes, que tra-
duz fielmente a posição des-
te Grémio sobre o assunto.»

Assina este telegrama o
presidente da direcção da-
quele organismo, sr. Correia
de Matos.

Entre as várias pessoas que
nos felicitaram figura o sr.
Francisco Duarte, gerente do
cinema S. Jorge, que o fez
com palavras entusiasmadas
que muito nos sensibilizaram.

Iguamente muitos leitores,
para quem a exibição de fil-
mes não constitui preocupação
comercial, mas apenas
um meio de se recrear e de
se cultivar, vieram ao nosso
encontro, defendendo a teo-
ria de que deve manter-se
e, se possível, ampliar-se, o
arejamento do critério usado
por quem tem a seu cargo
permitir ou proibir a exibi-
ção de filmes entre nós. Re-
cordamos, por exemplo, que
ainda não foram exibidos em
Portugal, apesar de serem já
conhecidos do próprio públi-
co espanhol, filmes como
«Georgy Girl» (prémio do Of-
fice Catholique International
du Cinema), «A Vergonha»,
de Bergman, recentemente
premiado em Valladolid, na
Semana do Cinema Religioso
e dos Valores Humanos, «La
Dolce Vita», de Fellini, que
há anos corre em todos os
cinemas da Europa, bem co-
mo outros de diversos reali-
zadores, considerados verda-
deiras obras-primas, pelo pú-
blico e pela crítica dos mais
diversos sectores, em países
das mais variadas posições
ideológicas e de diversas
crenças.

Na GUARDA o «DIÁRIO DE
LISBOA» é vendido por Manuel
Vieiras, Suc., Rua Sacadura Ca-
bral, 3.

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

PELAS ESTRADAS DA PENÍNSULA A 30 KM À HORA

CHEGARAM A LISBOA «OS DELICIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS»

Vinte e oito automóveis com mais de 60 anos ainda sem usar óculos entraram triunfal e
estrepitosamente em Lisboa, depois de terem partido de Barcelona há oito dias.

Os 28 heróicos condutores que desafiaram a intempérie peninsular para derrotarem, deste
modo sensacional, o tempo (basta recordar que esta viagem, de mala-posta, demoraria mesmo com
mudas frequentes mais do dobro do tempo) são distintos «sportmen» portugueses, espanhóis, fran-

automóveis, como lá fora
chamam a essas máquinas
no momento da chegada
àquela cidade.

As exóticas máquinas
voadoras — elas voam, não
andam, 35 quilómetros nu-
ma hora, imaginem lá,
nem dá para admirar a
paisagem (a loucura des-
te nosso tempo!) foram
construídas entre 1902 e
1920.

Segundo os directores da
emocionante prova decla-
raram aos nossos penógra-
fos (somos dos que resis-
tem, pena sim, máquinas
de escrever não) os despor-
tistas em geral sentem-se
satisfeitos com a forma co-
mo tem decorrido a com-
petição, e ainda estariam
mais contentes pela forma
como as populações ibéri-
cas têm sabido, com o es-
pírito que se lhes reconhe-
ce, receber fidalgamente
os ilustres forasteiros.

As poderosas máquinas
em prova custam verdadei-
ras fortunas, disse-nos um
dos concorrentes, tendo
acrescentado que isso se
deve não só ao seu valor
como «documentos de uma
época» mas também pela
delicada manutenção a que
obrigam e ainda ao elevado
consumo do «petról» com
que se alimentam.

Apenas cinco portugue-
ses participam na prova
mas, demonstrando «curbi-
et orbi» as virtudes ráticas
de que nos orgulhamos,
dois deles ocupam precisa-
mente os dois «top» luga-
res.

Trata-se, precisa e res-
pectivamente dos conheci-
dos «sportmen» José de
Castro Lopes, o n.º 30, tri-
pulando um rebrilhante
«De Sotto», e Carlos Alfredo
Santos, o n.º 29, com um
«Rugby» desportivo, carro
cujo nome faz lembrar
aquele violento desporto
que britânicos e gauleses
tanto apreciam e que en-
tre nós já conta com al-
guns adeptos.

Note-se ainda que os dois
portugueses (n.º 29 e 30)
corroboram ainda o velho
ditado popular que diz que
«os últimos são os primei-
ros».

Uma infelicidade teve-a
o nosso compatriota Fran-
cisco Cardoso Lima, que
ocupava honrosa classifi-
cação, à partida da Urgel-
riça mas que foi obrigado
a desistir por uma avaria
que os mecânicos diagnos-
ticaram posteriormente co-
mo sendo uma «fractura
do semi-eixo», sofrida no
difícil percurso do Cara-
mulo.

Após a histórica chega-
da de hoje aos Campos do

Parque Eduardo VII, festi-
vamente engalanado de
pessoas desocupadas, os
concorrentes a lmoçaram
no Castelo de São Jorge,
repousando a vista exte-
nuada por tão vertiginosa
marcha no casario sempre
belo e sempre igual desta
nossa velha cidade.

O «Rallye» terminará no
sábado, no Estoril, após as

provas complementares que
ora se iniciam, ocorrendo
certamente àquela estância
bainear, que se pretende tão
famosa como foi a da Cruz
Quebrada, muita gente in-
teressada em observar a
perícia dos «sportmen» que
têm motivos de sobra pa-
ra se orgulharem da sua
coragem e da sua pacien-
cia.



DOMINGO 11 DE MAIO às 17 horas

PAQUIRRI
O TOUREIRO DA MODA

MANUEL CONDE José JÚLIO
FREDERICO CUNHA F. RIVERA «PAQUIRRI»

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
comandados por RHODES SÉRGIO

8 TOIROS DE COIMBRA BARBOSA

CAMPO PEQUENO

Telef. 771819, 761539, 321712 e 30769

LIVROS ESPANHÓIS

7.000 livros técnicos e científicos
Com editores representados

LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

N.º 561/8 DE MAIO DE 1969

**EUGÉNIO
DE ANDRADE**
na crítica de
**Eduardo Prado
Coelho**
«Corpo e Palavra»
(na última página)



Da literatura como saída

por José Fernandes Fafe

PARTAMOS do que é mais evidente em *Três semanas em Maio*: a espontaneidade da escrita.

Espontânea como a fabulação. O mesmo transporte verbal... Escrita-fala, e o prazer de falar.

Prazer que se sente na voz dos narradores das histórias, a maioria das quais fala deles próprios. Se não vejamos.

Três semanas em Abril e Maio. A mulher conta a um amante retalhos da vida dela.

Duas semanas em Fevereiro e Março. O narrador conta uma história (sua) de amor.

No início de *Fevereiro*. Ao princípio parece escrita na terceira pessoa. Mas a breve trecho, a um ligeiro salto da narrativa, descobre-se a primeira pessoa: «Nunca estivera só. Nunca estive tão só.»

Três episódios de duas semanas em Janeiro. Muito sumariamente: no primeiro episódio, o narrador conta o desejo que certo dia teve de matar um desconhecido; no segundo confessa-se; no terceiro diz-nos entre outras coisas da



sua necessidade de confessar-se, e da dificuldade que tem de fazê-lo.

Europa. O narrador fala-nos de Ferrol (Ferrol-para-o-narrador) de como o conheceu, da viagem que fez com ele, etc.

Pelo silêncio da noite. A história (excelente, quanto a nós) começa por esta frase: «Sentia uma grande dor, aguda e ácida... Primeira ou terceira pessoa?

«Sentia uma grande dor» pode estar na terceira: o narrador lê no comportamento do homem descrito «uma grande dor». Mas «aguda e ácida» tiram-nos as dúvidas. São qualidades ilegíveis numa observação do exterior. Só de dentro se sabe se uma dor é «aguda e ácida». Quem narra está pois no íntimo do homem narrado, é ele, originariamente ou por identificação. Sob a ambiguidade, encontra-se a primeira pessoa.

Fica-nos a narrativa *Primavera* construída, se assim se pode dizer, mais que *behaviouristamente*: não há aí sequer a notação dos gestos, diálogo apenas.

Em *Primavera*, o narrador narra o diálogo de outros. Utilizou-se aí um método diferente do aplicado às restantes histórias. Por isso destoa: não tem o

mesmo tom porque foi outro o seu método.

Chegou a altura de fazer as contas. Em seis das sete histórias de *Três semanas em Maio* os narradores falam deles próprios. E fazem-no com manifesto prazer.

Desta observação nasce uma hipótese: o prazer vem da satisfação da necessidade de um eu.

A narradora da primeira história. É o que chamam «uma mulher dissoluta, desfeita». Fala, fala — para o amante silencioso, continua a falar — para o amante que entretanto adormeceu... Não fala pois para que a olçam... Fala para falar-se, para solidificar-se, para se refazer...

Essa insensata é sage. Ela sabe como tornar-se inteira. E sabe que o verdadeiro amor exige uma entrega inteira. «Es o meu último, único e grande amor», esta frase final da história tem o acento de uma entrega inteira, total...

Ela também sabe que o amor destrói, e quanto custam as reconstruções. Aque-

(Continua na 7.ª página)



Teatro Universitário-69

por Manuel Alberto Valente

O PRESENTE ANO marcará sem dúvida um ponto na história do Teatro Universitário Português. Qual o acaso (nome por que vulgarmente se designa o esforço e a vontade dos homens) que os principais grupos universitários pudessem ter à frente do seu trabalho artístico encenadores de grande prestígio e comprovado talento. No C. I. T. A. C. (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra) — depois de três épocas inesquecíveis em que, pela mão de Vítor Garcia, o organismo se colocou na vanguarda do teatro português, granjeando simultaneamente enorme prestígio internacional (Bienal de Paris, Festival de Liège) — Ricard Salvat, o mais categorizado director do actual teatro espanhol, dedica um espectáculo a Bertold Brecht e encena «Castelo e a sua época», peça documental centrada na figura do grande dramaturgo galego. No Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, Adolfo Gutkin — encenador argentino até agora quase desconhecido entre nós, mas gozando de grande renome em toda a América Latina — leva à cena «Volpone», de Ben Jonson. Finalmente, no T. E. U. C. (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra) Luis de Lima, nome sobejamente conhecido do meio público, monta «A Ilha dos Escravos», de Marivaux, inaugurando novos

caminhos na trajectória cultural do mais antigo grupo universitário português.

Por outro lado, o T. U. P. (Teatro Universitário do Porto) — remetido até agora a um plano secundário e impossibilitado para já de «importar» encenadores — monta, com direcção de Correia Alves e colaboração plástica de José Rodrigues, Alexandre Vasconcelos e Manuel Mouga, a peça de Lope de Vega «Fuenteovejuna», que, por si só, garante já o interesse do espectáculo.

Imensos e de incalculável valor serão os frutos colhidos de uma safra assim. Para lá do que tal actividade significa relativamente aos elementos que nela participam, não podemos esquecer o benéfico impacto produzido no público por espectáculos que lhe desvendam uma riqueza teatral, bem diferente do que está habituado a ver na maior parte do nosso teatro profissional e nas correspondentes rubricas televisivas. Além de que, face às dificuldades circunstanciais, tal trabalho vem reafirmar a posição cimeira dos grupos escolares e o carácter imprescindível da sua actuação.

O Teatro Universitário Português está, pois, no limiar da sua idade adulta. 1969 será, talvez, a ponte lançada entre as duas margens de uma mesma e ardorosa batalha.

Com «Volpone», o Grupo Cénico da A. A. F. D. L. apresentou o seu melhor espectáculo de sempre, que passa a constituir — lado a lado com «O Grande Teatro do Mundo», encenado no C. I. T. A. C. por Vítor Garcia — o mais va-

lioso cartão-de-visita do teatro português. Servida por uma notável execução plástica de Mário Alberto e por um nível interpretativo poucas vezes atingido entre nós, a encenação de Adolfo Gutkin ergueu no transaccado palco do Po-

liteama o exemplo vivo e actuante do que pode ser um teatro arrancado à lengalenga dos convencionalismos retrógrados e restituído à sua magia ritual, numa «réverie» encantatória em que o prazer lúdico se alia ao espírito crítico para nos dar o «teatro total» que Artaud sonhou, mas que só pode nascer — como no caso presente — da aliança entre a sua teorização e o realismo épico de Brecht.

O original de Ben Jonson — ridicularizando aristocráticamente a falta de escrúpulos da nascente burguesia renascentista — foi apenas o ponto de partida para o notável trabalho do encenador argentino. Tal como, nos princípios deste século, Jules Romains e Stefan Zweig haviam transformado Volpone na personagem positiva que incarnava as virtudes de uma burguesia já perfeitamente instaurada no Poder, Adolfo Gutkin adaptou-o agora ao circunstancialismo dos nossos dias, subindo o degrau que faltava. Pois se em Ben Jonson havia o ponto de vista aristocrático e em Stefan Zweig/Jules Romains a apoteose burguesa, em



Adolfo Gutkin, encenador e cenógrafo do «Volpone» da A.A.F.D.L., em conversa com Fernando Lopes Graça

Gutkin existe a perspectiva dramática daquelas contradições que continuam hoje a manter uma cruel vigência. Transformando a comédia seiscentista numa farsa poética (em que a fidelidade absoluta ao real — «o teatro como espelho» — desapare-

(Continua na página seguinte)

VOLPONE
Encenação e Cenografia
de Adolfo Gutkin
Execução Plástica de Mário
Alberto
Grupo Cénico da A.A.F.D.L.

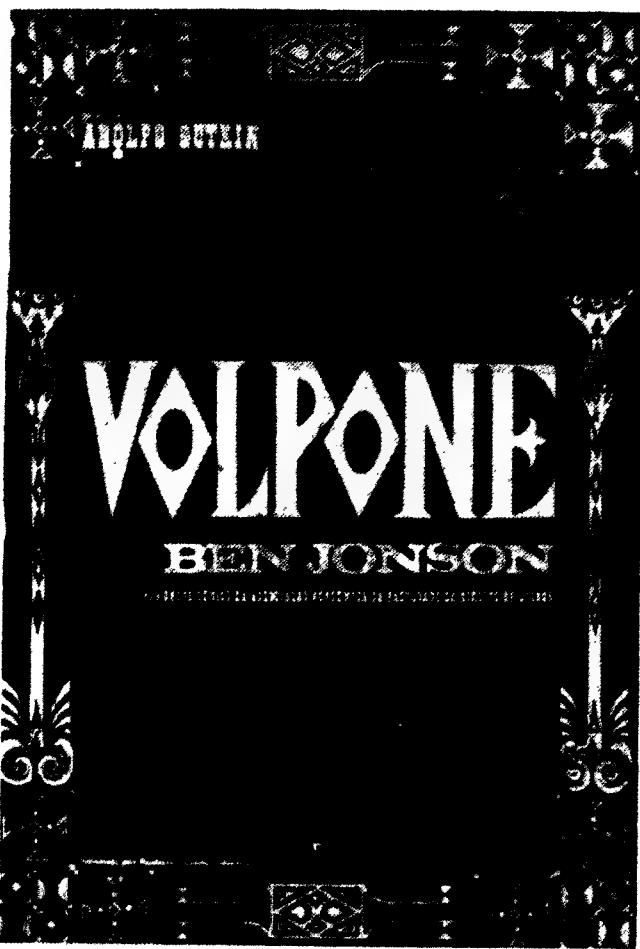
Teatro Universitário

(Continuação da pág. anterior)

entendimento mais claro das suas propostas críticas. Fê-lo, porém, a partir de uma análise histórica de tal modo rigorosa, que o essencial da peça de Ben Jonson saiu incólume e a sua riqueza expressiva aumentada consideravelmente por uma mediação estética onde o arbitrário jamais existiu. E logo aí o seu trabalho se torna exemplar, num país em que uns ainda defendem a pretensão «intocabilidade» dos textos clássicos, enquanto outros os desvirtuam a seu bel-prazer, sem aquela seriedade artística e intelectual que seria de exigir. Extremos igualmente perigosos...

Faltava a prova do palco para se tirarem conclusões. A entusiástica adesão do público, que, durante quatro dias de exibição, ocorreu ao Politeama constituiu resposta amplamente afirmativa. Na mesma altura, saliente-se, em que a nova peça (?) da Companhia de Amélia Rey Colaço era recebida com uma enorme patada e pouco depois de terem calado meteoricamente «Os Visigodos», pela mesma companhia, e os dois espectáculos do Variedades.

Gutkin (conforme afirmou numa das entrevistas que concedeu), escolheu para a sua encenação um tom cerimonial e orgiaco. O aspecto orgiaco, aliás subjacente no original, permitiu-lhe criar focos de agressão aos convencionamentos receptivos da maior parte dos espectadores, e, por outro lado, contribuir ainda mais para a integração da peça num clima estético e sociológico de hoje; a caracterização cerimonial (para lá da beleza formal que trouxe a muitas cenas — a primeira, por exemplo), possibilitou a exteriorização de uma sátira pungente aos rituais alienantes com que, nos nossos dias, se mascaram os mais torpes desejos e as mais desonestas ambições. Enquadrando em tais linhas de força o conflito essencial de «Volpone», o encenador soube, depois, encontrar para cada caso as soluções cénicas mais corretas. Com um acompanhamento sonoro adequado (por vezes produzi-



do pelos próprios actores) e uma iluminação de grande beleza a destacar com rigor os contornos mais significativos da peça; com uma cenografia sóbria, mas altamente expressiva; com uma marcação profunda e simbólica a preencher convenientemente o espaço do palco — em tudo gravou Adolfo Gutkin a marca do seu génio teatral. Mas foi no campo interpretativo que o «milagre» aconteceu: trabalhando com actores totalmente amadores, muitos deles sem qualquer experiência anterior, o encenador foi capaz de lhes transmitir uma técnica apurada e uma invulgar homogeneidade de actuação. Se Mosca, Volpone, Célia, Voltore, Corvino, Corbaccio e Bonário merecem uma especial referência pela amplitude dos seus papéis e pelo nível que para eles conseguiram, foram, porém, os segundos planos que melhor demonstraram a excepcional capacidade directiva de Gutkin, na con-

cretização irrefutável do célebre aforismo de Stanislavsky-Dantchenko «não há pequenos papéis, há só pequenos actores». Todos, ao fim e ao cabo, contribuíram com igual entusiasmo para o triunfo colectivo, oferecendo, uma vez mais, salutar exemplo às companhias de teatro profissional.

Não queremos terminar estas notas, forçosamente incompletas, sem louvar a Fundação Calouste Gulbenkian, pelo apoio que continua a dar ao Teatro Universitário (o que seria, sem ela, a nossa vida cultural?) e sem lançar um veemente apelo no sentido de que «Volpone» volte aos palcos de Lisboa e possa depois estender ao resto do País o grito redentor da sua qualidade excepcional.

Essa a melhor homenagem que prestaríamos todos a Adolfo Gutkin, cidadão honorário do teatro português!

MANUEL ALBERTO VALENTE

A nova face de Bergman

O REALIZADOR volta ao palco. O metafísico entregase agora a uma actuação de sentido colectivo.

No Teatro Real («Dramaten») de Estocolmo, Ingmar Bergman apresenta a sua encenação de Woyzeck, de Georg Büchner — um desejo com 25 anos de idade.

Os ensaios foram públicos. A eles assistiram, sem arder pé, 500 pessoas, que puderam intervir na discussão dos problemas: «Após ter assassinado a infiel Maria, Woyzeck deveria ficar com as mãos manchadas de sangue? — Não. Os actores deveriam agradecer os aplausos finais? — Também não».

Assim, encenada colectivamente, Woyzeck corresponde à nova tomada de posição do famoso realizador e homem de teatro que há dois anos abandonou o «Dramaten» por este não passar de «uma casa de culto só frequentada por uma pequena minoria».

Bergman-69 prossegue o



caminho encetado pelo Teatro Castrop-Rauxels, que já promovera ensaios abertos ao público, e de Tony Richardson («Tom Jones»), que numa velha gare do bairro londrino de Camden Town apresenta um Hamlet popular com entradas a 20 escudos.

O espectáculo do Teatro Real custa agora cerca de 30 escudos (anteriormente

chegava a custar mais de 90...), os lugares deixaram de ser numerados e anulou-se, igualmente, a obrigação do traje de rigor. A própria arquitectura do Teatro foi modificada: Bergman mandou colocar no palco algumas filas suplementares, de modo a que os espectadores pudessem ficar mais próximos do acontecimento cénico. Deste modo se rasgou a «cortina invisível» entre o palco e a plateia.

A acção do Woyzeck, que decorria no Hesse em 1830, foi transportada por Bergman para a Suécia de 1910; manteve-se confuso a pujante força interventora da obra-prima de Büchner.

Quebrando o mito do mestre demoníaco, Bergman reforça a sua popularidade. Agora, o ideal do director do «Dramaten» consiste numa «bicha de 200 metros à porta da bilheteira»...

Viremos a ter também no cinema este Bergman popular?

Um leitor na polémica

EX.º SR. DIRECTOR

Leitor assíduo do «Diário de Lisboa» (agora biassíduo, com as duas edições) li com desgosto no Suplemento Literário deste seu (desculpe) nosso jornal uma resposta a Carlos Porto escrita por Jaime Salazar Sampaio e Artur Ramos respectivamente autor e encenador da peça «Os Visigodos» estreada no Capitólio pela Companhia de Amélia Rey Colaço.

Com desgosto por Artur Ramos, visto que de Salazar Sampaio só sei que dele foi representada outra peça no D. Maria. Mas de Artur Ramos — embora só o conheça de o ver no palco, no final das peças por ele encenadas — habitude-me às suas tomadas de posição, às suas críticas de teatro na «Seara Nova», onde não impera o insulto ordinário, como desta vez, infelizmente, aparece na carta a Carlos Porto.

Como estão longe António Sérgio e Raul Proença!

Será para isto que queremos liberdade de Imprensa? Onde está a democracia de Artur Ramos? Onde o direito à crítica? Ou não saberão o autor e o encenador que qualquer espectáculo vindo a público com bilhetes à venda (caros) é passível de crítica?

Aliás, a opinião de que a peça era má não é só de Carlos Porto (ver Tavares da Silva em «Diário de Lisboa» e Orlando Neves em «República»). E há agora a minha opinião só como espectador de teatro (paguei quarenta escudos por uma plateia).

A peça não era má, era péssima — e também fui dos que pateei circunspectamente, elaro). Mas ao fim e ao cabo o que é que isto prova? — Que os autores e encenadores são todos bons, e os críticos e o público é que não percebem nada de teatro. Portanto, a peça e a encenação são boas e incriticáveis. Mas julgará Artur Ramos que só ele sabe de teatro? Só ele poderá ser crítico? Vejamos uma das suas críticas («Seara

Nova» n.º 1435, Maio de 1965, peça O Pomar das Cardeiras):

«Mas tenho a assinalar uma marcação excessivamente rudimentar no que toca aos figurantes e aqui ou ali uma rarefacção de movimentos que se torna incómoda. E não percebo porque deixou Manuel Lereño envelhecer tão ridícula e o velho Mira. O encenador tem de ser o primeiro e o mais severo crítico do espectáculo: como foi possível escapar-lhe uma deficiência que toda a gente notou?».

Espero que a Luzia Maria Martins não lhe escrevesse nenhuma resposta sob a égide de ninguém.

E na mesma crítica de Artur Ramos pode ler-se mais abaixo: «José de Castro, Maria José e João Perry, no excelente nível a que nos habituaram — como costumava dizer-se nos jornais diários». Quer isto dizer que os jornais diários já evoluíram nas críticas de há quatro anos para cá, ou que Artur Ramos queria que eles continuassem a dizer bem de tudo (alguns ainda continuam)?

Termino com as palavras de Bernardo Santareno que Artur Ramos aproveitou para encerrar a sua crítica de teatro na Seara Nova n.º 1460, de Junho de 1967: «Devemos, pois, lutar por um teatro facilmente comunicável à maioria, em que cada espectador aprenda a dar voz aos seus sofrimentos merecidos e em que cada representação seja, pelo menos, um acto de justiça».

De verdade, Artur Ramos acha que Os Visigodos tinham alguma coisa com isto?

E agora cá fico, Esperando Novembro. Lá estarei.

RAUL DOS SANTOS BARROSO DE OLIVEIRA.

P. S. — Não conheço Carlos Porto, nem sequer o vi, nunca entrei na «Tarantela» e até discordo dele quando diz que a interpretação é boa. Eu não achei.

Lisboa, 24-4-69.

R. S. B. O.

Protesto (com abaixo-assinado)

Os signatários protestam contra os termos da resposta de Artur Ramos e Jaime Salazar Sampaio, publicada nesse suplemento, ao artigo de Carlos Porto acerca da peça «Os Visigodos». Ao tomarmos esta posição cumprimos o dever moral de denunciar a prática de um tipo de discussão em que

o insulto e até a ameaça física se substituem ao debate dos problemas em causa. Parece-nos, além de tudo o mais, que não pode bem servir o teatro quem despreza as regras mínimas de uma polémica que, neste momento mais do que nunca, é necessária e urgente. Solidarizamo-nos inteiramente com Carlos Porto, que se limitou a exercer o seu direito de crítica.

Lisboa, Maio de 1969.

uma dádiva à cultura nacional

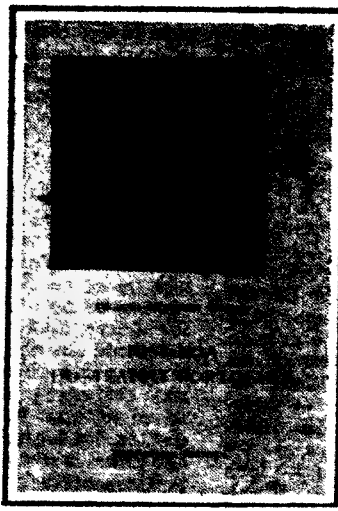
HISTÓRIA DO TEATRO PORTUGUÊS

por Luciana Stegagno Picchio



...este entusiasmo lúcido por uma literatura que se procura compreender nas manifestações mais vivas e mais típicas ao longo de sete séculos, fazem de Luciana Stegagno Picchio, historiadora integrada no actual e voltada para o futuro, um dos mais notáveis intelectuais do nosso tempo.

JACINTO DO PRADO COELHO



a) Joaquim Benite, Amadeu Lopes Sabino, Fernando Assis Pacheco, Mário Castrim, Silva Costa, Raul Rogo, José Carlos de Vasconcelos, Afonso Praça, César dos Santos, Manuel de Azevedo, Joaquim Letria, Tavares da Silva, João Gomes, Renato Boaventura, Pedro Alvim, Torquato da Luz, José João Louro, Orlando Neves, Figueiredo Filipe, Diana Andrigo, Armando Pereira da Silva, Jorge Almeida Fernandes, Máximo Lisboa, Maria Manuela Ferreira, Oliveira Pinto, Vítor Direito, jornalistas; Maria Eduarda Pimenta, José Mendes Gomes, Simão José Martins, João Jordão, do Grupo Cénico da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa; Carmen Gonzalez, Fernando Teles, Fernanda Alves, Fernando Gusmão, actores; Ernesto Sampaio, Pedro Oom, Virgílio Martins, escritores; Luís Fortuna de Carvalho, diligente cineclubista.

PORTUGÁLIA EDITORA
Av. da Liberdade, 13, 3.º — LISBOA

Exposições de grupo

por Rocha de Sousa

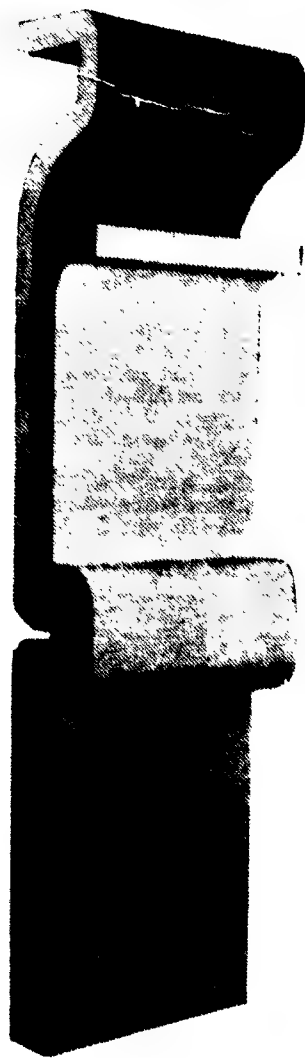
ANGELO DE SOUSA, ARMANDO ALVES, JOSÉ RODRIGUES, JORGE PINHEIRO
Soc. Nacional de Belas-Artes

QUANDO NESTAS PAGINAS me referi, a propósito da Exposição de Tapeçarias Francesas Contemporâneas, ao programa cultural da Sociedade Nacio-

nal de Belas-Artes, dizendo que se encontra empenhada numa acção pedagógica de certa envergadura com o funcionamento do Curso de Formação Artística. No âmbito das opções assim pressupostas, dentro de um esquema atento às oportunidades, estariam com certeza as iniciativas capazes de fazer a documentação junto do público de grupos de artistas

S.N.B.A. concretizou publicamente uma linha de rumo que pressupõe novas directrizes e que se renova a outro nível com a apresentação de um vasto conjunto de peças de Angelo de Sousa, Armando Alves, José Rodrigues e Jorge Pinheiro. Deve no entanto lamentar-se que não seja anunciado na imprensa e comunicado aos sócios, de

teresses começam a mover, assim procurando responder aos efeitos da procura por forma a salvaguardar a autonomia da profissão e a maior força do seu papel social. O trabalho resultante desse esforço fez-se público há algum tempo no Porto e teve agora uma concretização mais enfática pelo convite que a S. N. B. A. dirigiu individualmente a aqueles artistas. Desse convite resultou a abertura de uma exposição de grupo, proposta pelos autores em referência e transferida pela entidade promotora para o seu plano de actividades. Mais do que a própria surpresa causada pela apresentação do significativo conjunto de obras, desde a quantidade à qualidade, é o sentido de atitude que assume propositões invulgares, não apenas por corresponder a um esforço colectivo de afirmação estética e social, mas igualmente por surgir de uma nítida capacidade por parte dos artistas de gerir a sua produção e controlar o seu destino. Al se inscreve, de resto, a noção de um dever superior que corresponde também à sobrevivência da arte, reconhecida a moral dos comportamentos, e o rumo e a verticalidade que a tanto podem conduzir. Isto compete aos artistas, fundamentalmente, e a que-



Uma peça de Armando Alves

dever, talvez um dos mais altos e urgentes deveres sociais.

SITUAÇÃO DOS ARTISTAS

Angelo de Sousa, Armando Alves, José Rodri-

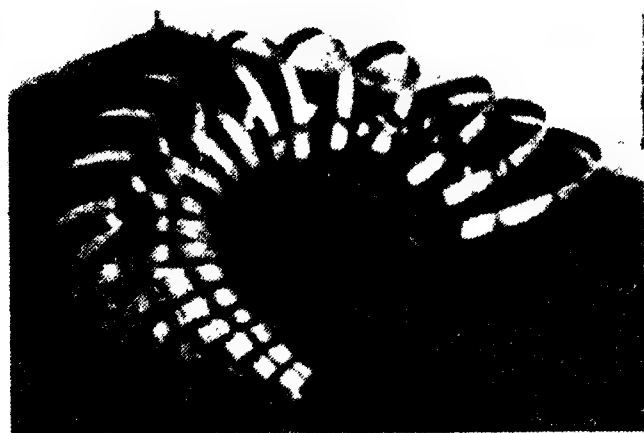
natural do Porto e dos seus deuses nasceram no Ultramar, em Luanda e em Lourenço Marques. Devem certamente a maior parte da sua formação à Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde têm exercido funções docentes, desempenhando um papel activo na redescoberta de carácter pedagógico em curso naquele estabelecimento de ensino. Desse enquadramento profissional resulta também o seu enquadramento na vida artística portuguesa, onde do mesmo passo têm procurado desenvolver uma actividade interventora de incidências bem definidas. Mas a sua dimensão intelectual, o seu tipo de cultura e as formas que produzem, nada devem a uma mentalidade regionalista nem se circunscrevem ao retrato fechado de uma crónica provinciana. As obras expostas na S. N. B. A. correspondem a uma sensibilidade nova, arduamente conquistada por grande parte dos artistas actuais portugueses e respondem às exigências de uma comunicação universal que deve resultar do encontro das culturas.

REPRESENTAÇÃO DOS ARTISTAS

Dos artistas presentes na exposição da S. N. B. A., José Rodrigues parece ser o que melhor conseguiu consolidar as suas ideias e harmonizar, num contexto de grande coerência, as diferentes experiências escultóricas e gráficas. Deslocando o critério tradicional da colocação espacial das peças e alterando o processo da sua leitura, não apenas pela introdução de movimentos possíveis mas também pelo desdobramento dos dados positivos e negativos de uma forma. José Rodrigues desenha espaços que se pluralizam por vezes de maneira ambigua e se adivinha a uma investigação dinâmica.

Mais na escultura do que na pintura, Angelo de Sousa propõe-se a uma clareza que pode confundir-se com a facilidade, mas que decorre sobretudo de uma exigência experimental definida de jogar. O apelo das suas peças mutáveis, em tiras metálicas capazes de

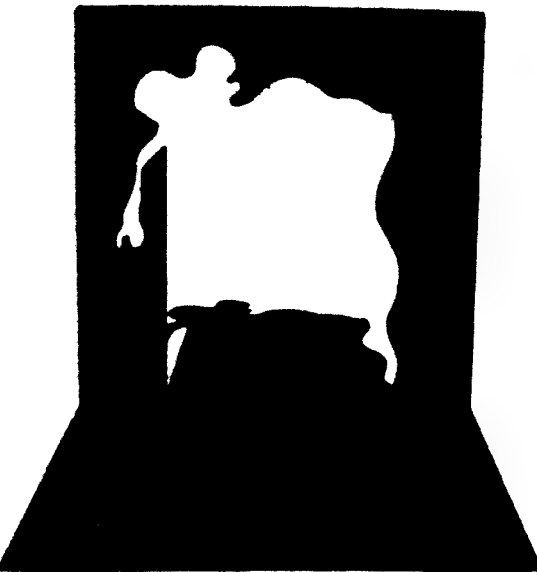
(Continua na 6.ª página)



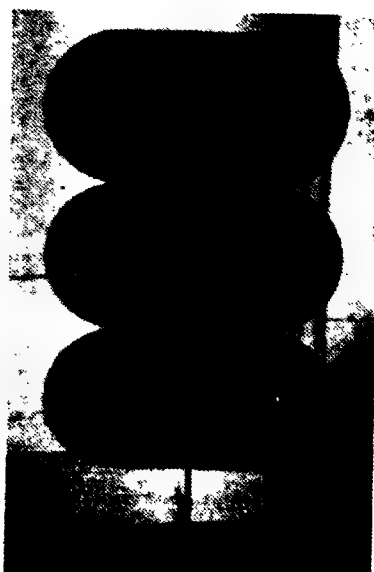
Angelo de Sousa, exigência experimental

las pessoas que pela sua função, como os críticos, devem à sociedade um papel esclarecedor de apolo e de severa exigência coordenadora. Para a exposição em referência, estritamente limitada ao domínio profissional em que se situa, Rui Mário Gonçalves escreveu uma excelente nota introdutória onde afirmou com rara oportunidade: «A hipótese da morte da arte, que Hegel também anunciara, não é uma hipótese impossível. Simplesmente, não é uma morte natural, pois não é um esgotamento da capacidade criadora dos artistas o que se verifica. É a sua função social que é inibida pela natureza da sociedade contemporânea. Os artistas e os críticos têm que juntar-se para defender a função social da arte. Não por qualquer saudosismo e decorativo respeito outrora resplandecentes, mas porque há que afirmar que é na criatividade que se encontra a verdadeira definição de sociedade humana. A defesa dos direitos da criatividade é portanto um

gues e Jorge Pinheiro são geralmente apontados, em Lisboa, como artistas do Porto. O regionalismo destas designações e ao mesmo tempo as fronteiras de desse modo se estabelecem à convivência, geram perigosos impedimentos a um frutuoso intercâmbio de ideias. Mas nenhum daqueles artistas é



José Rodrigues e Jorge Pinheiro: da investigação dinâmica à contestação do quadro-de-pareda



organizados segundo diferentes critérios: tendência ou de um tempo, congregados em torno de um programa de acção, ligados a certas especialidades. O empenho desta atitude, se não fosse do conhecimento geral pela convivência ainda realizada entre nós, podia afinal, deduzir-se das próprias renúncias da S.N.B.A. ao longo dos últimos anos, no confronto estabelecido com outros organismos recentes e enquanto os problemas da sobrevivência ao nível económico ganhavam prioridade ou pelo menos densidade considerável. Aberto o precedente do critério atrás referido, tendo em conta algumas exposições de grande formato ou de interesse didáctico, bem como a própria exposição de tapeçarias francesas, a

acordo com o próprio estatuto e segundo a melhor norma de correspondência às pessoas interessadas, o teor do itinerário cultural que a Sociedade pretende percorrer, de resto já expresso em certa medida e agora referido com lacunismo no catálogo desta última exposição de grupo, primeira de uma série prometida.

SENTIDO DE UMA ATITUDE

Do esforço conjugado de Angelo de Sousa, Armando Alves, Jorge Pinheiro e José Rodrigues deve dizer-se que ele corresponde à própria necessidade que o artista português experimenta de se reunir em grupos devidamente organizados, e portanto resistentes às pressões que os diferentes in-

EXPOSIÇÕES

GALERIA BUCHHOLZ Rua Duque de Palmela	HELENA ALMEIDA, UM ESPAÇO ONDE AS FIGURAS SE COISIFICAM
GALERIA 111 (cave) Campo Grande	COSTA PINHEIRO, O PODER DA MÃO E A REFLEXÃO DA ESCRITA
GALERIA QUADRANTE Av. Luís Bivar	ANTÓNIO AREAL, O VAZIO ILUSTRADO (*)
GALERIA DIVULGAÇÃO Rua D. Estefânia	MILY POSSOZ, PAISAGISMO E GATOS
GALERIA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN R. Marquês da Fronteira	EXPOSIÇÃO DE OBRAS RECENTEMENTE ADQUIRIDAS PELA FUNDAÇÃO
GALERIA DE ARTE MODERNA S. N. B. A. Rua Barata Salgueiro	ANTÓNIO SENA, UMA ESCRITA EM DEFINIÇÃO
S. N. B. A. (Salão) Rua Barata Salgueiro	ARMANDO ALVES, JOSÉ RODRIGUES, JORGE PINHEIRO E ANGELO DE SOUSA, NUMA EXPOSIÇÃO DE GRUPO DE GRANDE INTERESSE

(*) Notícia e comentário na próxima semana.

FERNANDA BOTELHO

« uma obra de literatura essencialmente literária, esteticamente evoluída, invulgarmente culta » (José Palla e Carmo).

ACABA DE SAIR

TERRA SEM MÚSICA

Volume de 312 páginas: 40\$00

Colecção Autores Portugueses

Outras obras de Fernanda Botelho publicadas na mesma colecção:

O ÂNGULO RASO	35\$00
CALENDÁRIO PRIVADO	30\$00
A GATA E A FÁBULA	30\$00
XFRAZADE E OS OUTROS	30\$00

LIVRARIA BERTRAND

Grangeio Crespo: novo livro, teatro

Entrevista conduzida por José Martins Severino

MANUEL GRANGEIO CRESPO nasceu há vinte e nove anos em Viana do Castelo. Poeta. Dramaturgo. Encenador. Cineasta. Jornalista. Crítico. Tradutor. Ensaísta. Artista multifacetado. Três anos nos Estados Unidos. Três anos em França. Três peças publicadas. Duas por publicar. Um filme (curta metragem) terminado. Outro (longa metragem) na forja. Uma peça, **O GIGANTE VERDE** montada em Nova Iorque. Nenhuma em Portugal.

Na hora do lançamento do seu novo livro, **NO PRINCÍPIO SERÁ A CARNE** a vez da entrevista. Tornada oportuna.

— O QUE SIGNIFICA ESTE NOVO LIVRO EM RELAÇÃO À TUA OBRA ANTERIOR? ACHAS QUE HOUVE EVOLUÇÃO, RETROCESSO, OU MUITO SIMPLEMENTE UMA PROCURA DE NOVOS CAMINHOS, ATÉ ENTÃO NÃO TRILHADOS?

— Esta nova peça insere-se na linha da minha obra anterior, no ponto de vista de conteúdo. O caminho que ela pretende apontar não difere, na sua essência, daquele que se antevê nos meus livros anteriores. Haverá, quando muito, um ângulo diferente de visão, embora os problemas sejam os mesmos. Esta nova visão dos problemas pode dar a impressão que trato de problemas diferentes, mas não é assim. Tanto esta peça como **O Gigante Verde**, pretendem abrir caminho a uma desmistificação da vida, a facilitar o acesso do homem a uma vivência directa da realidade, a uma existência pessoal e social talhada à sua medida, e não à dos mitos e preconceitos, que se tornaram meros atavismos, e se interpõem entre a consciência do homem e a sua realidade profunda (alguns lhe chamarão o inconsciente), artificializando a sua capacidade de expressão.

Do ponto de vista estritamente teatral, pode até dizer-se que esta peça representa, de certo modo, uma regressão em relação a **O Gigante Verde**, a duas peças ainda meditas, e às experiências a que me dediquei durante todo o tempo em que estive em Nova Iorque. Nesta peça, há toda uma obediência aos quadros tradicionais da peça como espectáculo, dispensando, co-

mo tal, a participação do espectador, de que me fui, pouco a pouco, afastando a partir de **O Gigante Verde**. Simplesmente, esta regressão é apenas um parêntese, porque me interessava apresentar a tese desta peça numa maneira global e coerente. Neste sentido, poderia dizer que **No Princípio Será a Carne** é uma peça didáctica, sofrendo, portanto, de certo pretensiosismo aparente que cabe ao encenador e aos actores eliminar.

— FALASTE EM EXPERIÊNCIAS EM NOVA IORQUE. EM QUE MEDIDA ESSAS EXPERIÊNCIAS CONTRIBUÍRAM PARA A TUA FORMAÇÃO DE DRAMATURGO?

Bem, foi uma experiência importante. Duma maneira geral eu já vinha, de há muitos anos, formulando a mim próprio as premissas, as concepções de espectáculo teatral em que se baseia a minha actividade, quer de dramaturgo, quer de encenador. Simplesmente foi nos Estados Unidos que eu tive a oportunidade de experimentar, de positivar essas mesmas concepções, até então mais ou menos abstractas. Pude constatar e concretizar o que para mim pouco mais era que especulação teórica.

Houve sobretudo uma convergência, uma afinidade de interesses entre o que eu defendia e o que eu encontrava na América. Essa afinidade de interesses, essa identificação de processos, fizeram que dois meses após a minha chegada a Nova Iorque eu tivesse já um agrupamento teatral, o **Re-Theater Co.**, com o qual em **St. Marks Playhouse** (uma das mais prestigiadas salas de espectáculos de Nova Iorque) encenei **O Gigante Verde**.

— VÊS POSSIBILIDADES DESTA TUA NOVA PEÇA. NO PRINCÍPIO SERÁ A CARNE, SER MONTADA EM PORTUGAL?

— Não. E por razões evidentes. Mesmo no caso de o ser, só vejo duas companhias com possibilidades, se bem que restritas de a montar. Uma seria a do

Teatro Estúdio de Lisboa, mas não sei se esta peça, se o contexto geral dela, está dentro do linha estética e ideológica adoptada pelas mentoras do T. E. L. E, ao que sei, esta companhia não dispõe de possibilidades económicas suficientes para montar **No Princípio Será a Carne**. Por outro lado, o Teatro Experimental de Cascais, dada a sua capacidade económica, e também pelas suas capacidades estéticas, poderia também pô-la em cena. Mas não vejo o mínimo interesse desta companhia pela dramaturgia portuguesa mais recente.

Haveria, é claro, a hipótese de se formar uma companhia expressamente para representar esta peça. Simplesmente, não sei de nenhum empresário com coragem suficiente para arriscar dinheiro neste espectáculo. Os empresários preferem perder centenas de milhares de escudos com espectáculos que de antemão já sabem improdutos. Em suma: a falta de imaginação dos empresários é, na minha opinião, o maior obstáculo à criação duma infra-estrutura económica para o Teatro português, que não condene o Teatro à mediocridade e os empresários à bancarrota. A semelhança do que já aconteceu com **O Gigante Verde**, prevejo que esta pe-



Grangeio Crespo: abrir caminho a uma desmistificação da vida

ça será levada à cena muito primeiro no estrangeiro que no nosso país.

— NÃO PENSAS VOLTAR AOS ESTADOS UNIDOS, E CONTINUARES LÁ AS TUAS EXPERIÊNCIAS CENICAS?

— Preferia fazer cá essas mesmas experiências. Mas se continuar, como até agora, a não ter possibilidades disso, serei forçado a vol-

tar, mais tarde ou mais cedo, aos Estados Unidos.

— ONDE PENSAS QUE POSSA ESTAR A RENOVACÃO DO TEATRO EM PORTUGAL?

— Há já muitos anos que se ouve falar de crise de Teatro em Portugal. Quanto a mim, este estado de coisas nunca passou dum mito. Um mito apenas sustentado pela inércia e pela falta de imaginação. Os teatros estão vazios, ninguém vai ao teatro, é uma verdade. Os responsáveis não param de lamentar-se que perdem dinheiro com o Teatro, mas continuam a apresentar os mesmos espectáculos de sempre, os mesmos espectáculos que sempre foram deficitários, em vez de tentarem, mesmo com certo risco, novas soluções. Perder dinheiro, por perder dinheiro, antes perdê-lo de maneira original! Eles que tentem fazer um Teatro de qualidade, um Teatro verdadeiramente actual, e veremos todos o que acontece à famigerada crise...

Promulguemos um Teatro que toque profundamente a consciência de todas as camadas da população. Mas bem vês, isto só será possível a partir do momento em que os responsáveis optem por afastar-se dos caminhos há muito trilhados, e adquiram uma certa perspectiva humana. E, sobretudo, quando os responsáveis se aperceberem de que são as ideias mais ambiciosas, quer no plano humano, quer no plano estético, aquelas que têm também maior validade económica.

No dia em que houver um empresário com coragem, visão e poder de iniciativa suficientes para fomentar um Teatro autêntico, sem compromissos falsamente comerciais; um produtor que queira, acima de tudo, produzir espectáculos que comuniquem com o maior número possível de público, os fantasmas do Teatro português iniciarão a sua debandada.

Meu amigo, não há crise de Teatro. O que há é simples-

Manifesto do Re-Theater Co.

ACHAMOS QUE O TEATRO É UMA QUESTÃO DE VIDA OU DE MORTE. Não sabemos o que o teatro deveria ser, como deveria passar de A a B e de B a C, não trazemos soluções, temos apenas problemas que cheguem para levantar de manhã à noite, sabemos porém que se o teatro não for uma questão de vida ou de morte, então o teatro não é absolutamente nada.

NÃO SABEMOS O QUE O TEATRO DEVERIA SER, MAS SABEMOS O QUE ELE É. Sabemos o suficiente acerca do que é e do que não é para podermos dizer que o teatro perdeu o lugar que ocupava na vida dos homens, à medida que o homem foi perdendo o seu lugar na vida dos homens.

O TEATRO NÃO É CINEMA.

O TEATRO NÃO É LITERATURA.

O TEATRO NÃO É POESIA.

O TEATRO NÃO É DISTRAÇÃO. O teatro é apenas distração na medida em que não deve ser chato.

O TEATRO NÃO É UM RETALHO DA VIDA. O teatro não é o sítio onde as pessoas vão para se lembrar de como a vida é boa ou de como ela é má, regressando a casa, depois de ter vertido algumas lágrimas, para continuar a deixar a vida ser tão boa ou tão má como dantes.

O TEATRO É O ACONTECIMENTO POR MEIO DO QUAL CADA UM DOS ESPECTADORES DEIXA DE SER O JOÃO, O JOSÉ OU O ANTÓNIO PARA SE TORNAR — AINDA QUE PELO ESPAÇO DUMA NOITE — UM HOMEM.

CHAMAMOS TEATRO AO SÍTIO ONDE AS PESSOAS VÃO TODAS AS NOITES DESPOJAR-SE DAS SUAS DIFERENÇAS, das suas personalidades, dos seus fantasmas individuais; chamamos teatro ao sítio onde as pessoas vão despojar-se de tudo o que as separa umas das outras, mergulhar a sua consciência nos mitos comuns, a fim de que a realização de cada homem não possa levar nunca senão à realização do homem.

CONSIDERAMOS QUE CADA VEZ QUE ALGUÉM SAI DUM TEATRO A MESMA PESSOA QUE LÁ ENTROU, O TEATRO NÃO ACONTECEU.

O TEATRO É UM ALISTAMENTO

cada vez que alguém vai ao teatro e a vida continua a mesma na manhã seguinte, é porque o teatro esteve ausente. O TEATRO, PARA NÓS, É SINÓNIMO DE TRANSFORMAÇÃO.

CONSIDERAMOS A VIDA COMO UM MEIO DE O HOMEM PERGUNTAR A SI MESMO: «O QUE É ISTO?» E «PORQUE É QUE ESTOU AQUI?» E «PARA ONDE É QUE VOU?» E «QUE PODE LEVAR-NOS DAQUI PARA ALI?». O teatro é o sítio onde as pessoas vão para não se esquecerem de fazer estas perguntas, e o sítio onde voltam para se assegurarem de que as respostas a que chegaram, e que serviam ontem, ainda servem hoje.

A QUESTÃO É SEMPRE: O QUE SIGNIFICA SER UM HOMEM? e a vida deveria ser sempre a expressão desta pergunta. Por a vida ter cessado de tentar responder-lhe é que os homens deixaram de precisar do teatro para moldar as suas vidas.

UM TEATRO É O SÍTIO ONDE O HOMEM FAZ PERGUNTAS. Não as perguntas do João, do José ou do António. Não: como consegue o António ser António, mas perguntas de homem: como pode o António ser um homem, antes de ser o António.

AS DIFERENÇAS SÃO APENAS RELEVANTES QUANDO AQUILO QUE É COMUM ESTÁ JÁ INTEIRAMENTE REALIZADO. O teatro, que é o coração duma civilização, também pode ser o braço com que o homem a recusa.

QUEREMOS QUE A VIDA SEJA A EXPRESSÃO, NÃO A TRAIÇÃO DO HOMEM, e chamamos teatro à manifestação desta vontade.

OS HOMENS VÊM TODOS DA MESMA ORIGEM, e se eles se dirigem para alguma meta, só lá poderão chegar juntos.

O TEATRO É O LUGAR ONDE OS HOMENS VÊM PARA COMPREENDER QUE O FUTURO É O SEU PASSADO COMUM, A SUA COMUM HERANÇA.

Março de 1965.

(Manifesto do Re-Theater Co., grupo de teatro fundado e dirigido por Manuel Crespo, em Nova Iorque)

TEILHARD DE CHARDIN

CARTAS DE VIAGEM

A América, A China, A Mongólia, A Manchúria, O Japão, A América Latina, A Rússia.

A epistolografia de Teilhard de Chardin é uma chave única para se compreender a raiz do seu pensamento teológico, a importância das suas descobertas e explorações no domínio da geologia, da antropologia, da paleontologia.

PORTUGALIA EDITORA



mente divórcio entre a vida cultural e a vida económica. A difusão da cultura (e não a que falo de difusão e não de conteúdo) ainda não é, em Portugal, objecto de exploração sujeita às leis do desenvolvimento

— VES HIPÓTESE DE FORMAS EM PORTUGAL UMA COMPANHIA DE TEATRO SEMELHANTE AQUELA QUE TIVESTE EM NOVA IORQUE, A RE-THEATER CO.?

— Vejo. Existem muitos factores que me levam a pensar que haveria possibilidades de fundar aqui uma companhia de Teatro como aquela. Existe uma juventude à procura dum Teatro novo que exprima e ajude a formular aquela cultura dinâmica que parece ser a única possível. É claro que para formar uma companhia como a que pretendo, é necessário dinheiro. Nem sequer muito dinheiro: algum dinheiro apenas. Ora eu presentemente não o tenho. Todavia, acredito que haja uma geração de jovens capitalistas cientes do valor social e até económico da cultura. Simplesmente eu não conheço nenhum.

E mais: tenho a certeza (Continua na página seguinte)

absolutíssima que, companhia que eu formasse e dirigisse, estaria completamente imune a qualquer descalabro financeiro.

— NÃO ACHAS ISSO DEMASIADO OPTIMISMO, PARA NÃO LHE CHAMAR ARROGANCIA?

— Não. Todos nós sabemos que os serviços úteis não estão sujeitos ao perigo de falência. Qualquer homem de negócios o sabe. Vês as padarias a fechar? Ninguém pode deixar de comprar pão. Se os teatros passassem a proporcionar às pessoas algo de verdadeiramente útil, funcional, relevante para as suas vidas concretas, não haveria a temer que o público se afastasse deles

— AO LER NO PRINCÍPIO SERÁ A CARNE, APERCEBI-ME QUE O AMOR É O TEMA FUNDAMENTAL DESTA TUA PEÇA, COMO ALIÁS DE TODA A OBRA TUA QUE CONHEÇO. QUER-ME ASSIM PARECER QUE O AMOR É O TEMA FUNDAMENTAL DE TODA A TUA OBRA. FALA-ME DISSO.

— Francamente não acho. É claro que dou uma im-



AQUELE MARMELO!

por Alexandre O'Neill

VENÂNCIO tinha-se por uma sensibilidade artística, dando à escultura — a eleita — lugar e atmosfera no espaço de quatro ou cinco centenas de escudos mensais em que malsemavia. A coisa começava «en douceur» — e quando as donas de casa reparavam, já os quartos de Venâncio ofereciam difíceis percursos entretecos. A especialidade de Venâncio (especialidade?) era a escultura encontrada. Isto é, as formas naturais recuperadas (ou ajudadas). Uma sortida à praia representava uma excitante operação de renovação de formas — e Venâncio chegou até a descobrir um jazigo de ossos de frango e de coelho, maravilhosamente embranquecidos, nas areias da devorada Cova do Vapor. Pedras roladas possuía para clima de trezentas e, dessas, Venâncio preferia atagar, com sensualidade de artista e vaidade de coleccionador, uma que era tal e qual a sua própria rolada pobre cabeça. Chamava-lhe «Auto-Retrato».

Assim iam as coisas e assim continuavam naquele quarto para onde Venâncio se mudara depois duma dona de casa ter feito violenta exposição pública de grande parte da sua colecção.

*

Aos sábados, depois de sair da Caixa, Venâncio tinha de tomar as suas opções. Se o tempo se apresentava propício a excursões «esculturais», ele ensanduchava-se às pressas e apanhava o cachheiro ou o estorilato. Se o tempo era o de carranca, Venâncio ia para o quarto e lá ficava, limpa-que-limpa, mexe-que-mexe, a tratar, peça-a-peça, da sua colecção.

No «caso vertente» (obrigado, Dr. Menezes!) verificava-se a «segunda hipótese» (brigadinho, Dr. Athayyy-de!) O interessante Venâncio Amoeado, espanador em punho, já limpava, com arte e modos, joalheiros, para cima de 100 ossos e pedras. Propositadamente, com o rebaçado gozo da velha que reserva o último mais molhado beijo para o batinho da sua predilecção, Amoeado deixara o «Auto-Retrato» para o fim. Quando ele (céus!) segurava maternalmente a sua própria rolada pobre cabeça, bateram à porta do quarto. Que violação era aquela!

Venâncio, mais carrancudo que a carranca desse sábado, foi e abriu a Rita Hayworth do quarto independente, louraça alentejana traslegada, com todo o seu suco, para Lisboa, desbotava-se em grossas lágrimas frente ao Amoeado.

— Não queria incomodar o senhor...

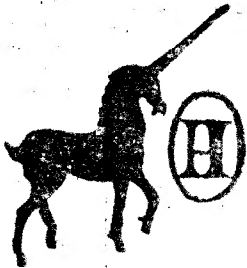
«Não queria, mas incomodou», pensou o egoísta do Amoeado.

— ...mas veja o que aquele marmelo me fez!

A Rita Hayworth de Santiago do Cacém mostrava, bem patentes, dois sapatos de tirinhas que pareciam aranhas gigantes sobre palmeiras de goiabada. Os sapatos estavam novos e as tiras tinham sido metódicamente cortadas à tesoura.

Amoeado ficou aturdido. Na mão, saltitava-lhe o «Auto-Retrato».

No pequeno café aonde a levou (de sapatos velhos) para a sande e o galão da consolação, Venâncio Amoeado foi-se apercebendo, com dor e alvoroço, que a vida não é só pedra, não é só osso...



«Avril à Paris»

Folhetim artístico de José-Augusto França

UM CURTO ABRIL de entré-aviões, mas, ainda assim, tempo de ir à direita e à esquerda ver isto e aquilo — no longo «menu» que o princípio da Primavera começa já a oferecer, ou oferece ainda, ao termo do Inverno. Estamos aqui entre duas partes da «saison» que em três se divide, conforme o ritmo das estações solares. O Inverno acabou e com ele um grupo de exposições, para que outras comecem. E o Inverno de 69 foi especialmente brilhante, com Archipenko (Museu Rodin) e Mondrian (Orangerie) — enquanto a Primavera se anuncia já, com a grande exposição da Bauhaus, de Abril a fins de Junho.

A exposição de Archipenko deve-se ao International Art Program da Smithsonian Institution de Washington e vai andar pelos museus da Europa a oferecer uma notícia concreta da obra deste grande escultor que foi da Europa para os Estados Unidos em busca de possibilidades de vida, depois de uma existência errante, entre a sua Ucrânia natal, Paris e Berlim. Fixado em 1923 na América, foi o primeiro dos grandes emigrantes da arte ocidental; em Nova York morreu, há cinco anos, com setenta e quatro. A sua escultura, de importância fundamental no quadro do sistema cubista, é mal conhecida ainda hoje e uma auréola de inventar acompanha abstractamente o seu nome, na Europa. Com Lipchitz, Zadkine, Gabo e Pevsner, ele é, porém, um dos quatro grandes escultores da sua geração, todos eles ruços e sem dúvida maiores que Laurens e com maior capacidade crítica que Duchamp-Villon. A ele se deve, em 1912-13, o entendimento dum volume recíproco como ilusão correspondente ao volume táctil da «grande boneca». Na verdade, foi essa invenção que fez alterar a definição tradicional da escultura, formulando uma falsa natureza ao invés da verdadeira, um modelo mental ao invés do modelo natural. O equívoco especial dos cubistas provocou em Archipenko um esquema volumétrico equívoco também, no qual o «vazio», ou o

côncavo, se iguala, em idêntico sentido metafórico, ao «cheio», ou ao conexo. Muito de Henry Moore vem desta proposição de Archipenko — mas já numa fase regressiva, voltando à antropomorfia que o escultor de 1912, uma geração atrás, abstratizava. Depois, Archipenko defenderia a policromia na escultura, a «esculptopintura» e mais tarde inventaria a «archipentura», sistema de imagens mecânicamente variáveis, e no fim da vida criaria estranhas formas decorativas de tecto mágico — mas é na formulação do seu volume ilusório que uma verdadeira magia de sentidos se revela e se propõe, criação maior dos grandes anos 10 da nossa (ainda) vida mental e sensitiva.

...Ao fim deles, ou logo no início da década seguinte, foi o turno de outro grande criador chegar ao momento mais exacto da abstracção: Mondrian, 1920-21.

A exposição que, finalmente, um comité organizador presidido por Jean Leymarie, novo director do Museu de Arte moderna, pôde realizar em Paris, presta a homenagem por Paris devida e bem devida àquele que foi, durante mais de vinte anos um pintor desta cidade. Mas não desta «escola», que os seus princípios eram outros, dentro duma «teosofia» que ultrapassa o jogo de sensibilidade parisiense.

«Teosofia»: a palavra é de Michel Seuphor, que foi amigo e biógrafo de Mondrian e que, durante muitos e muitos anos, pela sua glória se bateu, num meio ingrato e surdo. É dele o prefácio do catálogo que assim termina: «Mondrian na Orangerie! Ninguém poderia imaginar desforço mais belo do que este, que nos é dado ver»...

Pintor e «teósofo», Mondrian deu um sentido novo à nossa vivência visual, clarificando-a por dentro. A linha extremamente lógica que percorre e explica a sua obra impõe o que se poderia dizer uma «metalinguagem» cartesianiana. Ela está para além da operação mental dum es-

prito bem aplicado, porque tem que ver com uma invenção empenhada em bem aplicar a alma. A alma do criador, no meio das almas das suas criaturas. Pintor e pinturas consubstancializam-se num movimento unitário que é o próprio formulário dum Universo composto nas múltiplas situações da perfeição. Pintura pedagógica, com o seu dinamismo essencial, a pintura de Mondrian ensinou a viver mais do que a ver. Por isso ela foi ignorada, no seio duma sociedade detida no olhar que à superfície das coisas belas (e, tanto! da natureza) se pousava.

A história da leitura possível da pintura de Mondrian constitui um dos mais curiosos mal entendidos da cultura ocidental. Sem dúvida, o pintor agiu fisicamente, ao simplificar a forma da «sua» Árvore Vermelha, entre 1908 e 1913, até à estilização abstracta — mas neste movimento não é propriamente a metamorfose que conta. Mondrian situa-se assim para além do quadro mental do cubismo, essencialmente metamórfico, em busca dos valores poéticos que nos anos 20 se definiriam neo-plasticamente — e que tão mal entendidos necessariamente seriam dentro duma lógica estrita que marcava os limites do sistema cubista, digerido ao longo destes anos.

A Semântica mondrianiana é, paralelamente à surrealista, a mais rica de valores criativos, na primeira metade do século. A mais realista também, dentro duma situação objectiva que se definia em função do universo-máquina. Dir-se-á ainda que ela continua a agir dentro do novo sistema destes anos 60, do universo-computador.

A máquina, perigo ou ajuda do homem, mito e ogre desses anos 20, foi o fulcro do fenómeno do Bauhaus. Escola e quase falanstério, o Bauhaus foi então a grande criação da cultura ocidental — e como tal naturalmente morreu às mãos estúpidas do nazismo. Uma consciência pedagógica, que vem animando

os últimos anos, leva a revalorizar o ensino desta instituição, base de toda e qualquer reforma do ensino das artes visuais que se tenha realizado ou queira realizar, a sério, ainda hoje.

Mas, mais que o ensino directo é o ensino indirecto que conta no espírito do Bauhaus — uma espécie de ensino de ensinar e de aprendizagem de aprender, contra todos os vícios «catedráticos» das correntes pedagógicas tradicionais. Uma moral do ensino assim se estabeleceu, nesta Alemanha de Weimar — moral que não era alheia àquela que das pesquisas de Mondrian e dos seus amigos se extraía. Em 1921 fez-se no Bauhaus um curso sobre «De Stijl», a revista do neo-plasticismo — e um movimento se conjuga ao outro, no que devia ser uma reforma de mentalidade. E foi, numa certa medida, dentro do possível da sociedade burguesa que em breve seria «de consumo», alheia aos valores éticos da produção.

Paris teve agora ocasião de estudar o ensino do Bauhaus, no qual, satisfeita com o sistema napoleónico das Beaux-Arts que pelo mundo (e até ao triste convento de S. Francisco de Lisboa), irradiou, ou contente com a independência «malline» da sua produção individualista — nunca foi capaz de acreditar. Que esta exposição itinerante pela Europa tivesse tido lugar ao mesmo tempo que a de Mondrian, faz duplicar a lição.

Paris em Abril tinha estas três exposições — e mais vinte outras (de Leger, de Giacometti, de Schlemmer, de Odilon Redon, de Max Ernst, de Berroald, de Andre Bloc, de Peverelli, de Claude Georges, de Viellard, de Appel, de Nevelson, de Hajdu, de Munch, de Kowalski, de Segal — e de Vasco Costa, notável pintor português há trinta anos fora de Portugal e exposto agora na Fundação Gulbenkian, na Avenida d'Iéna, antes de vir a Lisboa, à Buchholz).

...O que foi havendo em Lisboa será objecto do próximo folhetim.

Exposições de grupo

(Continuação da 3.ª página)

torções previstas segundo uma estrutura dinâmica, compromete o espectador de forma irreprimível e íntima, a uma profunda e não-jogo criador de consequências surpreendentes. O experimentalismo de Angelo de Sousa, desce na extrema simplicidade das construções, quer gráficas quer escultóricas, e assume lucidamente o carácter efêmero dos materiais em que se apoia, dos quais parte a descoberta de outras formas de jogar — e portanto de agir.

Jorge Pinheiro contesta a proposição do quadro-de-parade e resolve formas que coincidem com o plano recortado em que se definem. Aqui, o autor despersonaliza-se, fugindo a todo o conteúdo dramático para além da psicologia da cor. Procurando uma síntese de consequências extremas, Jorge Pinheiro agita apenas faixas cromáticas agressivas que tracem no plano, por vezes, um espaço escultórico virtual.

Armando Alves, cuja obra no domínio das artes gráficas tem um especial recorte e uma presença de indistinctivo valor no meio correspondente, apresenta sobretudo pinturas abstractas, cujo informalismo e tratamento apar-

datados sem remédio e sofrim, na exposição, o impiedoso confronto com uma outra dimensão criativa, mais nova e menos resôlica.

ROCHA DE SOUSA

ESCLARECIMENTO

No texto que dedi-quei à exposição de Eurico Gonçalves, presente na Galeria Quadrante, tomei a iniciativa de comentar a recente troca de correspondência entre os críticos e os artistas, no estilo das chamadas cartas abertas. Citei Fernando Pernes e Noronha da Costa, que assumiram claramente essa atitude, e referi depois, pelo irremediável paralelo que se estabelece, o próprio texto de Eurico Gonçalves publicado no catálogo da sua exposição. Também Niklas Skapinakis e Francisco Bronze, embora por diferentes razões e cumprindo outras exigências, estabeleceram nestas páginas uma breve e delicada conversa epistolar. A proximidade destes factos, correspondendo em certa medida, a um diálogo que principia a resolver-se e que talvez proponha como tive oportunidade de referir, formas mais íntimas e eficazes de convivência.

O arquitecto Artur Rosa, director da Galeria Quadrante, quis ter a gentileza de me chamar a atenção para a carta de Eurico Gonçalves, declarando-se responsável pela sua publicação no catálogo e garantindo que o autor se mantém de todo em todo alheio a tal iniciativa. Desejo assumir aqui esse esclarecimento, procurando corrigir uma deficiente leitura das intenções expressas no meu artigo.

R. S.



Na Galeria da Fundação Gulbenkian abriu uma exposição que comporta grande parte das recentes aquisições efectuadas em Paris por aquele organismo. Após diligências que se anunciam morosas e travadas por algumas dificuldades, as diferentes compras trouxeram para Portugal obras importantes de Columbano, Sousa Lopes, Francisco Smith, Sousa Cardoso e Vieira da Silva. As pinturas em referência serão integradas nas colecções de arte contemporânea da Fundação e ficam desse modo integradas ou reintegradas no património artístico nacional.

Na exposição apresentada faltam vinte e nove quadros das aquisições referentes a Sousa Lopes, autor de que é preciso abrir maior registo com uma exposição particular. Mas a mutilação apontada decorreu apenas da exiguidade do espaço disponível na Galeria de Exposições da Fundação Gulbenkian, que desta feita vê terminado o seu papel no plano de manifestações artísticas entretanto desenvolvido, já que dentro em breve será substituída por um aparelho muito mais vasto e pluralmente adequado a tais funções.

Grangeio Crespo

(Continuação da pág. anterior)

portância fundamental ao amor. Mas o amor é apenas um ponto de partida e não a meta a atingir. O amor é aquilo que permite às energias individuais anularem-se e combaterem-se, para se adicionarem, tornando assim possível uma criação colectiva. Até hoje a Humanidade só tem conhecido, com raras excepções, actos de criação individual resultantes duma relação de antagonismo entre o criador e a sociedade. No dia em que o amor fosse a linguagem própria da vida social, a criação da Humanidade poderia ser uma expressão positiva e, sobretudo, um acto colectivo, portanto sem des-

perdício de energias. Pensamos numa sociedade em que os homens estivessem ligados entre si como baterias em série. Nessa sociedade, aquilo que nós acorrentados a uma tradição de criação solitária, consideramos de mais nobre e relevante, não seria mais que um gesto anónimo e quotidiano. É essa criação colectiva que é a verdadeira finalidade. Mas o amor é a condição sine qua non do estado que possibilitaria tal criação. Digamos que o amor não é uma razão de vida, mas a garantia essencial para que a vida tenha uma razão.

JOSÉ MARTINS SEVERINO



ESCAPARATE

Autores estrangeiros

Título — «O Humanismo no Renascimento».
Autor — Sem Dresden.
Tradutor — Daniel Gonçalves.
Editora — Editorial Inova, Limitada.
Colecção — Biblioteca Universitária Inova.
Número de páginas — 258.
Preço — 70\$00.

Título — «A Grande Missão».
Autor — Hans Habe.
Tradutora — Fernanda Pinto Rodrigues.
Editora — Publicações Europa-América.
Colecção — Século XX.

Número de páginas — 376.
Preço — 65\$00.

Autores portugueses

Título — «Realidade Branca».
Autor — Daniel de Carvalho.
Editora — Edição do Autor.
Número de páginas — 83.
Preço — 40\$00.

Título — «Tautologias».
Autor — Raul de Carvalho.
Editora — Edição do Autor.
Número de páginas — 91.
Preço — 40\$00.

Título — «Acqua Vertebra».
Autor — Stella de Brito.
Editora — Edição da Autora.
Número de páginas — 37.
Preço — 50\$00.



OS HOMENS QUE NÃO SUPORTAM ESTAR COLADOS AO GRUPO E AOS PILOTOS

Oferecemos-lhe dezenas de vidas.
É dezenas de vidas.
Oferecemos-lhe um viver cheio de a-ventura dentro da responsabilidade.
Estamos interessados em dois tipos de candidatos:
sem e com experiência de voo.
Para ambos, é necessário:
Ter cidadania portuguesa.
Situação militar regularizada.
Satisfação de padrões de saúde.
No exame psicológico e de inspeção médica.
Candidatos com experiência de voo.
Idade de 20 anos em 1.º de 1.º.
Instituições autorizadas.
Qualquer dos seguintes requisitos:
Licença de 2.ª classe de aviação.
Licença de 1.ª classe de aviação.

Da literatura como saída

(Continuação da 1.ª página)

le «último» é um pressentimento de que já não terá energia para se reerguer das ruínas em que o amor que vive a deixar. Tanto mais que este é o «único». No vórtice do presente, os passados parecem-lhe inautênticos.

Mais ou menos, todos nós somos «dissonantes» e «desfeitos». Pela palavra interior, pela confissão, pela literatura, é que tentamos cimentar-nos num eu. «O eu é o lugar da palavra», ensina o dr. Lacan, perito nestes assuntos.

No início de Fevereiro, já vimos que aí se fala realmente na primeira pessoa: quem morre durante a intervenção cirúrgica... é o narrador. Imagina que morre, e o que os outros diriam e pensariam à notícia da sua morte.

Se contar-se é como produzir um reflexo no espelho, as quatro reacções que o narrador imagina são outros tantos reflexos dele no espelho dos outros. Jogo de espelhos, e da imaginação (jogar ao morto).

Visitemos rapidamente esta galeria *op arte*. 1) marido pós amor; 2) bom rapaz sem coragem, escritor que passará que já passou; 3) uma saudade saltada do arquivo e definitivamente lá reposta; 4) o Culpado.

Considerando a imagem que o narrador faz de si próprio — «ilusões perdidas» — o eu, a síntese, não é brilhante. E é irremediável. O tempo em que vivemos: «ritual odioso diário obrigatório, sonolento, ináspido de querer pintar interesse pelas paredes do equívoco» (pág. 53). Tempo que não corre a nosso favor: «Cada dia que passa se torna mais perigoso, e nós vivemos esse

dia-a-dia como acontece na guerra» (Hemingway, epígrafe de *Três semanas em Maio*). Amanhã talvez seja tarde, e continuamos sem perspectivas. O narrador está *tramado*, e nós com ele, se a análise de *Três semanas em Maio* é justa.

Então o amor? Neste livro o amor já terminou.

The acid? Ouvimos dizer que a «droga» faz viajar — a outro mundo, a outro tempo que não este «odioso diário». Mas trata-se de uma viagem de ida-e-volta, e no regresso provavelmente tudo aparece ainda mais medonho...

E o jogo? O jogo sim, sobretudo o literário, é a saída (privada, e pública — para o mercado) que se sugere e se utiliza em *Três semanas em Maio*. Quanto mais se torna problemática a eficácia da literatura tanto mais avulta o prazer que ela em si própria nos dá... E sente-se que *Três semanas em Maio* foi escrito com prazer.

Mas a literatura não constitui uma forma de conhecimento (de reconhecimento da ideologia, de conhecimento ideológico?) E não constrói portanto «verdade» — a subjectiva, a do eu? «Verdade» tantas vezes dolorosa (como no caso de *Três semanas em Maio*) que nos impede de classificar o jogo a literatura?

Não nos esqueçamos que ela diz a «verdade» nas suas expressões *felizes*. Dor e prazer no mesmo golpe. A literatura é uma forma de masoquismo.

De festa, portanto. «O acto de escrever, uma pequena festa íntima... E A Festa?

JOSÉ FERNANDES FAFE

Corpo e palavra

(Continuação da 1.ª página)

regressam ao rio original, à palavra única, ao lugar insubstituível do seu nascimento e unidade.

Será inútil repetir o que outros, na esteira de Oscar Lopes, já disseram: que, se este é um livro dos que o autor não gosta, se trata na verdade de um belo livro. É talvez mais interessante saber por que razões o autor se julga no direito de não gostar de um livro como este. Razões que são: é um livro esparso e privado de arquitectura; é um livro onde se não distingue a fronteira entre a prosa e a poesia. Deduzimos daqui dois valores maiores para Eugénio de Andrade: a arquitectura e nitidez das fronteiras.

São estes alguns dos elementos da dispersa arte poética que destas páginas se desprende. Existe até um texto que por «arte poética» se designa, e nele se desenvolve, com o obstinado rigor que Eugénio de Andrade reivindica, a temática da poesia como conhecimento e amor, da sua específica moral exclusiva de todas as outras, da coincidência entre o particular e o universal que nela se faz, da sua força de escândalo em que se abrem divisões entre os homens através das quais se apontam as linhas da sua unidade possível. Este é o ponto essencial: o poeta «tem a nostalgia da unidade, e o que procura é uma reconciliação, uma suprema harmonia entre luz e sombra, presença e ausência, plenitude e carência». Se a poesia exige do homem desfigurado um esforço violento para a recuperação do seu rosto, é aí que ela encontra a sua enorme dignidade: a arte, fiel ao homem, propõe essa fidelidade em palavras de escândalo, revolta e negação. O ponto de reconciliação é o silêncio: todas as palavras são afluentes.

POR outro lado, «o poeta é uma longa e só hesitação». Este estremecimento inicial frente ao risco que a criação envolve vem de o poeta saber que a linguagem em si o excede e aniquila: esse é o sacrifício, a morte irradiante que o poema constitui. Ao princípio é o ritmo, «um ritmo surdo, espesso, o do coração ou o do cosmos — quem sabe onde um começa e o outro acaba?». Essa melodia que se afirma em sucessivos clarões vai construindo uma «comunidade transparente», até se formar um «canto claro e fundo — voz do homem».

Nesse momento grave de toda a criação poética, há a convergência de três gestos: o de um grito vertical onde fulgura o sagrado, o absoluto (mas «a história dos deuses é o espelho da nossa aflição, da nossa esperança»); o de uma comunicação em que a voz singular se dilui na voz transparente de todos os homens; o de uma coincidência entre a apoteose do homem e a transbordância do ser, numa passagem insensível do antropológico para o ontológico («era uma fonte assim que procurava em cada homem, a fonte do ser»). É este movimento terceiro e culminante que constitui o sacrifício: «...a mais dura das leis — a de que (o poeta) se extinga para dar lugar à fulguração do poema, a de que deixe de ser para que o poema seja, e dure, e o seu fogo se comunique ao coração dos homens».

ACENTUEMOS ainda alguns aspectos importantes. Um, por exemplo, afirma o valor para um poeta da compreensão das formas com que trabalha. Só pelo domínio técnico dos processos de constituição da forma é que o poema se torna «um mundo cerrado» como um corpo que se abre «ao nosso

peso, à nossa aflição». Poucos como Eugénio de Andrade têm conseguido medir as consequências desta tão nietzscheana sabedoria do corpo como razão maior. Poucos seriam capazes de levar a ética do poema até ao seu limite em que se diz que «todas as morais se esbarram por alheias à sabedoria do corpo». Poucos teriam a coragem de apreender o carácter nupcial da eternidade: «O mais efêmero dos seres tem sede de eternidade, quero eu dizer: de outro corpo. Então balbucia, beija, ama, dá um subtil nome às coisas, e das dissonâncias da carne ergue-se à exacta medida do canto, ou de qualquer outra música. A luz torna-se fulguração. Toda a eternidade é isso — e não há outra.»

GOSTARIA ainda de propor um problema. É evidente que, como Oscar Lopes diz na magnífica introdução à 2.ª edição de *Poemas* de Eugénio de Andrade, se trata aqui de «uma poesia de presença». O próprio poeta o acentua quando nos comunica que o artigo procura tornar o visível ainda mais visível. Diverge assim Eugénio de Andrade daqueles que, como Virgílio Ferreira, procuram tornar visível a invisibilidade do invisível. E afasta-se também da magistral interpretação de Eduardo Lourenço, quando este, no ensaio que introduz a *Antologia* do poeta publicada pela Delfos, escreve coisas como estas: «a palavra-poética diz melhor o *abismo* que nos separa, e a separa, da Unidade que nela respira, do que a plenitude sepulta. O Poeta, feito uma só coisa com o seu canto, solicita dele o milagre de uma plenitude que ele sabe ausente e finalmente é *essa ausência* que nele se faz música e voz». Ou ainda: «esta singular desmunção de Homem para entrar na sua própria Casa que constitui toda a aventura poética. Mas esse vazio, essa ausência de nós a nós mesmos é a porta de acesso, é já o jardim deserto à espera de suas flores». Ou por fim: «é da *impotência congénita* da própria palavra-poética que nasce o apelo da plenitude».

Por outro lado, Oscar Lopes diz-nos que em Eugénio de Andrade «o encantamento órfico não pretende (...) fazer da palavra toda a fundação, ou casa, do ser». O que me parece bastante discutível, sobretudo se tivermos em conta a evolução da poesia de Eugénio de Andrade que Eduardo Lourenço veio apontar pertinentemente (em artigo de *O Comércio do Porto*, «Angelismo e poesia de Eugénio de Andrade a Herberto Helder»). Aí se demonstra a tendência do poeta para considerar a «habitação do Mundo como Palavra», e cita-se, por exemplo, estes versos onde se revela a coincidência do espaço humano e do espaço poético:

*Ergue-se aérea pedra a pedra
a casa que só tenho no poema.*

A questão é, portanto, a seguinte (e gostaria de ver Eugénio de Andrade confrontado com ela): quem canta no Poema? A plenitude como superação da ausência ou a ausência como exigência de plenitude? Será no êxtase da Palavra que coincidem a fundação do Ser e a libertação do Homem? Ou o Poema mede na alegria frágil duma palavra em plenitude a distância que no homem ainda o separa de si mesmo?

EDUARDO PRADO COELHO

(1) Eugénio de Andrade, *Os Afluentes do Silêncio*. Coleção O Espírito do Lugar, Editora Inova, Porto, 1968.

NOVIDADES D. QUIXOTE

CARLOS de OLIVEIRA

MICROPAISAGEM
(2.ª EDIÇÃO)

UMA ABELHA NA CHUVA



VINICIUS de MORAES

O POETA APRESENTA O POETA

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

«BEST-SELLER»

SÉRIE ROMANCE

Pelo autor de

SEMENTES DE VIOLENCIA
E
MÃES E FILHAS

EVAN HUNTER

ESTRANHOS QUE ENCONTRAMOS

História do pecado sem fronteiras num bairro dos subúrbios de Nova Iorque.

Leia na Série CONTISTAS

CONTOS POLICIAIS DE O'HENRY

O'Henry — um homem que cria uma história com a imaginação mais fértil que jamais existiu.

Já se inscreveu na TERTÚLIA DO LIVRO?

Peça dados bibliográficos à



Galeria Pazarinho

Rua Luís de Camões, 123, r/c, Dt. — Telef. 40616/539024/5 — LISBOA

No Reino da KATAlónia

(Continuação da 8.ª página)

ironia, a situação tende para o patético, facto que a distingue da escrita voltairiana, assaltada de sarcasmos, cingida à tradição do cómico francês. Inútil procurar n'O Reino Circular indícios da veia satírica e cómica de

Mestre Gil, de Camilo ou de Eça. Mário Braga trata o seu tema dentro do verosímil, em catarsis, para não nos afastar da excessiva indignação e aproximar da atitude crítica. A sátira ao Reino poderia prejudicar a gravidade que, desde logo, se adivinha no drama do cronista isolado

em sua torre de marfim. Em meu entender, o neo-realismo sai enriquecido com esta experiência. E, de facto, o livro põe aos distraídos a inquietante questão: mais e novos caminhos para a literatura portuguesa? Respondo: sim.

ALBERTO FERREIRA

Corpo e palavra

por Eduardo Prado Coelho



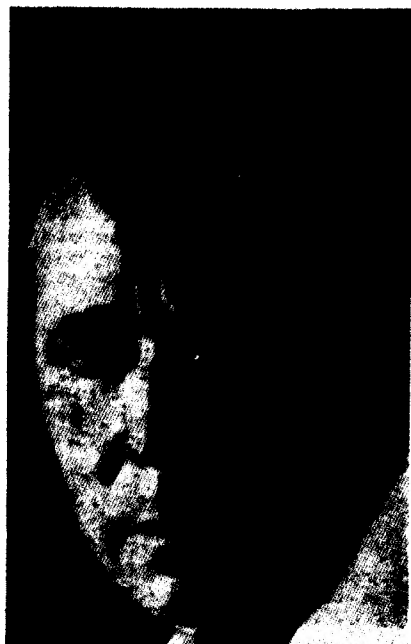
SURPREENDEU algumas pessoas menos afeitas às questões literárias que em crónica anterior se tivesse aqui dito que muitos livros só existem nas críticas (isto é, nas leituras elaboradas) que lhe são feitas. Na verdade, estava errado: não são muitos livros, são todos. Trata-se aliás de uma ideia elementar que só espanta quem nunca pensou um pouco no que é a literatura. Efectivamente, a obra-em-si não existe. Isto é, aliás, o maior equívoco dos que defendem a reacção naturalista versão soviética da *Guerra e Paz*. Talvez valha a pena re-mettermos para as análises de Sartre nesse indispensável *L'imaginaire*. Elas entraram hoje no saber comum. A obra é um falso objecto, que apenas existe através das leituras que dela fazemos. Só o ingénuo realismo do bom senso é capaz de supor que obra existe na obra. Na realidade, ela só existe quando nós a constituímos. Não quer dizer que a inventemos à nossa vontade, mas que, nos limites de variabilidade que a obra institui, nós vamos lê-la através do exercício da nossa liberdade de leitores. A obra não existe em si, porque existe para-nós, e é por isso que ela se apresenta como disponibilidade que ao longo da história os leitores vão indefinidamente preenchendo. Pensar que existe um «génio poético» independentemente das leituras das obras que esse «génio» produziu é não só um pressuposto inútil como infantil, na medida em que nada acrescenta nem altera à única relação que conta, a da obra com o seu leitor. É com estas noções fantasmáticas que se vai proclamando o «génio» de certos autores que não resistem à mínima leitura efectiva das suas obras. Não admira que os que se apresentam com tais proclamações sejam os mesmos que se revelam incapazes de ler.

É também fácil demonstrar que a obra de um grande autor (seja Camões, seja Dante) é hoje indescritível da imensa sucessão de comentários que ao longo da história a foi cobrindo e descobrindo.

TAIS verdades não constituem novidade alguma para quem conhece um pouco de literatura. Só o bom senso, sempre limitado e assediado em pseudoevidências, é que por vezes tende a esquecê-las. Mas são os próprios criadores (e não os críticos seus criados) que, felizmente, vêm afirmar estas coisas. Digo «felizmente» não se fosse pensar que se tratava da desmedida petulância de alguns críticos. Veja-se, por exemplo, o que Abelaira escreve naquele bellissimo postácio à 2.ª edição de *A Cidade das Flores*: «Creio (...) que um romance, hoje em dia, forma um todo com o comentário crítico que lhe possa fazer o profissional do pensamento (um Alain, um Lukács). É certo que uma tese como esta limita a autonomia que tantas vezes se exige de uma obra de arte. «Pois quê — dir-se-á. — Um romance não vale apenas por si mesmo?» Talvez. Mas eu descobri *A Guerra e Paz*, o *Hamlet*, etc., graças aos muitos comentários que me foram chegando às mãos. Penso que sem eles me escaparia em grande parte o significado dessas obras grandiosas. Assim como um romance não dispensa o leitor, não dispensa também a actividade crítica, esclarecedora. E pergunto a mim próprio — não sei se por amor do paradoxo, se por dor de cotovelo... — uma das razões por que os romances portugueses são menos ricos do que os franceses e italianos não provirá de a nossa crítica válida ser menos numerosa e portanto menos variada, menos criadora, do que a daqueles países?».

E como entendermos doutro modo aquela afirmação de Jorge de Sena no postácio a *Metamorfoses*, quando, a propósito de Fernando Pessoa, nos diz: «de que afinal já se gastou o desafinado disco de me acharem discípulo — quando ele é que o é meu, pelo muito que, criticamente, o expliquei por mim».

Como estamos vendo (e estes são alguns exemplos próximos dos muitos que poderíamos citar), a obra existir na crítica não é de hante invenção de «novos críticos». É a «velha crítica» ganharia bastante em ir lendo Jorge Luis Borges — num ler claramente lido.



Eugénio de Andrade: regresso à palavra única

MAS existe «nova crítica»? Não, de modo algum. Ela só existe para aqueles que, sentindo-se excluídos das várias modalidades do exercício da crítica actual, a resolvem inventar como monstro aterrador que os persegue. Existem apenas algumas pessoas que, no panorama agonizante da nossa crítica, vão procurando interpretar, em ensaios de maior ou menor fôlego, os livros que lêem. E nesse grupo de «nova crítica» cabem Oscar Lopes ou Jorge de Sena, David Mourão-Ferreira, Eduardo Lourenço ou José-Augusto França, Ramos Rosa, Gastão Cruz, Nelson de Matos ou Arnaldo Saralva. Não se trata pois de um grupo semi-clandestino e fanático. Nem se trata de excluir por atentados pessoais os grandes nomes da poesia portuguesa actual, como, por exemplo, os Torgas, os Eugénios de Andrade, os Sofias de Melo Breynner Andresen, os Cesariny de Vasconcelos, os Alexandres O'Neill, entre outros. Resumindo: não há «nova crítica», mas «críticos novos» (que por vezes até o não são): não há qualquer conluio tenebrosos entre a mais jovem poesia e a mais jovem crítica. Só nos espanta que ainda seja preciso vir dizê-lo.

FALOU-SE ali atrás em Eugénio de Andrade, e ainda bem, porque é do seu último livro que gostaria de falar: *Os afluentes do silêncio* (1). Eis uma obra que torna fluidas todas as distinções entre prosa e poesia, entre crítica e criação. Eis um poeta que sabe pronunciar sobre outros poetas algumas observações de invulgar finura crítica (leiam-se as breves páginas consagradas a Nobre). Eis um daqueles autores que, distribuindo-se embora em mil afluentes, sempre

(Continua na 7.ª página)

NO REINO DA KATA lónia

(Sem interrogação nem reticências)

A propósito do Reino Circular de Mário Braga

por Alberto Ferreira

SER-ME-IA GRATO iniciar esta crónica sob o tema igneo «Novos Caminhos para a Literatura?» em espírito polémico. Se renuncio, provisoriamente, ao registo interrogativo é por se me afigurar que a questão no estado actual da literatura e do público cairia em cheio no silêncio... ou ecoaria em escandalos de capela barroca nos grupos incognitivos que por aí pululam e se coçam desempregados. A verdade, amigos, é que o Reino abunda em zonas coroadas circularmente e não há meio de nos desembaraçarmos delas. Porquê? Por malvadez? Por maledicência? Por imprevidência ideológica? Por simples parvoíce? Agostinho de Macedo, que foi um garboso reaccionário e uma besta de maldade, classificou o Reino de Estupidez. Teria Macedo razão? Se a tinha e tem, e provavelmente terá, confesso que me sinto logrado por ter vindo de tal origem (lusitanamente pura e apostólica, fidelíssima e cristianíssima) um juízo que aprovo. Mas será o Reino estúpido ou circular? Teria o Macedo inteira razão? Deixemos isto provocativamente sem resposta.

Sendo nossa gente literata tão inclinada à auto-suficiência crítica (veja-se o caso de João Gaspar Simões, para não falar no de José Régio) e pouco propensa à autonomia reflexiva, sinto a malvada tentação de me encerrar nos nevoeiros do silêncio acerca de uma obra de arte que me despertou o apetite discursivo. Tal concupiscência (a do silêncio) mais se me crava nas carnes na medida em que podem os supercríticos tornar a chamar a digna atenção do público para a minha insensibilidade aos valores estéticos, o que seria verdadeira calamidade. Todavia, cogito eu, se todos convêm em que a Crítica não está a exercer devidamente o seu fecundante papel, porque não hei-de eu dar uma ajudinha? É, pois, na qualidade de acolito que me atrevo a opinar criticamente. E, de certo modo, a auxiliar o policiamento dos costumes literários, pois me parece que a técnica de derrube, na grande área, está a ganhar muitos adeptos. Digo isto assim porque se me afigura extraordinário que os críticos de miúcalha não tenham verificado que *O Reino Circular*, de Mário Braga, constitui obra de interesse capital (de capita, cabeça.) na hora que vivemos. Examinemos, de relance, as implicações ideológicas do livro. Representa esforço crítico notável, e notório, para situar, diagnosticar e denunciar a circularidade concentracionária da realidade nacional. Mais: em sua metódica exemplaridade, ascende a um nível de problemática com um índice de universalidade bastante para se poder aplicar a qualquer Reino deste nosso planeta. Creio ser inoportuno (pelo menos) o argumento de que a alegoria, a metáfora de cultura, a hipérbole e outros recursos clipticos para

in-situar o Reino e desfularizar as pessoas, sejam contrários ao Realismo. Pretender que o artista designe os nomes dos figurantes por Teixeira em vez de Akalinos é pura parvoíce. Por outra banda, é evidente que a exemplaridade das *Cartas de Montesquieu* se sustenta, sem vacilar, apesar dos Persas serem imaginários e a obra do filósofo ter sido publicada em 1721. O mesmo se pode afirmar dos romances de Voltaire. Dir-se-á aqui: enquanto os ditos escritores são filósofos, o sr. Mário Braga é um ignorante. Contesto! *O Reino Circular* tem matéria política e filosófica de natureza semelhante à do *Candido*, onde pontifica o sr. Pangloss. Que é génio do sr. Voltaire seja considerável nada tem a ver com o caso. Mário Braga escreveu uma história exemplar precisamente no espaço onde a circularidade está por contar. Como os senhores Voltaires do Reino se abstêm de mostrar o seu dom de narradores, Mário Braga apresentou-se, perante o público, na condição de seu cronista. Porque não? Há mais algum candidato? Óptimo. Venha à praça e apresente o seu produto. O público agradece.

Em resumo: no domínio da crítica ideológica, a obra é excepcional. Merece respeito, apoio e carinho. Por outro lado, é uma obra que exerce fascínio na imaginação adolescente pois contém algo do registo estilístico dos contos de «Mil e uma Noites», com seu sabor exótico-nada fora, aliás, dos quadros sentimentais da Nação meio africana meio europeia como é a nossa (para mal dos nossos pecados, que oscilamos entre a vocação europeia e a vocação ultramarina). O li-

vro é ainda importante por denunciar os valores retrógrados que nos impedem a expansão da sensibilidade e da razão nas esferas dos valores humanos. Situados num registo literário, cumpre observar que Mário Braga se furta justamente à influência das categorias empíricas e condutistas que determinam a criação artística sem autenticidade. Mário Braga inscreve-se na linha do realismo simbólico da estética iluminista, com diferenças de grau: a experiência e os recursos actuais permitiram-lhe apresentar-se como um caso singular na história literária portuguesa, o que não é pouco. A escrita é voluntariamente contensa. Raramente o descritivo se esgota na forma. Quer dizer: serve de «forma» para fundamentar os elementos psicológicos, morais, doutrinares, etc., que caracterizam a circularidade social. A descrição serve a intencionalidade do autor, a metáfora contém a objectivação epistemológica. Por exemplo: a hierarquia dos planos da cidade, premeditadamente construída por Akalino, o persa, revela clara intenção crítica e não o simples gosto de descrever uma cidade fabulosa. Aqui se afaia o romance da gratuidade das histórias exóticas e confirma a sua radicação iluminista. Entre as categorias estéticas utilizadas por Mário Braga, figura o humor e a categoria típica da linguagem crítica: a ironia. Não se trata de ironia formal nem de preocupação em provocar o riso, acentuar o ridículo, etc. O estilo revela-se em plena seriedade — o irónico bem entendido. E em tal ponto se manifesta mais uma rara virtude da obra: utilizando a

(Continua na 7.ª página)

VERGÍLIO FERREIRA



MUDANÇA

EDUARDO LOURENÇO